

UM LUGAR PARA
morar

EDITORA MULTIFOCO

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126, Lapa
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20230-152

REVISÃO Barbara Pinheiro

DESIGN DE CAPA & DIAGRAMAÇÃO Marina Avila

Um Lugar Para Morar

VEDOVATO, Diego

1ª Edição

Junho de 2016

ISBN: 978-85-5996-097-6

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

UM LUGAR PARA morar

O mistério de Jean-Paul Anzavour

Diego Vedovato Fortuna



Multifoco

Um destes moradores

Do universo

Um dia pode...

Deixar de lado a impecável autodestruição

E dar a volta por cima!

Pode deixar de lado uma coleção de fobias que o assombra

E se tornar incólume em um teto quente

Pode recuperar sua fraturada saúde

Sua oculta autoestima

E reaver seus objetivos

Pode um dia voltar aos estudos

Se formar no ensino básico

Levantar um notório diploma de graduação

Um de pós-graduação com maestria!

Arrumar um bom emprego

Ter uma profissão

Se tornar disparadamente o melhor no que faz

Ganhar dinheiro

Ganhar muito dinheiro
Trocar os cobertores sujos e chão gelado
Por uma elegante cama macia feita à mão por artesãos suecos
Deixar o vento frio e pingos gelados da madrugada
Para assistir uma torrencial chuva de sua enorme varanda
Pode trocar a fobia social
Pelo prazer de viver
E então se tornar uma pessoa respeitada
Agradável
Importante
Rica
Pode um dia juntar sua história
Sua vitoriosa trajetória
Escrever um livro
E sabe o mais surreal?

Um dia você ler!



Baseado
EM UMA
história
real.



Para Ana e José,
pais adotivos.



Sumário

UM	20		
DOIS	30		
TRÊS	40		
QUATRO	44		
CINCO	47		
SEIS	52		
SETE	57		
OITO	63		
NOVE	70	DEZESSETE	120
DEZ	75	DEZOITO	131
ONZE	81	DEZENOVE	136
DOZE	96	VINTE	143
TREZE	100	VINTE E UM	155
QUATORZE	105	VINTE E DOIS	160
QUINZE	109	VINTE E TRÊS	165
DEZESSEIS	112	VINTE E QUATRO	183
		VINTE E CINCO	266
		VINTE E SEIS	276
		VINTE E SETE	281
		VINTE E OITO	304
		VINTE E NOVE	317
		TRINTA	323

Prólogo

EDUARDO ALMEIDA

Inverno, de 2012.

— ... Já disse que eu não tenho *uma* redondinha no meu portamoeda. Nem notas no meu bolso. Não digo carteira, pois há séculos não tenho uma. Nem notas e nem moedas. Na verdade, nem sei se se usa carteira ainda. No meu tempo chamávamos *carteira*. Minha morada é por aqui; por ali. Por onde eu quiser ou por onde eles quiserem: os tiras. Sim, os tiras! Eles vivem me importunando. Bando de filhos da puta! Eu vou para lá, eles estão lá. Eu vou para cá, cá estão eles. Puxa! Que inferno! É pior do que aquela época quando estudava no Le Rosey. Sempre quis saber o nome daquela donzela das aulas de golfe, mas sempre, sempre havia um “tira” nos observando. Lastimavelmente, ela voltou para seu palácio no Reino Unido e eu para o meu em Paris.

Le Rosey? Institut Le Rosey, na Suíça? — pensei.

JEAN-PAUL

Primavera, de 1984.

Quando Charles Dommer ainda era ministro de relações exteriores na França, me pediu uma quantia equivalente a um milhão de euros — na época francos franceses — pois estava enforcado com uma ex-namorada fruto de um relacionamento extraconjugal que havia engravidado e o chantageava.

Bebíamos no Le Zéro de Conduite da Rua Jacob 75006. Por ali ninguém desconfiaria. Ao fundo, uma trilha sonora antiga do Speed Racer na jukebox restaurada, sugeria um tom de nostalgia. Um feixe de luz de sol faiscava pela janela e refletia nas lentes puras dos óculos Dolce & Gabbana que ele não tirava do rosto. Era uma espécie de troféu.

— Peça ao Mitterrand, ao Chirac, que provavelmente o suceda.

— Mitterrand? Você sabe como ele é! E Chirac ainda não é certo que assuma o governo. Por enquanto, ele é só mais um primeiro-ministro de merda.

— Ambos têm mais o rabo preso com você do que eu.

— As coisas não são assim, Jean. Você sabe...

— Qual a garantia que eu tenho?

— Qual é, Jean? Sou eu, hmm? Charles Dommer. Lembra-se? — Ele abriu os braços, forçando um sorriso.

— Por isso mesmo. Qual minha garantia?

— Minha vida! Minha honra! Qual é, Jean? Nós nos conhecemos desde a época do colégio! Se não fosse eu, você nunca teria sido campeão naquele campeonato de esgrima no Le Rosey.

— Grande merda.

— Na época era importante para você.

Claudine entrou pela porta da rua paralela. Um sininho pendurado na haste da porta anunciou sua chegada.

— Olá, ministro Charles. Como vai?

— Olá, madame Claudine. — Ele deu um leve beijo em sua mão. — É um prazer.

— Prazer é todo meu. Jean não me disse que estaria por aqui.

— Eu estava passando e... Nossa! Que barrigão!

— Pois é, seis meses.

— Já escolheram o nome?

— Ainda estamos em dúvida. Não sei... Julie, Cecile, Audrey.

— Jennifer, Glenda, Sophie... — complementei querendo pôr um fim no papo.

Claudine se aproximou, estalou um selinho apaixonado em meus lábios e foi até o balcão fazer seu pedido.

— Acho que ela não gostaria de saber da brasileira, certo? — cochichou ele.

— O que? Está me chantageando? — Arqueei as sobrancelhas.

— Claro que não, Jean! Nunca faria isso!

A tevê de vinte e cinco polegadas estava ligada na BBC France. Um noticiário de um suposto esquema de lavagem de dinheiro envolvendo Matthias Sanfant, Tony Declair, Stany Daeseleire, John Leyben, Jaco Poelvoorde, Ralph Mathieu e Charles Dommer rodava o mundo. Charles precisava de dinheiro para fugir para África do Sul.

— Fica para o almoço, ministro Charles? — perguntou Claudine sentando-se à mesa com um suco refrescante de framboesa silvestre.

— Para a senhora é apenas Charles. — Ele sorriu.

— Ele já está de saída, amor.

— Já?

— Já estou? — murmurou Charles.

— Seudinheiroestaránacontaemquinzeminutos, filho-daputa! — Fiz uma mímica forçando os músculos da face. Ele entendeu o recado. — Qualquer coisa, lembre-se: você não me conhece, desgraçado! — disse baixinho enquanto Claudine experimentava seu suco. Ela não percebeu minha fala.

— Sabia que podia contar com você e o grupo Anzavour.

Charles se levantou, ajeitando a coroa de seu chapéu Gelot. Rimos novamente para disfarçar. Sorrisos falsos como notas de 30 francos.

Outono, de 2010.

Naqueles vinte e seis anos, que pareciam me arrastar para uma morte — por overdose de remédios inócuos — desejável, porém tardia, pude aprender um pouco mais sobre o lixo “ser humano”. Meu primeiro dia fora da prisão em Paris tinha gosto de desforra, escarmento. A única pessoa que me vinha à mente era o atual primeiro-ministro Charles Dommer, a única pessoa que havia me sobrado, na realidade.

Corri em direção ao leste. Sozinho. Sedento. Numa esperança frustrada de me recuperar.

— DIGA QUE É JEAN-PAUL ANZAVOUR! DIGA QUE É JEAN-PAUL ANZAVOUR! — gritava no interfone de sua cobertura ao pé do Triangule D’or.

Charles continuou a negar a imagem terrível de me ver gritando em seu interfone por horas — espreitava pelas câmeras de segurança de sua grande sala de estar. Mergulhei em um completo estupor, e foi nesse silêncio que assisti Charles e seus cinco seguranças deixando o edifício de luxo onde morava em uma Rolls-Royce negra.

Ouvi pela primeira vez em vinte e seis anos sua voz novamente quando abaixou o vidro detrás daquela máquina.

— Você está péssimo! Que cheiro de merda! — Deu de ombros com desdém. — Você quer uma água, uma Coca?

— Vá se foder, Charles. Preciso daquele dinheiro.

— Que dinheiro?

— Que te emprestei vinte e seis anos atrás.

— Não sei do que está falando, senhor.

— Estávamos no Le Zéro, você estava quase se fodendo e me pediu um milhão de euros. Eu desviei do grupo e...

— Aaaah taaah! Agora me lembrei. Eu sou fiel às minhas inclinações e promessas. Você sabe disso...

Que vontade de pular no seu pescoço e destrinchar suas artérias carótidas quando ele fez aquele suspense. Só pensei.

Charles chacoalhou o punho esquerdo, consultou seu Rolex prateado ao som de seu tiquetaquear, encheu a boca de fumaça de charuto e disse:

— Sou tão fiel às minhas inclinações que me lembro exatamente o que você me disse naquele dia: “Qualquer coisa, lembre-se: você não me conhece, *desgraçado!*” — disse ele sorrindo com a voz calma cheia de ironia.

Deu o comando ao motorista que saiu serpenteando pela rua de asfalto terso.

Assisti tudo àquilo com lágrimas de raiva nos olhos.

Nunca mais o vi.

Introdução

EDUARDO ALMEIDA

Ah Paris! Cidade luz! — pensei comigo mesmo. Acho que o sonho de dez a cada dez habitantes do planeta Terra é conhecer a cidade de Paris. Agradeço a Deus por ter tido a oportunidade de visitá-la por mais ou menos vinte ou trinta vezes.

Resolvi me hospedar em um lugar simples dessa vez. — Não! Não estava com febre. Muito menos fiz voto de pobreza — Deus que me livre! É que meus planos para essa viagem eram totalmente diferentes do que estava acostumado.

Quando me refiro a lugar simples, são desses em que as camareiras não batem para entrar no seu quarto, e se estiver nu, por incrível que pareça, elas não se importam e continuam o serviço. Desses em que o colchão pinica e as cortinas dos quartos são amareladas e cheiram quartos para fumantes de motel zero estrelas. Desses em que os cafês matinais com cappuccino, pão francês e compotas de geleia são servidos na própria cozinha com mesas e cadeiras enferrujadas. Desses em que você tem que esperar caso não haja pratos e talheres limpos. Se bobear, você mesmo tem que se levantar e lavar a louça suja por um

desconhecido esfomeado. Desses em que o letreiro do lado de fora com o nome do hotel, pisca em luz difusa apenas duas letras e as outras estão queimadas. Desses em que o banheiro é coletivo e você não deve se assustar se tiver que tomar banho com suas sandálias para evitar micose nos pés, e muito menos se assustar se tiver que tomar banho com um estranho. — Sim! Era um albergue. Albergue da juventude, como dizem.

Era uma tarde fria. Tão fria que os próprios franceses estavam incomodados com o vento gélido nas ruas de Paris. Dali, não estava nem perto da Av. Raymond Poincaré, a qual estava acostumado a frequentar; e mal sabia eu que o que aconteceria naquele albergue seria o começo de uma grande mudança na minha vida.

Ah sim! É claro que nesses albergues de míseros trinta conto a diária, também se podem encontrar coisas legais: tépidas, mas legais; como estudantes e jovens animados, querendo um pouco de farra.

Ah! Como eu precisava de um pouco de farra...

Um

EDUARDO ALMEIDA

Ignorando o penduricalho de metal preso à porta dando boas-vindas aos hóspedes — “bienvenue” —, abri a porta de vidro que estava totalmente congelada. Tive que dar alguns tranquilinhos com o ombro esquerdo para empurrá-la para dentro, visto que, a maçaneta rodava em falso. Não, a porta não estava chaveada. A neve havia congelado tudo em Paris, inclusive as portas. O letreiro do lado de fora apontava com uma seta meio acesa meio apagada “L’auberge des rêves”, que seria algo como “O albergue dos sonhos” em português. Fiquei com medo de estar em lugar errado, pois a seta estava tão torta que não parecia ser ali; e de sonho aquele lugar não tinha nada. O albergue era tão simples que não sei quem sonharia um dia dormir em um lugar como aquele. Sem mais delongas, entrei.

Subi as escadas de carpete felpudo vermelho desbotado logo após alguns passos à frente da porta. Havia cerca de trinta degraus até a recepção. O cheiro era forte, de cachorro molhado. Com uma iluminação difusa com luzes bruxuleantes, pude ver jovens reunidos na grande janela, tomando garrafas verdes de

Heineken e papeando. Um tordo empoleirado na calha cheia de neve parecia resistir fortemente aos graus negativados do frio de Paris. Ele grasnava.

Ao som de uma jukebox vermelho fogo tocando Nirvana: “Come, as you are, as you were, as I waaant you to be...”, e quadros de motocicletas antigas com mulheres seminuas nas paredes, fiz o meu check-in. Um jovem belga espichou a cabeça por detrás do balcão. Falava francês com um sotaque arrastado. Fumava uma seda fina de erva cheirosa, e tragava como se fosse um cigarro qualquer.

— Aqui é liberado? — perguntei.

— Este é o albergue dos sonhos, viva seu sonho, senhor — disse ele com a voz nasalada e programada de telemarketing desanimado.

Pedi a senha do Wi-fi, que para minha surpresa era “lixo-merdaodeiotodomundo” — tudo junto. Virei-me e peguei as chaves do quarto 310, no terceiro andar. Até lá, mais escadarias arfantes com carpete vermelho. Dessa vez, dispostos em espiral.

Ouvi dizer que naquele albergue meses atrás houve um suicídio macabro. Um marido da classe alta francesa que escondia uma doença grave e sua bissexualidade fugiu de sua mansão na 8ème arrondissement — lugar onde só tem riqueza — e encontrou refúgio naquele lugar. Ele se trancou por meses em um quarto velho no segundo andar do albergue e ficou atrás da porta com uma pistola semiautomática russa nas mãos por todo esse tempo. Tomado por ódio e repúdio, aguardava ser encontrado. Sua mulher achando que ele havia sido sequestrado, afinal, eles tinham muito dinheiro; colocou a polícia do mundo inteiro atrás de seu amado *perturbado mental*. A polícia francesa invadiu o albergue após uma denúncia do próprio proprietário — um velho banguela e viciado em prostitutas negras — por falta de pagamento e um possível cárcere privado

em um sequestro inerente. Uma fila de homens de preto com máscaras e capacetes também pretos, com Colts M16A2 e AKs 47 nas mãos calorentas, subiu as escadas com seus coturnos nada calmos. Em seus olhos o doce frescor da vontade de fuzilar sequestradores e mostrar-lhes quem é que manda em Paris. A cidade luz estava prestes a ser iluminada por rajadas de fuzil e tiros de pistolas semiautomáticas quando ao ouvir o som da morte, Jacques, o marido, saiu em disparada pelo corredor e se suicidou com um tiro na cabeça, após ter dado vários tiros para o alto gritando em alto e bom som o lema da revolução francesa com algo a mais: “LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE! — EU SOU GAY! EU SOU UMA BICHA LOUCA! ADORO DAR O CU!”.

Eram boatos. Boatos com os lábios emudecidos.

Havia marcas de balas pelo teto. Então não eram boatos. Ou eram. Ou tanto faz.

Eu já havia conhecido meus aposentos. Se é que se poderia chamar aquilo de aposento. Tentei duas chaves do molho; uma destrancou. Abri a porta e tateei o interruptor; tomei choque. Era um quarto de mais ou menos... Bom, não faço à mínima ideia a medida daquele quarto, mas sei que era bem pequeno. Havia uma cama antiga — bem antiga —, ajustável, de casal e de aço inox polido à esquerda de quem abria a porta velha de madeira barata com a maçaneta engordurada de Hot Pocket. Salvo o único luxo, uma pia à direita e um cômodo onde havia um vaso sanitário de louça branca empoeirada. Só! Apenas isso.

O espelho de meia altura estava quebrado ao meio, preso em cima da pia, então não conta. O lençol era amarelo, ou branco; ou tão velho que um dia foi branco e se tornou amarelo de tanto ser lavado e passado a ferro quente. Cheirava lençol de drive-in de beira de estrada — sabão de coco misturado com cigarro e

porra de pobre. Havia um rasgo bem grande no centro desse lençol, onde tentaram disfarçar costurando com outro pedaço de tecido barato amarelado do mesmo tom. O único problema é que não precisava ser bom de vista para ver que era óbvio que a costureira que havia feito tal serviço sofria de daltonismo e parkinsonismo agudo.

E o que dizer das baratas? Uma, duas, sete, onze... Puta! Perdi as contas facilmente. Aranhas? Claro! Elas não poderiam faltar! Por todas as arestas daquele cubículo imundo havia aranhas. Suspeitava-me que se eu pedisse para a arrumadeira tirar aquelas teias nojentas das quinas do quarto, ela iria rir da minha cara alegando que as aranhas chegaram primeiro. Então, já estava até pensando em dar nomes a elas (aranhas), visto que, seriam minhas companheiras pelos próximos dias. Judite e Margô à esquerda, Clodilte e Filomena à direita, que tal? Nada mal.

Ao entrar nessa camarinha, após alguns minutos analisando o local, lancei minha mochila por debaixo da cama velha como se estivesse atirando uma bola de boliche sem a pretensão de fazer um strike, e logo tomei um grande susto! A ratazana era tão grande que parecia um... Um... Sei lá... Um bezerro sedento de leite ou sei lá o que os bezerros comem. Ou melhor, parecia um bezerro enorme sedento de leite que estava na terra para assassinar pessoas indefesas como eu. E foi aí que conheci William McWeber, um jovem que sofreu a vida toda por ter sido dispensado pela team leader do time de hóquei do colégio canadense por não ter qualquer intimidade com as lâminas cortantes dos patins, e Barbara, uma estudante intercambista de Belas Artes em Paris.

Para ser sincero, naquele momento eu desejava ter conhecido apenas William McWeber.

Não me admira que às vezes as mulheres reclamem dos homens. Eu dei um pulo ao ver aquele bicho e gritei tão alto

que tenho certeza que mais da metade do albergue ouviu. Saí correndo corredor afora à minha esquerda. O corredor era estreito com portas igualmente parecidas a cada metro, iluminadas por barras de luzes furtivas e fluorescentemente falazes. Havia portas dos dois lados sempre seguindo a numeração: 311, 312, 313, 314...

Quase chegando ao fim do corredor onde havia outra escada em espiral, com corrimão melado que também levava à recepção, me esbarrei com dois jovens que por ali estavam. Eles levavam consigo roupas sujas para lavanderia, provavelmente.

“PLOFT!”

Caímos os três no chão e as roupas por cima de nós após beijarem o forro de madeira empoeirada do albergue. Eu tinha uma cueca suja na cabeça — agradei naquele momento por ser de cor preta. A jovem loira, e linda, por sinal; com muita vergonha recolhia suas calcinhas pelo corredor adentro.

— Mil desculpas! — disse roxo de vergonha e ainda sentado no chão.

— Baratas, foi? — perguntou o jovem sorrindo e aparentemente levando na brincadeira aquele esbarrão.

— Sim! Abri a porta do meu quarto e me deparei com uma festa de aracnídeos e insetos ortópteros nojentos lá dentro — respondi limpando uma possível poeira no meu traseiro.

Ela riu ainda com vergonha e olhando para o chão.

— Normal! Bem-vindo ao “L’auberge des rêves” — disse aquela jovem loira que eu ainda não sabia o nome se curvando e fazendo uma sátira em aspas com o nome do albergue.

— Obrigado e perdão novamente! Vou ajudá-los...

— Não se preocupe... Hmm... Qual o seu nome? — perguntou o jovem que aparentava vinte e poucos anos.

— Oh, sim! Claro! Sou Eduardo Almeida. Prazer em conhecê-los, por incrível que pareça.

Os dois responderam juntos, em uníssono:

— O prazer é todo nosso!

Enquanto os ajudava recolhendo as roupas do chão e limpando-as, mesmo sabendo que eram roupas sujas, trocamos mais algumas palavras:

— Isso aconteceu conosco também quando viemos para cá. Acontece com todos na verdade — disse o jovem com cabelo castanho escuro bagunçado e jeans desbotado falando seu nome em seguida e de onde vinha. — Sou Will McWeber. Estudo Cinema em Paris. Venho da Universidade de Montreal, no Canadá, para uma pós-graduação. — E me estendeu a mão direita para me cumprimentar.

— Olá! Sou Barbara Kempsson. Sou estudante de Belas Artes na École dês Beaux-Arts, próximo ao museu do Louvre, na Bonaparte 75006. Sou islandesa e trabalho aqui no albergue para me manter e pagar meus estudos. Pinto às vezes, e vendo meus quadros numa feirinha em uma estação de metrô aqui por perto.

McWeber era um cara sorridente. Pelos seus dentes levemente amarelados, constatei que ele era fumante, apesar de muito jovem. Tinha cara de “boa praça”, sabe? Estudante do Canadá que sonhava em ser crítico de cinema nos chamados filmes para “jovens-adultos”. Odiava John Green. “*Cidades de Papel? Hmm! Qualquer um escreve.*”. Barbara me despertou uma carga de adrenalina quando a vi. Era filha de islandeses, onde também tinha nascido, na Islândia. Se fosse Brasileira, com certeza seria aluna da PUCCAMP e seria Relações Públicas da Atlético. Que garoto em sã consciência não compraria um convite do Juca de suas mãos finas? Vinha de família simples. De pai ex-caçador de baleias. Ela era assustadoramente linda, de longe; a garota mais bonita da história da humanidade.

Com medo de voltar para o meu quarto, decidi tomar

uma ducha e lavar meu rosto suado no banheiro coletivo que ficava no mesmo corredor do meu leito barato e alugado. Era como se as baratas, aranhas e ratazanas tivessem me pedido um tempo para se esconderem em outro lugar. Abri a porta de plástico sanfonada devagar e dei uma espiadela, pois não gostaria de encontrar outro cara nu por ali. O chuveiro estava morno, não frio; e dava para aguentar alguns minutos sem ter que ficar regulando a todo o tempo a temperatura da água e tomando choques nas pequenas feridas nos cantos dos dedos. Havia uma barra de sabonete quadrado no chão que parecia uma espécie retrô do sabonete anglo-francês Cadum. Fiquei sabendo mais tarde que aqueles sabonetes eram vendidos nos brechós da França da mesma forma que peças de roupas de falecidos e eram mais baratos. “*Capitalismo: exploração do homem pelo homem.*”, como diria Millôr Fernandes.

BARBARA KEMPSSON

Como ele era estabanado! Mas, um estabanado lindo! — pensei, e logo fiz meu cérebro pensar em outra coisa. — Que perfume bom, que sorriso bonito... BARBARA! — pensei! O que está havendo com você? — Era a minha consciência. Olhei para os lados e vi que não havia mais ninguém na lavanderia e sorri sozinha. — Também, há quantos anos eu não elogio um garoto. Eu também posso, certo? — pensei respondendo a mim mesma.

Este albergue realmente está cada vez mais sujo. Já era assim quando eu cheguei, mas está piorando mês a mês. Mas calma, Barbara! Mais um ano e pouquinho e já está acabando! — pensei enquanto jogava minhas roupas na máquina de lavar de acrílico esmaltado em azul-claro.

A lavanderia do albergue era comunitária. Cada hóspede lavava suas próprias roupas e as punham para secar. Eu e McWeber

sempre utilizávamos as máquinas à esquerda, sentido à janela, pois eram as melhores. Algumas travavam, ou não limpavam muito bem. Havia ali cerca de dez máquinas de lavar em um cômodo no porão do albergue. *Por falar nele* — pensei.

— Trouxe mais roupas — disse McWeber. — Que saudade da minha mãe! — complementou procurando o sabão em pó.

Um silêncio de seis segundos apareceu na lavanderia.

Eu queria falar.

Falei.

— Cadê o moço? — perguntei enquanto escorria a água de um balde acidentalmente furado.

— Que moço?

— O brasileiro, ué...

— Ah sim! O vi criando coragem para entrar no quarto, enquanto passava pelo corredor. O que será que ele faz por aqui? — perguntou McWeber fechando a portinha emperrada da máquina de centrifuga.

— Turistando, talvez...

EDUARDO ALMEIDA

De onde saiu aquele sorriso? — pensava eu enquanto criava coragem para encarar aquela selva em que havia me hospedado. Estava no corredor do meu quarto, com uma toalha enrolada na cintura. Após ter tomado banho, marcava o carpete vermelho com gotículas de água caindo do meu cabelo que fiz questão de não secar direito.

Islândia, hmm... *Está aí! Uma princesa nórdica* — sorria sozinho abaulado sentando vagarosamente na minha cama king size de molas enferrujadas. Ela era linda. Tinha um sorriso encantador de menina. Uma voz doce, e parecia ser tímida. — *Hmm, as tímidas.* Ela me fez começar a gostar daquele lugar

mesmo com as trezentas baratas que havia no meu quarto. —
Putá merda! Baratas!

BARBARA KEMPSSON

Ainda na lavanderia, puxei assunto com McWeber enquanto terminávamos de esvaziar os cestos de roupas sujas de plástico barato após alguns minutos de silêncio.

— Na próxima reunião do síndico do albergue vou levar este assunto à tona — disse para McWeber achando que ele leria meus pensamentos.

— Que assunto?

— Do brasileiro...

— Mas o que tem o brasileiro?

— As borboletas...

— Que borboletas?

— Digo, as baratas. — *Ai meu Deus.* — As ratazanas, as teias de aranhas... Não podemos ter esses monstros por aqui... — disse com a voz trêmula achando que McWeber acharia estranho eu falar pela terceira vez sobre o brasileiro.

Salva pelo gongo, meu telefone celular vibrou no bolso detrás da calça. Vi pela tela que era Björk, uma amiga de infância que eu não suportava mais. Ela sempre foi, desde criança, inconveniente. Estudamos juntas a vida toda, do primário ao ginásio. Na Islândia há poucas escolas primárias e não temos muitas opções. Tudo é perto de tudo, e nossos pais revezavam para ir nos buscar poucos quarteirões de onde morávamos.

— Lindaaa! — ela gritou do outro lado da linha.

— Oi, Björk, como vai? — respondi com voz prostrada.

— Ótima! Ligo para falar um bafão! Stéfan largou daquela gorda e está solteiríssimo! — *Sorte dela*, pensei.

— Esse era o bafão?

— Sim! É sua chance!

— Chance do quê?

— Hellow! De ficar com ele! — Conteí até dez. Dei um longo suspiro e desliguei o telefone após dizer que estava ocupada.

Björk não pensava em outra coisa a não ser garotos. Já havia ficado com o colégio todo e todos os meninos que a beijavam, não aguentavam ficar com ela por mais de três meses. Stéfan era um garoto bonito, tocava bateria em uma banda e falava quatro dialetos escandinavos além do islandês, dentre eles, o feroês. Era o garoto mais rico do colégio. Desses que todas as garotas sonham em ficar, menos eu. Björk não perdia a mania de querer me arrumar um namorado desde que larguei do meu primeiro e único romancezinho furado e nauseante com Helgi.

Dois

BARBARA KEMPSSON

Ganhava nuances mais maduras de mulher decidida, mesmo que do dia para noite. Mesmo que não o conhecesse da forma que queria, ainda. Mesmo que fosse tudo muito rápido, algo idílio brotava em mim após aquela semente plantada e chamada de “esbarrão”. Acendi a lamparina com o penúltimo fósforo da caixinha e joguei o palito na lareira desativada e sem lenha de azinho. Assoprei regulando a chama quente e amarela enquanto guardava a franja de lado atrás da orelha. Queria capturar a essência do meu sorriso em uma foto naquele momento e rir semanas mais tarde quando ele fosse embora, extirpando qualquer sentimento bobo de menina mais boba ainda. Emotiva, estava ficando doida e ria à toa. Naquela noite, enquanto pintava no sótão pulverulento do albergue, tive uma ideia deleitosa: *Por que não chamar o Eduardo, o brasileiro, para nossa comemoração?* Tinha certeza de que os meninos não iriam se importar. Meus pensamentos iam e vinham. Dúvidas capciosas, respostas irrefutáveis... Chovia inspiração para passar horas madrugadas adentro ali pintando telas e mais telas para expor na próxima semana no

metrô barbès – rochechouart, em Paris. O frio era intimidante. Os noticiários mostravam a todo o tempo que a França não recebia uma nevasca como aquela há mais de quarenta anos. Provavelmente o sonho do brasileiro Eduardo era conhecer a torre Eiffel, a Catedral de Notre-Dame ou a Basílica de Sacré Cœur — elas costumavam ficar ainda mais lindas com uma camada de neve branca e pomposa.

Eduardo parecia muito playboy para estar em um albergue. Calça de sarja. Camiseta Polo Ralph Lauren. Jaqueta de couro Zara. Cachecol verde Calvin Klein. E um Patek Philippe no punho esquerdo. *Devia ser canhoto e daqueles mauricinhos que são sustentados pelos pais ou daqueles que querem ser mauricinhos, gastando todo o dinheiro com roupas caras e ficam sem um centavo para fazer passeios culturais. Não julgue pelas aparências, Barbara!* — pensava eu naquela época. Repudiava garotos assim, mas meu coração me dizia: “*Siga em frente, pois você pode estar errada.*”

Eu tinha uma encomenda para entregar naquela semana na feirinha da estação de metrô. Uma senhora me abordou enquanto vendia meu último quadro naquele dia chuvoso. Ela me elogiou e eu quase chorei — sim, sou manteiga derretida mesmo! — e me pediu uma encomenda para presentear uma amiga. Inspirei-me em Monet — como sempre. A obra “Femme assise sur un banc” de 1874 é uma das minhas favoritas. A obra está em Londres e nunca tive a oportunidade de visitá-la. Essa senhora tinha uma amiga que era como uma irmã, e quisera presentear-la antes de sua própria morte. Disse ela que estava muito doente e que talvez não desse tempo de ver a pintura, mas deu tudo certo. Terminei o quadro e entreguei no dia seguinte. Ah! O pagamento foi adiantado, cento e cinquenta euros.

WILLIAM MCWEBER

A coisa mais difícil em ser crítico literário é ler um livro bom e ter que escrever que ele é ruim na resenha do blog semanal. Li “O Jogador nº1” de Ernest Cline por três vezes e gostei. Sério! Não sou do grupinho de nerds que passam dias se masturbando com o condicionador no banho. Mas o livro é bom. A ideia é original, a pesquisa é bem feita... Assunto previsível, O.K... Mas lídimo. Nota sete, vai... Nunca pensei em ser escritor de livros, queria ser roteirista de grandes produções. Hollywood! Broadway! Já pensou? Mas naquele momento me contentava com um estágio com Michel Hazanavicius.

— Será que se lembrará do seu velho amigo de quarto McWeber quando estiver rica e famosa? — perguntei para Barbara quando a vi pintar no sótão do albergue após ouvir o piso de madeira velha crocitar fora do lugar.

— Que nada! Pintores só ficam famosos após a morte — respondeu Barbara com um sorriso pomposo.

BARBARA KEMPSSON

— Não vai dormir? — perguntou McWeber.

— Preciso terminar esta tela. Na verdade já terminei. Só estou passando a última mão de verniz — respondi. — Aproveitando que está aqui, o que acha de convidarmos o Eduardo, o brasileiro, para nossa comemoração do sonho parisiense? — *Diga sim, diga sim!*

Ele logo respondeu:

— Eduardo? Hmm, não sei... O que ele tem a ver com isso? Ele não esteve conosco nesse tempo e...

— Eu sei, mas, ele deve estar sozinho, assim como nós estávamos naquele dia frio e...

— Mas sabe-se lá o que ele está fazendo aqui, se está a passeio, se vai se encontrar com alguém... — disse McWeber em um tom de censura. Engoli em seco.

A luz fraca da lamparina me inspirava a continuar, Eduardo não saía da minha cabeça. De alguma forma McWeber deixava vincos sutis no chão de madeira ao negar meu ímpeto. Mártir.

— Por favor! — Minha voz fraquejou. Sorri.

— Tá bom... Tá bom...

— Sabia que você não iria se importar! — Dei-lhe um beijo sorrindo e ele sorriu.

— Sorte a sua que seus olhos são azuis!

McWeber desceu para dormir, já era tarde.

Larguei os pincéis língua de gato e o acompanhei para procurar Tony no andar de baixo do sótão.

Arianas são teimosas e querem tudo na hora.

Tony estava deitado com o notebook Apple sobre a barriga saliente de Heineken, para minha sorte, ainda acordado. Ouvi o barulhinho vigoroso das teclas do computador.

— Você não desgruda desse computador?

— Esta noite eu pego aqueles terroristas! — disse Tony com uma réstia no rosto saída da tela do notebook.

— Estive pensando... Tem um brasileiro no albergue. Ele está sozinho... O que você acha de o chamarmos para nossa comemoração? Eu...

Tony estava tão compenetrado invadindo sites de embaixadas islâmicas, que nem ouviu direito o que eu pedi.

— Sem problemas, por mim, pode chamá-lo! — assentiu Tony sem mais perguntas.

Eu disfarcei minha empolgação até chegar ao banheiro e “YES!” — gritei com a voz abafada e levei as mãos trêmulas aos lábios tiritantes em seguida.

TONY MITHFIELD

Acordei cedo com cheiro de croissant assado que vinha da cozinha. 06h32 e o mesmo ritual de sempre. Abrir os olhos, descer da cama descalço, desviar do labirinto de camas dos outros hóspedes e ir ao banheiro para ficar em pé até criar coragem de lavar o rosto na água fria cheirando a cloro. Mais uma noite hackeando sites de governos sírios pelo notebook. Dessa vez, ouvi algumas conversas secretas e encontrei algumas mensagens eletrônicas que tinha certeza que as autoridades da União Europeia iriam adorar. Em troca, antevia-me ganhando uma bela promoção para o setor de Inteligência e Planejamento Internacional da Interpol, baseada secretamente no País de Gales. Sentia falta de casa.

Ao descer para a cozinha, meu estômago emitiu um clamor reverberante ao pisar no último degrau de madeira da escada. Fui apresentado por Barbara e McWeber a Eduardo, um brasileiro. — Ah! O Brasil! Já invadi tantas vezes aqueles sistemas fajutos do governo brasileiro. Mal sabem eles que aqueles engravatados que eles elegem em todas as eleições são perfeitos patifes e estão atrasando o desenvolvimento da “Austrália” não desenvolvida. Será que eles não sabem? Enfim...

— E aí, Eduardo, é um prazer conhecê-lo, cara!

— Prazer é todo meu, Tony! Barbara e McWeber falaram muito bem de você. Você é galês?

— Sim, sou! De Wrexham.

— Que bacana! Já estive no País de Gales, lindo, não é? — disse Eduardo ao virar uma xícara de café bem quente.

— É fascinante! Difícil ver brasileiros por lá...

EDUARDO ALMEIDA

Ao conhecer o último integrante daquele grupo de amigos, Tony Mithfield, quase dei com a língua nos dentes ao dizer que conhecia o País de Gales.

— Na verdade, eu trabalho com viagens e acabei conhecendo alguns países — disse eu tentando disfarçar pedindo a compota de geleia de frutas vermelhas.

Eu não poderia dizer que era vice-presidente da maior mineradora das Américas e que estava passando uns dias em um albergue porque achei que por lá encontraria o que eu queria em Paris. O que eles iriam pensar? — Que eu era maluco, com certeza!

BARBARA KEMPSSON

Enquanto fazia algumas torradas — aquele era meu dia de preparar o café da manhã —, apresentamos Eduardo a Tony, que concordou na hora que Eduardo poderia participar da nossa comemoração de dois anos em Paris. Sempre adorei festas de aniversário com balões coloridos e brigadeiros, embora na Islândia não fosse uma tradição. Iríamos comemorar nossa amizade de dois anos naquele albergue. Seria a última comemoração, pois eu voltaria para o Atlântico Norte no ano seguinte assim como McWeber voltaria para o Canadá. Tony talvez voltasse mais cedo para casa, então, seria perfeito!

Aquele esbarrão com Eduardo no corredor do albergue me deixou com dores no braço esquerdo. Na verdade, nem doía. Essa era uma desculpa que eu encontrei para pensar nele a noite toda. — *Ai, Jesus! Também queimei as torradas! Que droga!*

EDUARDO ALMEIDA

Meu café já estava frio, servido naquela caneca branca com alça amassada e aparentemente mordida por alguma criança. Era uma manhã bonita, pelo menos para mim. Típica de inverno europeu. Uma branda tempestade de neve e um vento que descia assoviando rua abaixo. Via tudo isso da janela do refeitório do albergue, sentado no balcão e totalmente imóvel. Não só pela beleza da vista da janela, mas pelas dores no corpo todo. O colchão era péssimo. Levei várias picadas durante a noite e tenho certeza de que várias baratas passaram por mim enquanto dormia — não tive coragem de me mexer durante a noite nem de olhar se realmente eram baratas passando, pois sentia cócegas nas pernas.

Ao levantar tentei tomar uma ducha. Para minha sorte, não havia ninguém no banheiro que era coletivo. A água estava fria, não gelada, mas fria e até que deu para enganar. Nunca senti tanta saudade das minhas banheiras quentes.

Eu estava tão alheio ao que estava acontecendo à minha volta naquele refeitório e concentrado em não me mexer para evitar sentir dores que não percebi Barbara e McWeber falando comigo, muito menos que minhas torradas haviam virado fumaça.

— EDU! — Barbara gritou correndo na direção da torradeira e a tirou da tomada. — Onde você está com a cabeça, menino? — disse ela novamente dando risada da minha bagunça. *Ela me chamou de Edu?*

— Perdão, pessoal! Novamente nos encontramos em situações desastrosas. Vou melhorar — brinquei.

— Deixe-me fazer novas torradas para você — Barbara disse enquanto eu não conseguia parar de olhar para seu sorriso. Ela era a islandesa mais linda que já tinha visto em vida, sem dúvidas.

— Eu não tenho qualquer intimidade na cozinha — disse eu envergonhado novamente e imaginando o que Barbara pensaria de mim. *Meus empregados preparam tudo para mim.*

— Percebi! Nem mesmo nos corredores dos hotéis, certo? — Novamente ela sorriu prendendo seu cabelo loiro para preparar novas torradas.

— Que máximo, hein! — disse McWeber, o canadense estudante de cinema na França, complementando em seguida: — Temos um brasileiro conosco! Samba! Caipirinha! — Ele até arriscou um passinho de samba, mas não era para ele, convenhamos.

— E você faz o que lá? — perguntou Barbara esfregando as mãos com um sabão barato na pia do refeitório.

— Sou vice... Digo... Trabalho com viagens...

— Que ótimo! Você vende sonhos, então? — perguntou McWeber. — Meu sonho sempre foi viajar o mundo todo com uma mochila nas costas procurando por histórias nas menores civilizações do planeta para roteiros de curtas.

— O meu também! — complementou Barbara colocando à mesa as torradas, dessa vez, comestíveis. Menos queimadas, na verdade. — Ainda vou viajar o mundo pintando e vendendo meus quadros por aí. Quem sabe, ser famosa, rica... Já pensou?

Contive-me naquele momento para não dizer a verdade. Que eu era o vice-presidente da maior mineradora das Américas. O mais jovem a ocupar o cargo na história de todas as mineradoras espalhadas pelo planeta. Eles não entenderiam o porquê do vice-presidente de um dos maiores grupos e mais poderosos do mundo estaria em um albergue fuleira como aquele. Contive-me também para não dizer que conhecia mais de cinquenta países e mais de trezentas cidades ao redor do mundo.

Respirei fundo, desviei o olhar, tossi por duas vezes e tentei mudar o rumo da conversa.

— Há pouco, o jornal informou que teremos um dos dias mais frios da história de Paris, uma forte tempestade de neve robusta deve chegar já já, acompanhada de um céu totalmente fechado e nublado.

— Parlez-vous le français? — perguntou Barbara limpando os lábios sujos de farelo de torrada.

— Oui. Je parle un petit peu français.

Barbara falava sorrindo e sorria ao falar. Conseguiu me encantar em poucos minutos. Sei lá, ela era meiga e ativa. Tinha um jeito doce de menina, mas era um mulherão! Meu coração batia forte toda vez que ela me perguntava algo. Carga de adrenalina. Ela estava sendo simpática, eu sei, mas mesmo assim... Gaguejei ao pedir para ela me passar a compota de geleia, pois não conseguia tirar meus olhos de sua boca. *E também nunca gostei de geleia.*

Ela tinha os olhos mais azuis que já tinha visto em vida, me lembrou das águas límpidas da costa leste do mar Adriático. Mas eu tinha que me conter. *Foco, Eduardo... Foco!* — pensei.

Ela vestia uma camiseta de manga longa branca, um jeans básico, tinha luvas saltando de seus bolsos e uma bota. Aparentemente ela tinha compromisso para aquela manhã.

— Ele já deve estar descendo — disse McWeber para Barbara se levantando. — Posso pegar seu prato, Edu?

— Claro! Por favor! Vão sair, é? — perguntei sem ao menos pensar que estava sendo indiscreto naquele momento, afinal, o que eu tinha a ver com aquilo? — Oh, perdão, gente! Perdão pela indiscrição — disse envergonhado tapando o rosto com as mãos.

— Que isso, Edu! Relaxa. Não ligamos para isso — disse McWeber.

— Esta semana faz dois anos que estamos aqui e nos conhecemos. E vamos comemorar com Tony — disse Barbara. —

Quando nos conhecemos, neste mesmo albergue, combinamos de realizar o sonho parisiense de cada um na época.

Leve como um barquinho feito com uma folha de jornal, gesticulou McWeber, como se estivesse alinhando as lentes de uma câmera fotográfica profissional.

— Meu sonho parisiense era conhecer o restaurante “La tour d’argent”, o restaurante mais antigo de Paris. — Sorriu enquanto mordiscava uma fatia de peito de Peru. Ele era apaixonado por cinema, e seu sonho se baseava nas inspirações dos diretores Brad Bird e Jan Pinkava para o filme do ratinho cozinheiro, Ratatouille.

Pensei em perguntar qual era o sonho de Barbara, mas ela foi mais astuta.

— Claro que Eduardo também tem um sonho parisiense, não é mesmo, Edu?

E eu sem exasperar muito concordei naquele exato momento.

— Com certeza, Barbara! — Não dei muita importância na hora, mas segundos depois percebi que foi uma grande falha de escoteiro novato recém-chegado à farroupilha.

— Então está fechado! Comemoraremos todos juntos nosso aniversário de sonho parisiense — disse a linda Barbara Kempsson sem ao menos me esperar concordar ou não. Deu-nos as mãos para selarmos o trato. Sorrindo. Não hesitei.

Três

EDUARDO ALMEIDA

Levantei-me da mesa e fui em direção à parede toda mofada do refeitório acompanhado de um copo de vidro vazio. Encostei-me para fazer uma ligação no telefone de moedas que por ali estava. Duas pratas para cada minuto. *Puxa! Que caro!* Eu tinha algumas moedas que comprei por precaução em uma casa de câmbio na Itália antes de chegar à França. Havia um ralo redondo de alumínio no canto do refeitório protegido por uma tábua de madeira timidamente molhada e esverdeada devido pequenos pontos de fungo. A tábua se mexia como se sua alma tivesse decidido que ela seria um ser vivo. Ela era um ser vivo, na verdade. Pois havia sido feita de cerejeiras e cerejeiras são seres vivos.

Baratas brotavam do esgoto, entravam por aquele ralo e corriam diretamente para debaixo dos congeladores metálicos sem dosar seus pequenos passos — elas pareciam já saber onde os congeladores estavam. Suas anteninhas chacoalhavam alegres. Comida! Comida! Vamos comer! Gritar era inútil. Matá-las também. Baratas são importantes, fazem naturalmente a reci-

clagem da matéria orgânica em decomposição. Digitava com força, pois as teclas do telefone estavam gastas e engorduradas. *Ninguém limpava aquilo? Ninguém utilizava.*

“Zero... zero... quatro... um, dois, quatro, dois... meia, quatro...”

— Alô, Mr. Andrew?

— Quem fala? Como tem meu telefone?

— Sou eu, Eduardo Almeida.

— Ah! Olá, senhor, de onde é este número?

— Não é da sua conta. Olhe só, acordei meio estranho hoje, em um lugar estranho com gente estranha.

Mr. Andrew riu feito um babaca como ele era.

— Oh, senhor! Mais uma de suas festinhas?

— Não é da sua conta outra vez. Tive um sonho terrível! Sonhei que tinha ficado pobre! Por favor, me informe com urgência o saldo total da minha conta aí nas Bahamas somados aos meus bens.

— Claro, senhor! Dê-me um segundo...

Mr. Andrew era o nome fictício de um ex-banqueiro falido de Nova Iorque que contratei para cuidar de uma de minhas contas como paraísos fiscais nas Bahamas. Quando o reencontrei anos atrás, ele estava na sarjeta. O Banco Phillips America, nos Estados Unidos havia falido e ele sem um vintém, devendo para o mundo todo e perdendo todos seus bens, me implorou ajuda. O mandei para as ilhas nas Bahamas com um salário astronômico. Ninguém, além de mim e sua família, sabiam que Andrew estava lá. Na verdade, ele não se chama Andrew e sim, Phill Brinker.

— Senhor...

— Fale logo, seu imprestável... Tenho poucos segundos —

disse com a mão na boca abafando a voz para evitar que alguém ao meu redor ouvisse a conversa.

— A fortuna do senhor hoje está avaliada em quinhentos e oitenta e dois milhões, cento e quarenta e cinco mil, setecentos e quarenta e dois dólares e dezoito centavos.

— Andrew, é como sempre digo...

— O que, senhor?

— Você é um lixo humano...

— Senh...

E desliguei o telefone. Era sempre um prazer desligar na sua cara! Que orgulho descabido.

Não foi nada fácil juntar essa dinheirama toda. Tive que suar muito. Carregar muito papel quando estagiário. Noites e noites em claro para passar em Harvard, criar um aplicativo, aguentar o lixo do senhor Couto... Ufa! Mas valeu a pena, cheguei aonde cheguei derrubando as pessoas que sempre sonhei derrubar.

BARBARA KEMPSSON

Eduardo telefonava naquele telefone velho do refeitório com a mão no bocal sussurrando algo quando voltei para o andar de baixo após me arrumar e me perfumar. *Ah! Mas com certeza ele tem uma namorada, ou é casado...* — pensei me perguntando o porquê havia me perfumado tanto. Eu não ouvi o que ele falava, mas com certeza era algo bem pessoal, pois abafava a voz com as mãos e encostava bem a boca no telefone que quase ninguém usava.

Ele colocou o telefone no gancho enferrujado, se virou e:

— Nossa!

— Ai! Perdão, Edu! Te assustei? Eu nem me anunciei e...

— Você está linda! — ele disse, me fazendo tremer e perder a fala.

Para minha sorte, não tinha histórico familiar de morte por infarto agudo do miocárdio ou qualquer outra doença de coração. *Mas vai saber. Uma hora, alguém tem que começar a morrer do coração para virar “histórico familiar”* — pensei.

— Ah, obrigada...

— Seu namorado deve ter muito orgulho de você. Uma futura “Jean Debret.”.

— Oh não... Eu não namoro.

— Por quê? Focada nos estudos?

— Ah, acho que não tinha me apaixonado por ninguém ainda.

Fiquei visivelmente mexida com o elogio do Eduardo, e tinha certeza de que ele havia percebido e me achado uma criança idiota! — *Droga!*

Quatro

JEAN-PAUL

Poder tocá-la novamente era meu maior sonho. Sentir sua pele branca com minhas mãos calejadas e não mais precisar acariciar recortes de jornal foi o que eu desejei por quase trinta anos. Uns dias mais, uns dias menos. Mas desejei todos os dias. *Se eu iria realizar esse sonho um dia? Claro que não! Moradores de ruas não realizam sonhos.* Sempre dizia isso e pedia perdão para mim mesmo se estivesse sendo redundante. Sentia minha morte quando estava sentado espasmodicamente nos túneis daquela estação de metrô, e as moscas-urbanas passeavam pelo meu corpo de forma tortuosa. Eu sabia o nome de cada uma delas, até de seus cadáveres que eu respeitava fazendo um velório e enterro digno dentro dos meus bolsos. Acho que as moscas-urbanas eram as únicas que gostavam do meu cheiro. Eu não o suportava, mas já estava acostumado.

Certa vez sonhei que havia morrido.

Estava eu em um descampado congelado, parecia um vilarejo antigo e abandonado do século XVIII na Escandinávia. Havia uma casinha velha de madeira e uma árvore seca. Um balanço e uma carriola também

faziam parte do cenário sombrio. Minha alma parecia voar e assistia minha morte lentamente. Eu estava congelado na neve com meu crânio sem carne para fora. Fiapos de cabelo — eu tenho poucos — grudados em pontos de sangue coagulados enojavam a cena. Meus olhos haviam sido arrancados e duas ratazanas enormes saíam de meus globos oculares cheirando meu crânio e procurando carniça.

Um ferreiro esvoaçante apareceu ali do nada, com roupas quentes para enfrentar a nevasca obscura que caía naquela manhã de domingo. A propósito, eu odeio domingos.

— Está vendo? — disse o ferreiro entre pigarros e tossidas. — Este é você, Jean. Morto, esquecido... — Jogou uma guimba ainda acesa no rosto do boneco de neve, enquanto eu engolia seco. — Vai virar fóssil e ser encontrado daqui milhões de anos.

Ele forçou uma risada.

— Os arqueólogos do futuro não vão mais se chamar arqueólogos e logo que te encontrarem vão tentar estudá-lo. Estudar o que sobrou de você. Vão combinar, em acordos de cavalheiros em salas de mesa de mogno escuro, em dizer o mesmo sobre sua pessoa para a mídia do futuro. Nos jornais e revistas especializados. Vão dizer que você lutou com ratazanas gigantes, extintas assim como os dinossauros, e morreu após um golpe fatal de uma delas.

Eu tentava dizer algo, mas apenas um som cavernoso saía de algum alvéolo dentário da minha boca destruída.

— Vão dizer que você era um cara do bem. Da sociedade francesa. Pois nos exames, seus ossos apontaram terem sido irrigados com cálcio dos queijos mais sofisticados do mundo. Vão inventar várias coisas daí. Uma delas que você gostava de bons vinhos e caviar. Pela arcada dentária que está destruída, amava fumar as melhores vegas finas em charutos cubanos, os mais caros do mundo, Cohibas e o cacete. E de forma pândega, vão dizer que o que você mais fez em vida foi persistir em seus sonhos. A única coisa que verdadeiramente você realmente não fez. Seu imbecil!

Acordei assustado naquela cena de terror vítreo — mandando

o ferreiro para o inferno. Concordando, e entendendo que o ferreiro não era ninguém mais ninguém menos que minha própria consciência me assistindo morrer naquela manhã tediosa em um cenário insólito e inóspito.

Sonhos assim, sombrios e tenebrosos, fizeram parte da minha vida por anos. Engraçado pensar que a mesma cabeça que estava acostumada a sonhar com o dia anterior esquiando em Zermatt, sonhava anos depois com cenários de morte, urubus, sulcos abertos, carniças... Até onde sei temos três vidas. A vida acordado, a vida dormindo, e a vida sonhando. E essas três vidas se intercalam, se tecem. *Bom, vou começar a dormir nos jardins de Paris. Quem sabe não começo a sonhar com flores, bons perfumes, mulheres bonitas...*

Cinco

JEAN-PAUL

Eu e minha mania de torcer — sempre que eu acordo — para que seja o último dia da minha vida. Vislumbrava meu enterro solitário há anos, inconsolável, ao som do silvo de um trem a vapor vermelho metálico. O maquinista, um assassino em série, com uma cartola preta, casaco de pele de urso branco que esquentava até os tornozelos e uma verruga no nariz se alimentava das minhas vísceras com sofreguidão. Ele não tem fome. Sua ânsia é de vindimar. Esbaforido, aniquilar.

Olhei pelo espelho de metal cromado abandonado na estação de metrô. Que nada mais era que um pedaço de para-choque de caminhonete Ford anos 70 cortado ao meio, que veio parar em uma estação de metrô sabe lá Deus o porquê, e tentei confabular um dia ótimo em minha vida. Não via graça em distorcer a realidade. Então, só tentei.

— Bom dia, mundo hipócrita. — Ergui minhas mãozinhas magrelas e ossudas aos céus e chacoalhei-as como se estivesse tamborilando uma rajada de chuva. — Bom dia, trilhos de trem sujos de graxa untuosa. — Pigarreeci. — Bom dia, barulho

infernal de pastilhas gastas de freios Fras-le. Bom dia, sapatos empapados, calça surrada, jaqueta fedorenta. Bom dia, azedume interior. *Bom dia, papai!* — respondi eu mesmo com voz de neném. — Bom dia, boiolinha com Iphone nas mãos. Bom dia, outro boiolinha também com Iphone nas mãos, e outro viadinho e outro... — Porra, só eu não tenho uma merda dessas? — Bom dia, luzes que não se apagam nunca e me atrapalham a dormir. Bom dia, cheiro de gente feia e desgraçada de Paris. Bom dia, moça gorda. — *Nossa! São sete da manhã e você já está comendo McDonald's?* — pensei. *Deus me livre! Por isso que você é gorda, feia, pobre e fedorenta. Você no banheiro deve entupir qualquer cano PVC.* E o que temos para o dia de hoje? “Tchanchanranran”... Mais neve, mais frio, mais feiura, mais insolência, ou seja, o mesmo de sempre.

Pensava em fazer uma oração para o órgão muscular oco que levava na cavidade torácica explodir, e assim parar de bombear sangue oxigenado proveniente dos pulmões para o resto do meu fétido corpo. Talvez eu tenha feito algo terrível em uma vida anterior e estava pagando meus pecados nesta vida. Pra quê desejar coisas boas ao passo que poderia escolher a destruição? Isso não era pedir demais. Só um estourozinho no meu coração já acabaria com tudo! Vai? Por favor...

Eu nunca consegui me livrar do hábito de acordar tão cedo, ou de cair da cama, como alguns dizem. Acendi uma guimba de cigarro, que alguém jogou pela janela do metrô de madrugada, e traguei duas vezes. Aquela queimadinha nos lábios ao tragar logo cedo sem escovar os dentes havia me viciado. Não doía. Era gostoso. Mesmo após anos e anos fumando guimbas de cigarro barato e babado por alguém que eu não conhecia, aquela sensação me satisfazia. Nunca tinha planejado fumar. Comecei com charutos cubanos legítimos, terminei com bitucas de Prime Time longo ou Marlboro vermelho — quando dava

sorte — abandonados sem piedade por fumantes dos metrô expressos. Às vezes, passava horas olhando as guimbas queimando no pavimento cinzento das plataformas. Durante o dia, quando a falta de vontade de levantar era mais forte que o talante de fumar, esperava até a noite para procurar mais guimbas na passarela de ferro ou nas escadas molhadas. Lá tinha um monte e para todos os gostos. Algumas vinham até com batom feminino, inclusive, e gostinho de menta. Vogue, eu acho.

Dores de cabeça latejavam todos os dias. Pioravam ao deitar. As dores nas costas também pioravam. Cada tossida, uma pontada que só passava com longos goles de vodca. Desciam queimando. Mas me faziam me desprender do meu corpo frugalmente. E me dava uma paz fictícia.

Eu queria escrever um livro, quem sabe alguém se interessaria em ler. Poderia escrever sobre uma pessoa que sonhava em se matar, tentou algumas vezes, e não conseguiu, pois sua sentença de morte era viver. Escreveria que a história se passou em Halden, ou Drammen. Poderia apenas acrescentar algumas digressões com fantasia e estaria ótimo.

“Era uma vez uma pessoa que desejava conhecer a morte.

Estava tão frio, que seus pés congelaram durante a madrugada enquanto estava esperando a morte, sentado em um longo e retilíneo píer brutalmente congelado pela sublime natureza que ele adorava maleficiar. Até que a morte chegou. Enquanto ele fumava desinteressado da vida, notou com um franzido na testa:

— Oi, Knut.

— Oi — ele pigarreou ao responder.

— Tudo bem?

— Não.

— Quer morrer?

— Sim!

— *Vai ficar querendo.*

E ela se foi...

Subitamente se perdeu em meio à escuridão e não mais voltaria, por cento e dois anos...

Ele não gostou da sensação de saber que viveria tudo isso. Queria encontrar a morte ali mesmo, antes de voltar para o orfanato na rua detrás do lago de Halden...”.

Ah! Cansei de escrever livros. Agora, quero ler um jornal — conclui.

— *Aí, chefia!* — disse acenando para um senhor que esperava o metrô das oito e sete. — O senhor já leu esse jornal? — Ele segurava um exemplar do *Le Parisiense*.

— O jornal de hoje? — ele perguntou mascando algo. Acho que era sua dentadura. *Não, o do ano passado.*

— Isso. O exemplar de hoje. O senhor já leu?

— Pode ficar, filho. E pegue estas moedas para comprar algo para comer.

— Muita gentileza do senhor, merci — agradei com a cabeça contando as moedas nas mãos. Ali tinha nove euros. O que era suficiente para tomar um café da manhã.

Abri o jornal que estava levemente amassado e logo vi a capa daquela edição:

“Ataques antissemitas põem França em estado de alerta contra Islamismo radical.”. — *Putá merda! Manuel Valls ainda é ministro do interior?* — *As pessoas continuam brigando por religião?* — *Vai tomar no cu.* — Só tinha desgraça naquela página. Folhiei o jornal para página seguinte, pensando que algo mudaria.

“*Muah, um francês de origem argelina de vinte e quatro anos foi morto...*”. — *Porra! Mais mortes?* “*Salão de Paris...*”. — *Até que enfim!* — Vejo outra manchete ao continuar folheando o jornal. Oh, que saudade dos salões de automóveis... Passei os

olhos de forma rápida naquela matéria. “Cinema... Cultura...” — continuei folheando... “Últimas semanas para o espetáculo de comemoração ao aniversário do abrigo Ludmilla.”. — *O abrigo que iniciou as atividades em novembro dos anos quarenta, conta com a ajuda da bailarina, escritora e diretora de teatro Sophie A. que dirige este espetáculo. A verba será revertida para o abrigo...* — Leio em pensamento. “Hmm! Quem sabe não dou uma passada por lá” — pensei enquanto recortava aquela matéria do jornal e guardava no bolso da minha jaqueta preta.

“Atchin!” — *Saúde!* — pensei eu cumprimentando a mim mesmo após espirrar.

Claro que eu não ia àquele espetáculo! Eles não deixariam esqueletos como eu passar da bilheteria. Trinta euros eu gastaria comprando jornais e Marlboro para o mês todo, e seria a mesma coisa de assistir àquele espetáculo. Mudava de opinião com eloquência em menos de um minuto. Arrefecer sempre foi normal para mim.

Seis

JEAN-PAUL

Mirando uma pistola imaginária feita com meu dedo indicador e o polegar da mão direita na têmpora direita, pulei da cama, certo dia, e decidi após pensar um pouco que era hora de dar adeus àquela gélida prisão. — *Iria tramar uma fuga?* — Não! Eu ia me matar.

Rumei para o refeitório, acordei atrasado. *Atrasado para quê?* Era segunda-feira. Não importava pra quê, sempre entendi que acordar depois das nove da manhã é acordar atrasado.

Enquanto entrava na fila para pegar a bandeja suja com nosso almoço de todos os dias que mais parecia um emaranhado de cadáveres em decomposição para javalis selvagens, vi que as facas eram de plástico. Assim como os garfos e colheres eram de plástico. — Aquelas merdas não cortavam nem mesmo os bifés pingando sangue que recebíamos de quarta-feira. *O que é que eu posso usar para me matar?* — eu pensei enquanto jogava macarrão para lá macarrão para cá, e tive a melhor das ideias — café. Sim! Café! Café é ótimo para quem quer se matar. Antevi-me fingindo estar tomando garrafas e mais garrafas de

café enquanto pedia para Marion alguns calmantes, analgésicos e antipiréticos — trazidos escondidos, é claro.

Tínhamos um ritual em casa que após o jantar, obrigatoriamente tomávamos uma xícara de café. — *Isso é uma merda. Vicia que é uma beleza.* No outro dia, se não fizéssemos o mesmo ritual, parecia que faltava algo. Eu deixava de transar, mas não deixava de tomar café. — *Deus me livre.*

Marion sempre foi muita católica. Fazia novenas. Terminava uma, começava outra.

Pai nosso que estais nos céus.
Santificado seja vosso nome.
Venha a nós vosso reino.
Seja feita a vossa vontade...

— *Blábláblá. Que merda essa porcaria de igreja católica. Uma mina de dinheiro sujo para sustentar luxos de padres pedófilos. Na França existem muitos, e eu desejo sinceramente que todos eles queimem no mais quente fogo do inferno.*

Quando Marion trabalhava para mim, e entrava na minha mansão acompanhada de seu terço de prata, seu primeiro passo vinha uma oração. Assim também era quando deixava a cozinha na parte da tarde.

... E não os deixeis cair em tentação...

— *Quanta hipocrisia. Qual seria a tentação daquela prisão? Transar com o enfermeiro chefe em troca de algumas gozadas? Preferia bater punheta escondido.*

... Mas livrai-nos do mal.

Amém.

— *Se essa porra de “mas livrai-nos do mal...” desse realmente certo, eu nunca teria vindo morar nas ruas. Marion deve ter repetido essa frase por milhares de vezes todos os dias na minha casa. Por essas e outras não acredito em Deus. Não acredito que Deus tenha deixado Satanás governar o reino só para provar que ele estava certo. Essa aposta foi pausada em quê?* — perguntei mentalmente e respondi da mesma forma — *Egoísmo. E Hitler é que era maldoso.*

— Sabe o que é, Marion... Preciso de alguns remédios — disse para Marion quando abrimos os olhos após sua oração.

— Não tem enfermaria aqui? — perguntou ela preocupada. *Que dó, pensei.*

— Tem. Mas eles não nos dão os remédios corretos. Eles levam a medicação original para casa e nos trazem os frascos cheios de água amarga e os comprimidos cheios de açúcar. — *O tráfico de remédios nas prisões na França é um absurdo.* — Preciso de calmantes para dormir melhor. Antialérgicos, analgésicos...

— Quantos?

— Muitos.

— Muitos quantos?

— Três caixas de cada. — *Eu estava disposto a enfiar todos de uma vez goela abaixo.*

— Três caixas de calmantes? Está maluco?

— Eu vou guardar e...

— Vai vender remédios aqui? Estão te ameaçando?

— Não, Marion. Eu vou guardar bem escondido. Jamais venderia remédios aqui na prisão. Se eu sou pego vou direto para a solitária.

— Deus do céu! — disse Marion levando as palmas das mãos a se encontrarem. — É impressionante o quanto não consigo te dizer “não”.

E então cerca de dez dias depois eu misturei analgésicos, calmantes, antialérgicos, antipiréticos bolo e café.

O pequeno ambiente branco circundado por cortinas azul-claro tinha cheiro familiar. Uma lufada de ar bem no meu rosto me fez sentir um cheiro conhecido. Tentei me levantar, mas não conseguia sentir meus membros. Na verdade eu não sentia nem mesmo minha respiração direito. *Ufa! Eu morri!* — eu pensei.

Até que enfim ia deixar essa merda de mundo. Já não aguentava mais ter que...

— Vamos colocá-lo em local seguro, ninguém vai perceber. — Ouvi uma voz doce dizer algo. — Esta sala está muito fria. Ainda bem que ele não sente nada. — Puxa! E não é que o céu era frio mesmo? Mal podia esperar para ver se quando morremos realmente nos encontramos com Deus.

Eu não me lembrava de quantas horas eu demorei a morrer. Na verdade, a última lembrança que tinha era de Marion me entregando um belo bolo recheado com remédios, eu o levando para cela, e o devorando acompanhado de uma garrafa de café quente. Eu havia me comportado bem aquele mês e tive uma regalia — uma mísera garrafa de café. Que grande merda!

Meus sentidos estavam voltando e pude ver que aquilo ali não era o céu e nem o inferno. Era um leito de hospital público. Olhei para o lado e vi dois senhores me olhando assustados. Pareciam aqueles velhos que ficavam a tarde toda na praça do coreto jogando xadrez e falando de dores pelo corpo. Um com uma manzorra larga erguida com o dedo indicador sugerindo algo e outro de bigode recém-aparado, careca e com uma careta horrenda.

— Acordou? A bela adormecida acordou? — perguntou um senhor deitado com a voz abafada com aparelhos de sobrevivência na boca.

— Como “A bela adormecida acordou?”. — *Vai tomar no seu cu, velho feio dos infernos.* Eu tentava me comunicar.

Será que eu estava em um leito de hospital no céu? Já ouvi espíritas dizerem que somos “curados” quando morremos. Não era possível que eu tinha sobrevivido àquele monte de remédios. Devo ser muito ruim mesmo! Nem o capeta me quer no inferno!

— Há quanto tempo estou dormindo? — perguntei para os velhos que estavam deitados em camas ao meu lado.

— Parece-nos que setenta e nove dias — respondeu um dos velhos. — Você estava na unidade de terapia intensiva e poucos dias atrás te jogaram aí — complementou após uma bela tossida catarrenta. *Velho porco dos infernos.*

— Eu morri?

— Claro que não! Você está na ala norte do Hôtel-Dieu.

Eu me via com os aparelhos de sobrevivência na boca, agulhas enfiadas pelo corpo todo, fios conectados na área do coração e cabeça e os braços amarrados. — Não, infelizmente eu não estava morto! *Que merda!* Em alguns dias após ter aberto os olhos novamente, me deram alta e eu voltei para a cadeia. Direto para a solitária, claro. Apanhei um pouco dos policiais, pois dei muito trabalho para todos eles quando comecei a cuspir sangue e encher as calças com uma bruma de merda. Quando ingeri todos aqueles remédios com bolo e café, meu estômago tentou instintivamente sobreviver, e com uma rapidez que só o desespero permite colocou tudo para fora. *Estômago, filho da puta!* — pensava, dando socos na minha própria barriga.

Sete

EDUARDO ALMEIDA

As pessoas escondiam seus rostos atrás de seus tórridos cachecóis e toucas flaneladas nas ruas de Paris. Crianças pareciam fumar charutos infantis ao emanar aquele bafo quente que se perdia no ar quando descolavam seus lábios para pedir guloseimas vistas de longe pelas vitrines coloridas do bairro Goutte d'Or. Assuntos consuetudinários para os pais.

A neve compunha a beleza copiosa da cidade luz e eu tremelicava. Antes fosse de frio. O dia mais longo da minha vida havia começado. Acordei cedo como sempre, acordar tarde sempre me deu dor nas costas. Tomei uma ducha morna, me arrumei; tomei o café matinal do albergue com torradas, cappuccino, geleias e frutas e aceitei um convite inusitado.

Barbara Kempsson, a islandesa, mais parecia uma modelo fotográfica capa da revista de moda Elle. Com seu sobretudo preto, luvas de couro legítimo, cabelos soltos — longos e louros — e óculos de lentes esfumaçadas; parecia não ser deste planeta. Ela havia feito uma maquiagem simples, gastou cerca de quinze minutos se arrumando no quarto coletivo que dividia

com McWeber, Tony e a seleção de atletismo da Dinamarca que treinava para maratona de Paris. O quarto era misto, e mais barato.

Barbara era alta, um metro e setenta e um, eu acho. Batia no meu ombro. Pele alva, nariz pontudo, olhos azuis pousados com sensualidade e boca com lábios fininhos. Suas bochechas rosadas me chamavam a atenção. Não eram meras bochechas rosadas de frio, eram bochechas naturais de menina que correu pelo parque atrás de uma borboleta colorida em plena primavera.

Tony parecia não sentir frio. Estava de camiseta preta com as letras FBI em branco sobre o peito. Levou consigo uma baguete de gergelim com presunto e queijo e comeu enquanto caminhávamos. Amarrou sua jaqueta na cintura e caminhava com passos longos. McWeber estava também com um sobretudo preto, mas desbotado, calça jeans e sapatos marrons. Sua calça era a mesma do dia anterior.

Eu torcia para algum deles desistir de realizar o meu sonho em Paris...

Descíamos a rua do albergue dos sonhos em direção à estação de metrô barbès – rochechouart. Essa era a estação onde Barbara expunha suas obras, como ela disse mais cedo. Era uma estação movimentada. Muitos ambulantes com traços aruaques — nação indígena nativa da Guiana Francesa — vendendo perfumes, roupas, cachecóis... Tudo a preço de banana.

A polícia francesa farejava algo. Tinha acabado de chegar ao local largando as viaturas na bifurcação sentido La Chapelle.

Fardas azul-escuro.

Sirenes barulhentas.

Sem qualquer tom de censura.

Os ambulantes corriam.

— GRILOO!! GRILOO!! — gritavam os ambulantes.

— O que é grilo? — perguntei abafando a voz com as mãos.

— Quando a polícia chega, eles gritam “grilo”. É um sinal para todos recolherem suas muambas.

— Mas, por que “grilo”?

— Sei lá... Porque eles são saltitantes, talvez.

O uniforme da polícia não se parecia nada com grilos. Enfim...

— E então, Edu? Qual seu sonho parisiense? — perguntou McWeber enquanto acendia um Marlboro vermelho protegendo a brasa do isqueiro com as mãos e falando alto.

— Cigarro?

— Não fumo.

— Cigarro, Tony? — Ele pegou um, acendeu, encheu a boca de fumaça e soltou leves baforadas.

— Torre Eiffel? Arco do Triunfo? Catedral de Notre-Dame? — Tentou adivinhar Barbara dando leves tapinhas no ar para jogar a fumaça para longe.

“Basílica de Sacré Cœur? Montmartre. Sainte-Chapelle?”. Eu ouvia-os tentando decifrar o enigma, mas não tinha coragem alguma de contar a verdade. Pensei em falar qualquer um desses para evitar qualquer problema ou algo parecido... Mas qual? Já conhecia de cor e salteado todos os pontos turísticos de Paris.

— Temos que ir rápido.

— Logo a polícia começa dar porretadas.

A cidade de Paris estava decorada de norte a sul com hematomas rubros de sangue coagulados de porretadas da polícia francesa. Pessoas inocentes levavam cacetadas no lugar dos radicais islâmicos que eles nunca conseguiam prender. Inocentes morriam de improviso. Famílias choravam eternamente.

Eu tinha que falar qual era o meu tão enigmático sonho antes de ficar roxo por um golpe de um porrete turvo nas costelas.

— É aqui que você vende seus quadros?

— Sim!

— Mas não é perigoso?

— Sim!

— E...

— A polícia está vindo aqui direto. Eles procuram por islâmicos, quando não encontram, batem nos ambulantes para não perderem a viagem.

— Você já apanhou da polícia?

— Graças a Deus, não!

— E então, Edu? Já se decidiu? — perguntou novamente McWeber.

— Sim, pessoal! Já me decidi!

— Hey, morde fronhas! — gritou um sujeito negro em minha direção encostado a um pilar de ferro pichado poucos passos à nossa frente. — Hey, viadinho!

Eu olhei para trás e só vi a multidão se espremendo para passar nas roletas à direita.

— Hey! Come-bundas!

— Aquele cara está falando comigo?

— Eles nos chamam assim mesmo, é carinhoso.

— É carinhoso chamar alguém de come-bundas, por aqui?

— Não, para nós, para eles é...

— A polícia chama de algo pior.

— Hey, viadinho...

— Viadinho já é demais, porra!

Fechei a cara e perguntei o que ele queria com as sobrancelhas e ele entendeu a pergunta. Tirou um frasco de perfume pequeno do bolso da jaqueta como se fosse algo muito secreto.

— Cinquenta euros. Vai?

— O quê?

— É um Guerlain Homme Sport.

— Você roubou essa porra?

— Eu não. Meu filho.

— Seu filho roubou essa merda e você não fez nada?

— Fiz sim, vim aqui vender para ele. — Arqueei as sobran-
celhas. — É pegar ou largar.

Barbara pegou na minha mão sem me esperar terminar a
conversa e me guiou para passar a roleta de alumínio.

— Vamos, Edu — ela disse sem qualquer malícia.

Todos estavam curiosos e fizeram um círculo ao meu re-
dor. Barbara sorria espremida, McWeber se deliciava com suas
unhas, Tony colocou as mãos para trás e com as sobran-
celhas dizia: “Vamos, vamos... Diga o que é?”. Eu respirei fundo,
massageei o couro cabeludo com a mão direita e olhei as horas
no pulso esquerdo. Ao mesmo tempo, coloquei as mãos para
trás das costas e fechei os olhos:

— Meu sonho em Paris é conhecer um morador de ruas!
— Suspirei.

— Seu sonho é o que?

— Meu sonho é conhecer um morador de ruas aqui em
Paris! — Suspirei novamente.

— Seu sonho é o quê?

— Meu sonho é conhecer um morador de ruas aqui em
Paris! — *Pronto falei, cacete!* Pensei na hora.

Todos se olharam para confirmar se haviam ouvido certo.

“Ele disse o quê?”.

“Morador de ruas?”.

“Acho que ouvi Arco do Triunfo.”.

— Está com febre? — perguntou Tony colocando as costas
da mão sobre minha testa.

— Não! — Forcei um sorriso.

— Frio? — perguntou Barbara apertando e esfregando
meus braços na altura dos tríceps.

— Também não.

— É da Interpol também?

— Não. Vim para Paris não para conhecer a Torre Eiffel, o Louvre, vim para conhecer um morador de ruas.

— Tá, mas, pra quê? — perguntou McWeber.

— Morador de ruas, *o quê?* Pessoas que moram nas ruas, certo? — perguntou Tony ainda achando que havia entendido errado.

— Hey! Hello! Ça-va? — disse Barbara batendo os pés no chão e com os braços cruzados. — Quando nós nos conhecemos e resolvemos realizar nossos sonhos em Paris, nenhum de nós julgou um ao outro. Nenhum de nós menosprezou o sonho do outro. Por que é que temos que julgar o sonho do Edu? — *Ela me chamou de Edu, de novo?*

Todos ficaram quietos. Tony desviou o olhar para o chão envergonhado e sussurrou:

— Está bem. Eu topo.

— Eu estou dentro! — disse McWeber.

— Eu super topo!

— Mas, pessoal, não é perigoso? — perguntou Tony que arriou os óculos no rosto. — Sabe-se lá onde teremos que ir para encontrar um morador de ruas, e além do mais...

Mergulhar em uma história de vida dilapidada era tudo o que eu queria.

— Invadir sites de governos e autoridades é seguro, Tony? — perguntou Barbara novamente cruzando os braços.

Ele ficou sem resposta desviando o olhar para o teto da estação de metrô.

— O.K., pessoal! Vocês venceram! Vamos à procura de um morador de ruas em Paris.

Oito

Cinquenta e quatro dias antes

EDUARDO ALMEIDA

Ao lado de uma bela gravata italiana costurada por especialistas com fios de seda de malha sólida frente ao peito, havia uma caneta de milhares de dólares. Muito uísque, gelo, entorpecentes, óculos escuros e alguns papéis para grafar sua assinatura. Era tudo o que eu via naquela mesa redonda. *Como eles colocaram uma mesa redonda dentro de um iate?* Isso só podia ser coisa dele. Aquela fumaça que tive que aguentar por horas sem ao menos dar um trago me deixou com dor de cabeça.

— A ausência de paixão na minha idade faz com que eu deseje toda manhã estar fora disso tudo. Sabe, Eduardo, eu já não tenho mais trinta anos. Toda aquela empolgação dos trinta já passou. Eu dava três seguidas. Hoje, não tenho ereção se não me entupir daquelas malditas pílulas azuis. Por falar nisso, minha mulher. Minha mulher aguentou meu fanatismo por essa merda de poder por anos. Meus filhos? Nem vi crescerem. Minha saúde? Uma merda. Tenho espasmos, palpitações, dores

no corpo, tusso vinte e quatro horas por dia e não consigo dormir sem a ajuda de calmantes. Dormir, ah! Há quantos anos não sei o que é dormir. Irrito-me quando estou caindo no sono e sinto o cano duro daquela pistola semiautomática que tenho debaixo das fronhas. Me dá uma vontade de sair atirando por aí.

Não aguentava mais ouvir esse velho bafento reclamar. *Ele não foi feliz nenhum dia da sua vida?*

— Certa vez... Eu estou falando muito? — perguntou ele. Minha vontade era dizer: “Agora que você percebeu? Assina logo essa porra.”

— Não, senhor Couto, claro que não! Sabe que sempre gostei de ouvi-lo falar.

— Pois bem, certa vez recebo uma ligação no meio da noite. Ignorando o fuso horário, era minha filha do meio, Mariana. “Pai, onde você está?” ela pergunta. “Ué, estou saindo do escritório” eu respondo. “Você não vem para minha formatura?”. Foi aí que me lembrei de que havia despachado minha mulher e minhas outras duas filhas para Suíça uma semana antes prometendo que eu iria depois, resultado? Quase perdi as quatro mulheres da minha vida. — *Puxa, não sabe o quanto me comove com isso.* — Uma hora a gente tem que escolher, ou aproveitar as pessoas que ainda nos amam ou morrer sufocado com papéis velhos em um sórdido escritório. Não me arrependo de ter matado para estar aqui. Aquele assassinato de uma das cabeças chave da Ore-North em Boston, foi planejado por anos, e na hora da execução? Bingo! Deu tudo errado. Era para morrer uma pessoa naquela escavação, no máximo três, mas não cento e dezoito. Mas como você sabe, o dinheiro compra muita coisa no mundo, imagina no Brasil. Veja tudo o que o dinheiro pode lhe dar: fama, poder, viagens, carros importados, iates... Você pode fumar os melhores charutos, tomar os melhores vinhos, e tudo isso acompanhado das melhores mulheres... Pode te dar a

capa das maiores revistas de negócios do mundo todo... É muito bom ver seu rosto estampando grandes revistas de negócios. Semana passada estive na Forbes, você deve ter visto. — *Vi e achei a sua entrevista uma porcaria. Ninguém mais te aguenta, velho chato. Por que não se mata e deixa a vice-presidência para mim?* — Essas revistas de fofocas que adoram tirar fotos nas suas casas são engraçadas. Eu as odeio, mas brasileiros adoram ver fotos de casas que eles nunca poderão ter. Portanto, sempre autorizo alguma entrevista comigo e com minha família em algumas de nossas casas...

Eu já não aguentava mais o senhor Couto. O aguentei por mais ou menos quinze anos no grupo Ore-North. Ele era neto de um dos fundadores do grupo, um português fugido da Europa pós-guerra Peninsular que viu no Brasil uma oportunidade de recomeçar. O grupo passou na mão de seu pai e filho do velho doutor Manoel Couto e conseqüentemente para ele, senhor João Couto. Era uma tradição de família e como senhor Couto teve três filhas mulheres as quais não se importavam nenhum pouco com o grupo, ele deveria assinar uma procuração passando poderes para um de seus executivos e acionistas caso algo acontecesse. Ele ainda não havia nomeado seu sucessor, por isso uma procuração deveria ser assinada até a eleição no ano seguinte que, obviamente, seria comprada.

O grupo Ore-North é o maior das Américas. O mais rico e o mais rentável. A maior produtora de minério de ferro do mundo e maior exploradora de níquel do universo. A empresa também produz manganês, ferroliga, cobre, bauxita, potássio, caulim, alumina e alumínio. Vale hoje cerca de trezentos e vinte e oito bilhões de dólares. É muito dinheiro!

O velho estava gagá, deixando as ações despencarem e dando oportunidade para os concorrentes, principalmente as anglo-australianas. Certa vez, perdemos um grande negócio

com um cliente Europeu, era nossa chance de dominar de vez o mercado, o que ele fez? Esqueceu o horário da reunião em um hotel em Brasília, enquanto nadava em sua piscina com algumas garotas de programa em seu sítio em Minas Gerais. Não sei até hoje o porquê ele pagava garotas de programa. Talvez porque vinte mil dólares para ele não era nada.

— Um dia eu vou sair disso aqui. Não hoje! E meus advogados pediram para eu assinar uma procuração para um sucessor até que o nome do próximo vice-presidente seja informado na eleição do ano que vem. Esse sucessor deve ter experiência e bagagem suficiente para me substituir, você tem — disse o senhor Couto dando um gole demorado no seu copo de Macallan 1946. Ele limpou o bigode com a língua sugando as gotículas que tentavam fugir da sua boca imunda. — Eu vou colocar você como meu sucessor. Sim, alguns investidores gostam de você, outros odeiam. Você é bonitão, fala bem, fala várias línguas, inclusive. Nos coquetéis que participamos com nossas famílias, sempre percebo as mulheres e filhas dos acionistas te olhando com desejo, e sei que você se diverte com muitas delas escondido. “Um partidão não é mesmo, mãe?” um dia ouvi minha filha falando de você para minha mulher. Só que se um dia você chegar perto de uma filha minha já sabe, não é? — *Você não sabe de nada, velho escroto*, eu pensava.

— Claro, senhor Couto, eu nunca me aproximaria de uma filha do senhor.

— Como eu estava dizendo... Não por você ter ganhado os maiores prêmios do mundo dos negócios ou por estar na lista dos dez maiores executivos do mundo que vou te nomear para o cargo. Estou citando seu nome, pois sei que você é tão mau caráter quanto eu, ou até mais. — Ele cortou outro charuto e o colocou na boca. — Sei de tudo o que você fez para chegar aonde chegou. “De estagiário a executivo chefe...”. “Jovem

assume a diretoria executiva da maior mineradora do mundo...”. Oras! Quem você quer enganar? As manchetes deveriam ser “Jovem sujo assume diretoria executiva após trapaças...”. “Jovem ganancioso vende alma para o demônio em troca de cargos...”. — Ele ria de forma irônica. — Eu te admiro, viu? Olha! Esse seu sangue frio me deixa cheio de esperanças de ter o perdão de Deus quando eu morrer. Pois assim, tenho a certeza que já passaram pessoas piores na terra.

Senhor Couto era um fracasso em muitas coisas, uma delas como ser humano. Encarava-me como o copo de uísque que ele tomava. Ele sabia que eu era uma mistura perfeita de centeio, água e fermento. Que esteve em um barril por vinte e poucos anos e estava pronto para homogeneizar. E que em breve, ouviria o som do meu tilintar.

Tive que ser paciente todos esses anos. Ele nunca aceitou minha ascensão profissional e por muitas vezes tentou me barrar. Minha coleção de milhões de dólares estava quase na metade da dele, e isso o assustava.

Ele fez uma pausa entre um gole de uísque e seu último gole. Chacoalhava o copo para lá e para cá para ouvir as pedras de gelos, já um pouco derretidas, se baterem. Olhava a bela paisagem daquele arquipélago em Maresias, e disparou mais veneno:

— Sobre o vice-presidente para a Ore-North ainda não está decidido. Mas pode ter certeza que não será você. Você ainda é uma criança e isso não é para crianças. Garanto que você se borrará todo ao ter que dar a palavra final em uma reunião importante. — Mordi os lábios e não respondi. — Sei que você participa e já participou de inúmeras reuniões opinando e contribuindo com suas ideias que são um lixo, mas ser vice-presidente e assinar como vice-presidente é bem diferente. — Ele gotejou uma risadinha irônica daquela cara

nojenta passando a mão nos poucos fios de cabelo que tinha. — Bem, te trouxe aqui hoje para assinar a procuração. “Ah, mas por que não assinamos em uma das salas de reuniões do grupo?”. — Pergunta que ele mesmo respondeu: — Porque eu não quis. — Sorriu. — Estava com saudade deste iate. Há anos não utilizo. — Embora tentasse, não conseguia esconder minha vontade de pular em seu pescoço, quanta ostentação! Mas eu não podia acabar com a vida dele ali naquele momento, ele ainda não havia assinado a procuração.

Acenei com a cabeça imperceptivelmente e o vi pegar a caneta de ouro do bolso de seu paletó. Sim, aquele velho dissimulado teve a ousadia de se engravatar para assinar uma procuração em um iate no meio do oceano. A papelada já estava na mesa de mogno marrom que ele pediu para colocar em uma das suítes com isolamento acústico do iate de vinte e seis metros de comprimento.

— Este documento te dá poderes apenas em minha ausência. Portanto, não tente fazer gracinhas, O.K.? Meus homens estarão te monitorando. — *Assina logo, seu estrume.* — Até a eleição do ano que vem, você é o vice-presidente do grupo Ore-North — disse o senhor Couto enquanto rabiscava sua assinatura naquela montanha de papéis. *Por que você não se mata, velho insuportável?* — Seus cartões de visita já foram providenciados. Seu endereço eletrônico já foi atualizado. Sua sala será a mesma que eu utilizei por anos e amanhã você já pode solicitar ao decorador que a decore da forma que preferir. Gaste os milhares de dólares que tiver que gastar, pois ano que vem o verdadeiro vice-presidente sentará naquela cadeira e você provavelmente estará na rua, desempregado e se masturbando no banheiro na falta desse monte de mulher que você costuma transar todos os dias. Meus parabéns, vice-presidente Eduardo Maddon — ele me saudou de forma ácida.

— Muito obrigado pela confiança, senhor Couto. — Confiança o caralho, ele só queria me colocar como interino até as eleições do próximo ano para eu sentir o gostinho da vice-presidência, e depois me escorraçar da sala grande. Sabe aquele ditado: “Quanto maior o salto, maior o tombo”? Então...

— Vai tomar no seu cu — ele respondeu se levantando em direção à porta branca. — Vou dormir um pouco, estou com umas dores estranhas. — *Torço para que o senhor morra hoje.* — E você pode ficar à vontade. Tem uísque no balcão no corredor e drogas na gaveta.

— Não uso drogas, senhor Couto. Mas o uísque eu vou aceitar.

— Que seja — disse o senhor Couto se dirigindo à outra suíte para descansar.

Às vezes eu sentia dó desse velho. Mas me lembrava de que dó era um sentimento muito nobre para esse tipo de gente. Na verdade, qualquer sentimento era nobre quando se dizia respeito ao senhor Couto, pois ele não merecia qualquer tipo de sentimento. Ele não merecia que você gastasse uma gota de suor para desejar seu mal. Ele só merecia queimar no inferno. Eu nunca fui vidente, nem tinha bola de cristal. Ler mãos? Acho isso uma *puta* mentira. Mas eu tinha certeza que esse velho queimaria no fogo do inferno em breve.

Nove

Cinquenta e um dias antes

EDUARDO ALMEIDA

Meu telefone celular tocou por cinco vezes enquanto estava dirigindo às quatro da manhã — não podia pegar o telefone no bolso detrás da calça. O sexto toque estridente me irritou e encostei o carro na pista para atendê-lo.

— Onde você está? — perguntou Enrico Pereira, um dos acionistas do grupo, ao invés de me saudar com um “alô”.

— Olá para você também — *otário* —, Enrico. Estou indo para minha casa, por quê?

— Você já sabe?

— Do quê?

— Do senhor Couto?

— Estive com ele em seu iate três dias atrás. Não nos falamos desde então. O que houve? — *Diga-me que ele morreu*, pensei.

— Ele foi encontrado morto. — *Minhas preces foram ouvidas*. — Em uma das suítes de seu iate. Segundo a perícia, infarto fulminante. — *Eu só acredito vendo! Esse velho é cheio das trapanças!*

Não disfarcei minha vontade de soltar rojões ali no meio da madrugada naquela pista escura e deserta.

— O quê? Você só pode estar brincando, Enrico — disse espiando pelo retrovisor da minha BMW um caminhão desgovernado. — Como assim? Ele estava ótimo, bebia e fumava charutos enquanto assinava as procurações me passando poderes.

— Pois é! Ele foi se encontrar com o “sete pele” mais cedo. — *Uhul! Bem feito, velho desgraçado!* — O velório será em sua mansão em algumas horas, você vem?

— Claro! Tenho que prestar condolências para a família, afinal, elas não têm culpa alguma de terem convivido com esse demônio.

— Esperamos por você — disse Enrico que desligou o telefone.

No flat, tomei um banho para tirar o perfume feminino dela e coloquei meu melhor terno de risca de giz. Aquele que guardei para as melhores ocasiões. Não esqueci meus óculos escuros para esconder meus olhos brilhando. Sim, era o enterro do velho Couto.

Grandes políticos, diplomatas, desembargadores, empresários, diretores e jornalistas do mundo todo estavam naquele velório na mansão dos Couto. Todos de preto e poucos choravam. Na verdade, apenas duas de suas filhas. O resto apenas estava por ali. Cumprimentei a viúva e suas duas filhas e me retirei. Ao invés de meus pêsames, queria falar “Meus parabéns!”, mas contive minha alegria.

— Meus pêsames, senhora Couto. Lamento muito a perda de nosso líder!

— Obrigada, Eduardo. Muita gentileza sua — respondeu a viúva anoréxica com chapéu preto e olhar enternecido.

— Ouvi-o por várias vezes contar a mesma história.

— Qual?

— De quando vocês se conheceram. Ele sempre me falava que se apaixonou pela senhora logo que te viu sorrir passeando naquela gôndola em Veneza.

— Ele te contava essa história?

— Claro! Da forma que ele falava de seu sorriso, até eu me apaixonaria. — Ela sorriu tirando os óculos.

— Conte com meu apoio nesta nova etapa como vice-presidente do grupo Ore-North, Eduardo — ela disse se virando para receber mais condolências. — Obrigada novamente, com licença.

É claro que ele nunca havia falado que a conheceu em uma gôndola em Veneza. Ele nunca elogiava ninguém, nem mesmo sua família. Apenas estava sendo espúrio na esperança de me aproximar e fazê-la confiar em mim. O apoio da viúva do ex-presidente seria de grande valia para mim a partir de sua morte.

Uma coroa de flores brancas estava ao lado do caixão de corpo sólido de bronze. Havia um recado que dizia: “Fará muita falta para a humanidade.”. — *Oi? Quem foi que escreveu isso, Jesus?* E o Oscar de melhor atriz coadjuvante goes to... Esse velho não faria falta para ninguém nesta vida. Muito pelo contrário, essa era a maior benção que qualquer ser humano poderia receber.

Mariana encarava a chuva que escorria pela janela embaçada daquele velório em casa. Ela havia acabado de chegar da Suíça para o enterro de seu pai. Aproximei-me e ela ao me sentir ao seu lado, suspirou.

— Chuva em Schönengrund, chuva em Maresias. Acho que estou com sorte hoje — disse ela sem qualquer ânimo.

— Meus pêames, Mariana — disse estendendo minhas condolências em um abraço forte.

— Nunca mais me ligou. O que houve? — disse ela com a voz abafada pelo meu ombro esquerdo.

— Você sabe que aquilo tudo era loucura. Se fôssemos pegos...

— E daí?

— Tinha seu pai, a empresa, seu marido...

— Era só mandar todos para o inferno. Às vezes me pego pensando em você e me pergunto o que estou fazendo com Schmid. Ele é ótimo, um super marido. Me dá tudo que eu preciso a todo o tempo. Mas eu sou um ser humano, e seres humanos vivem de amor; ou deveriam viver.

— Como sempre, poética.

— Obrigada!

— Sei que não é uma boa hora, mas, adoraria ter um exemplar autografado do seu último livro. Foi um sucesso no Brasil.

— Aquele romance é inspirado em um cara que amei muito, e quem sabe, ainda o amo.

— Sim, mas, no final, pelo que me lembro, eles não ficam juntos.

— Pois é, está aí o segredo do sucesso do livro. As pessoas não querem mais ler romances habituais, com casais feijão com arroz. As pessoas hoje em dia querem ler desgraças. As marcas apaixonadas que antes estampavam o pescoço da mocinha do livro, se deram lugar a marcas de sangue e feridas que não cicatrizam mais. Hoje, é mais estimulante ler sobre uma jugular esguichando sangue do que um pescoço com aroma de perfume francês com mordidas excitadas.

— Não acredita mais no amor?

Ela sorriu sem alegria e pediu licença para ver seu pai no caixão.

Não sabia o que dizer quando vi algumas autoridades se aproximando para me cumprimentar enquanto comia algumas

bolachas de nata com café que estavam sobrepostas à mesa de prata.

— Eduardo, como vai? — disse o Ministro Doutor Walter Barella esticando as mãos para me cumprimentar ao lado de seus três seguranças.

— Estou bem, caro senhor Ministro. E o doutor, como está? — respondi e perguntei correspondendo ao cumprimento.

— Me chame de Barella, por favor.

— Claro, senhor Barella.

— Estou bem — ele respondeu. — Não é o momento nem lugar para meu cumprimento. Mas saiba que o parabenizo pela promoção e tenho certeza que continuaremos fazendo excelentes negócios, assim como fizemos por muitos anos com o senhor Couto.

— Não tenha dúvidas, senhor Barella. Minha intenção é sempre considerar o senhor Ministro como referência em nossos negócios com o seu país, o Uruguai. Estamos no mesmo continente e minha intenção sempre será dar preferência à América do Sul — disse.

O Ministro Doutor Walter Barella era um empresário, advogado e diplomata uruguaio. Um dos mais corruptos da história do Uruguai. Famoso por sempre levar para suas contas no Bahrein, alguns milhões em todas as transações comerciais com o Uruguai. Ele foi muito amigo de Júlio Maria Sanguinetti — ex-presidente Uruguaio —, hoje, eles se odeiam.

Dez

Os mesmos cinquenta e um dias antes

EDUARDO ALMEIDA

As gotículas de chuva quente acompanhavam as nuvens escuras que fugiam para o leste de forma célere. O sol apareceu. Eram quatro horas da tarde e vinte minutos — hora do enterro do senhor Couto. *Até que enfim vou ver esse velho sujo e filho de uma puta debaixo dos sete palmos*, pensava.

Uma morte prevista, anunciada, óbvia e muito desejada. Senhor Couto tinha inúmeros inimigos e nenhum amigo. Certa vez, ainda quando criança ele viu seus pais negarem açúcar para um casal pobre que havia pedido para adoçar um chá calmante para um bebê que chorava muito. Ele cresceu achando que isso era normal. Aquela criança também cresceu e se tornou seu pior inimigo. O fato de ser bem-sucedido, ter dinheiro, poder, fama, atraí invejosos, interesseiros, oportunistas. O fato de ser o senhor Couto — o dono de tudo — atraía peleja, desarmonia, cizânia... Ficaria horas aqui procurando palavras sebentas iguais a ele para referenciá-lo. No colégio, ele era o único que ao invés de um mastim tibetano, queria um lagarto verde. Na

adolescência ele era o único que queria ser físico nuclear — para criar uma bomba atômica poderosa e matar a humanidade toda —, ao invés de ser jogador de futebol.

Havia uma história que sempre foi acobertada pela polícia brasileira — muitos sabiam a verdade, mas não tinham provas para incriminá-lo —, de que o suicídio do advogado e empresário Jorge Couto — seu sócio e irmão de sangue — naquele hotel em vinte e dois de fevereiro não foi bem um suicídio. Sorrateiramente, a polícia guardava consigo um “respeito” pelo senhor Couto, pois ele sustentava o luxo de muitos coronéis por ali por anos. Senhor Couto era sem dúvida alguma o maior filho de uma puta que passou por este planeta.

Aquela gente toda enfileirada de preto caminhando atrás do caixão de corpo sólido de bronze com alças banhadas a ouro, me fez me lembrar de um trecho do livro “Auto da Compadecida.”. Realmente o enterro de rico é totalmente diferente do enterro de pobre: madames com óculos escuros Armani, sapatos Roger Vivier, botas Louis Vuitton, bolsas da italiana Prada e Hermès Paris, vestidos Lanvin e Cartier nos pulsos e colos, não entrariam de forma alguma em um enterro de pobre.

Caminhávamos com cara de segunda-feira — ou fingíamos estar — pelas quadras do Cemitério São Sebastião. A presença dos montes rochosos ao fundo embelezava ainda mais aquele enterro. Por incrível que pareça o velho não quis competir com Francisco Matarazzo, enterrado em São Paulo, e ter o maior mausoléu da América Latina. Seu túmulo era simples e afastado. Junto aos seus avós, que começaram o grupo Ore-North quando vieram de Portugal para o Brasil, ele foi enterrado. Uma salva de palmas que durou alguns minutos finalizou aquela tarde — *ou aquela palhaçada*. Todo mundo que estava por ali o odiava, então para que toda aquela falsidade? Era mais fácil falar: “Aqui jaz o filho do demônio. Foda-se. Tchau!”. Enfim...

Peguei meu carro só pensando em chegar em casa. *Alpha-ville! Preciso descansar.*

Perdi-me em um bairro qualquer, na Avenida Paquetá. Parece que quanto mais você tem pressa, mais merda acontece. Parei no semáforo, de uma rua pouco movimentada, que demorou anos para brilhar a luz verde.

— Essa merda sempre demora assim, é? — perguntei para um senhor que pedia para limpar meu para-brisa. — Sim, pode limpar vai... — Pelo menos esse está trabalhando. — Vem cá, “parceiro” — disse tentando imitar o jeito carioca de pronunciar a letra “R”. — Estou perdido e preciso pegar a BR-101...

Ele parou de passar aquele pano velho, úmido e fedido no para-brisa do meu carro, dirigiu-se à janela onde eu apoiava o cotovelo esquerdo e de forma despótica disse:

— “Parceiro” não, senhor — disse ele, prepotente, ao levantar o dedo indicador da mão direita. — Por favor, “vice-presidente”.

— Vice-presidente o quê? Tá maluco, rapá? — perguntei novamente “cariocando”. — De onde tu me conhece?

— Não te conheço.

— E como sabe que sou vice-presidente?

— Disse que o senhor deve se referir a *mim* como “vice-presidente”.

— Pasmem! Era só o que me faltava! Vice-presidente de onde você é ô...

— Sou vice-presidente da associação dos moradores de ruas do litoral norte — disse ele com ufania.

— Que bela bosta! — retruquei o menosprezando. — Tome aqui... — Joguei em suas mãos uns quinze reais em moedas que estavam no console do carro. — Fique com o troco, O.K.? — O semáforo ficou verde e eu acelerei.

Um pensamento insistente e anormal brotava na minha mente quando errei novamente o caminho pelo bairro São Sebastião, e encontrei o mesmo “vice-presidente” da associação dos moradores de ruas do litoral norte no mesmo semáforo de minutos atrás. — Como ele ousou me desafiar? Aquele cara provavelmente tinha problemas mentais, ou não vivia espiritualmente no mesmo planeta que eu. Ele vestia uma calça rasgada, chinelos havaianas, uma camiseta de uma campanha de um vereador qualquer e um boné jeans, bem sujo, inclusive.

— Hey “vice-presidente”. — Eu o chamei acenando com a mão de dentro do carro.

Ele veio ao meu encontro caminhando lentamente segurando seu rodinho e alguns panos velhos que eram suas ferramentas de trabalho.

— Voltou é? — perguntou ele de forma irônica.

— Sim. Me perdi novamente nesta merda de bairro. Olhe só, como faço para pegar a BR-101? — Ele me olhou franzindo as sobrancelhas e gesticulou com as mãos insinuando que eu havia me esquecido de dizer a palavra mágica. — Ah sim! Por favor, “vice-presidente”.

— Agora sim! Pegue a avenida reto até o terceiro semáforo, vire à esquerda sentido... — Eu anotava tudo pelo telefone celular. — E no outro e último semáforo, encontrará o Régis.

— Que Régis? Quem é Régis?

— É um de meus subordinados.

— Ah, você tem subordinados?

— Sim, e você não, ô, “vice-presida?” — disse ele fazendo aspas com as mãos ao dizer “vice-presida”.

— Vem cá, e quais são as suas atribuições como “vice-presidente” da associação dos moradores de ruas do litoral norte?

— Muitas, claro!

— Como o quê?

— Sou responsável pela administração dos recursos, dos acionistas... Pela gerência de cada setor... Pelo financeiro... Pelo plano estratégico...

— Como “administração dos recursos” e “financeiro?”. Vocês não têm um centavo.

— Viu só como eu sou um bom “vice-presidente”? Se tivéssemos recursos e dinheiro não seríamos moradores de ruas — disse ele sorrindo com três dentes na boca.

Ainda não conseguia acreditar que eu estava prestes a pegar a BR-101 congestionada porque havia parado para conversar com um morador de ruas. Ou melhor, com o “vice-presidente” da associação dos moradores de ruas do litoral norte. E eu ia lá saber que aqueles cretinos têm uma associação? E se tudo aquilo fosse uma encenação, alguma pegadinha desses programas de televisão, sei lá... Se fosse tudo um engodo para eu me distrair e eles me roubarem. O semáforo havia ficado verde umas três vezes e eu ainda estava ali, conversando com aquele homem. Os poucos carros atrás buzinavam e xingavam. Como esses caras falam palavrão! Apreciem o Atlântico, porra!

— Você tem família, rapaz?

— Não pense que somos íntimos, senhor — disse ele erguendo o dedo indicador ao alto. — Diga a palavra mágica.

— Senhor “vice-presidente”. — *Da puta que pariu.*

— Agora sim! — Ele sorriu com ironia, mas não conseguia me fazer ter raiva dele. — Tenho um filho que mora com a mãe pouco longe daqui.

— E você é feliz aqui?

— Muito!

— Como “muito”?

— Muito ué. Pronominal indefinido “muito”, advérbio de intensidade. Sinônimos: em excesso, superabundantemente...

— *Ai meu Deus do céu, ainda bem que estou com paciência hoje!* —
Um sobejo sim! Sou muito feliz aqui nas ruas.

— Como você pode ser feliz morando nas ruas? Você não tem onde morar... Você...

— E quem te disse que para ser feliz você precisa de “Um lugar para morar.”? — Ele me interrompeu. — A chave da felicidade fica no bolso da sua calça, e não em uma gaveta de madeira teca indiana em uma mansão na zona sul. Sua calça pode estar suja, velha, rasgada e pulverulenta, mas você não costuma sair sem ela. — *Pois é, não tinha pensado nisso.*

— Duvido que um morador de ruas em Nova Iorque pensaria assim.

— Pensa sim, tenho alguns amigos nos “States”. — *Era só o que me faltava esse cara começar a falar inglês aqui comigo.*

— Milão que seja...

— *Ho amici anche lì* — respondeu ele em italiano gesticulando como um nativo.

— Eu poderia viajar o mundo hoje. Poderia mesmo, se eu quisesse! E te provaria que o sonho de todos os moradores de ruas do mundo é ter “Um lugar para morar.”

— Tente a sorte! — Ele sorriu. Deixou-me falando sozinho e saiu saltitando por entre os carros parados naquele semáforo.

Acho que era a hora que parar de adiar o que eu deveria ter feito há anos, realizar aquele sonho. Era hora de deixar o maior executivo de todos os tempos um pouco de lado e reassumir a minha real identidade, lembrando-me daquele menino cheio de aflições, medos, desejos e sonhos quando órfão.

Onze

EDUARDO ALMEIDA

Sentia que alguém havia borrifado perfume naquela rua, mas nada mais era que o cheiro da pele de Barbara. O sol estava tímido, apenas um feixe leitoso de luz iluminava as calçadas com neve. As pontas dos dedos continuavam dormentes.

Os manequins de expressões ausentes nas vitrines das lojas pouco movimentadas assistiam nosso caminhar. Havia um jardim, incrivelmente florido com camélias e ciclames, talvez fosse o calor de Barbara ao passar por ali nas manhãs cinzentas para jogar o lixo do albergue que as ajudaram crescer. Eu não estava pensando no meu futuro naquele momento, geralmente, pessoas pensam no futuro para esquecerem o presente. Eu pensava no presente para esquecer meu futuro, que provavelmente seria longe dela. — *Caralho, Eduardo! Está todo apaixonadinho por uma garota que você nunca mais verá?* — pensei. — *Qual o problema? Existem regras, então, para se apaixonar?*

Ela ria um pouco. Na verdade, ela ria o tempo todo. Sabe aquela sensação gostosa quando percebe que a garota que você

está afim, também está afim de você? Então, era isso que eu sentia. Fora o frio que já não mais incomodava.

Pela rua. Pela rua totalmente congelada. O frio já não era mais um problema.

Eu tinha vontade de esmagar seus lábios com os meus. Senti-me orgulhoso por ter me segurado por algumas horas.

BARBARA KEMPSSON

Não é que minha timidez tinha tomado chá de sumiço, é que daquela vez meu coração batia forte sem qualquer tom de censura.

Intensa.

Confiante.

Eduardo me fez esquecer a promessa que havia feito anos atrás. Tá, crianças de doze anos fazem promessas para tudo, e envelhecem sem se lembrar para o que eram essas promessas, mas não se esquecem que um dia fizeram uma. O que será que ele está pensando? Será que me achou uma intrusa enfadonha ao pedir que fôssemos juntos realizar seu sonho parisiense? Na hora eu nem pensei se ele iria se encontrar com sua namorada ou qualquer coisa parecida, sei lá.

Que vergonha!

EDUARDO ALMEIDA

A consciência voltou para mim após ter percebido que meus novos amigos haviam aceitado meu sonho doido de conhecer um morador de ruas em Paris, mas meu corpo ainda tremia. *Meu corpo não tremia de frio, eu acho.*

A estação de metrô era muito maior do que aparentava do lado de fora. Encarava a nuca tatuada do negro magro com voz

poeirenta que estava à minha frente na fila para comprar os bilhetes do metrô. O barulho daquele cara mascando chiclete estava me perturbando.

A estação estava abarrotada de gente. Após um atentado de radicais suicidas, a vida continuava. Minhas mãos estavam suando. Não via meus amigos atrás de mim na fila, mas sabia que estavam por ali. Ouvi alguns sussurros do tipo “Ele é doído?”. “Já sei, é da polícia à paisana. Brasileiros não falam francês como ele...”. — *Claro que eu não era da polícia! Muito pelo contrário!*

O único problema que eu pensava naquele momento era: *Onde encontrar um morador de ruas em Paris?*

Uma jovem judia de dentes protuberantes, chamada Emma, nos deu as coordenadas para encontrarmos um morador de ruas em uma estação de metrô enquanto parávamos pessoas aleatórias naquela estação. Nosso benfazejo não era entrevistar um simplório misantrópico. Era muito mais que isso. Perguntávamos para todas as pessoas que passavam por ali e apenas essa jovem respondeu que conhecia um.

Na verdade, poucos pararam para conversar conosco, acho que pensavam que estávamos vendendo seguros de vida ou algo assim. Uma senhora, inclusive, respondeu para Tony “Hoje não, moço.”, após ele ter dado a ela um simples “Bom dia!”.

Emma nos contou que se lembrava de um morador de ruas que dormia todos os dias há alguns anos na estação trocadéro, aos arredores da torre Eiffel. Disse também que ele era famoso por ali, pois ao invés de pedir moedas ou comida, pedia sempre um jornal, uma revista... Não necessariamente em francês, pois ele falava várias línguas, provavelmente. *Um morador de ruas poliglota, uau!* — pensei.

Pegamos então o trem sentido à estação trocadéro como informado para tentar encontrar esse homem. Emma nos descreveu ele como sendo um senhor de barba grisalha, pele e

olhos claros. Vestia um sobretudo negro, com calças também pretas e rasgadas, por sinal, uma touca e luvas marrons. Seus sapatos eram bem velhos de cor suja. Ele costumava ficar sentado no final do túnel na plataforma de trens em cima de um pedaço grande de papelão e jornais. *Talvez os jornais que ele pedia eram exatamente para isso.* Tinha consigo também, uma caixa de madeira pequena — meio que trinta por trinta — e atendia pelo nome de senhor Gérard, mas que seu nome verdadeiro era um mistério. Assim como sua história.

Bom, até ai nada de diferente para mim. Um morador de ruas normal? — pensei — Não! Não mesmo!

No vagão, Barbara, McWeber e Tony sentados e eu em pé segurando as barras de ferro meio enferrujadas e engorduradas daquele metrô velho. Engana-se quem acha que os metrôs de Paris são de primeiro mundo. Os franceses não são muito receptivos com turistas, mas também pudera. Havia um grupo de garotos, espanhóis, eu acho, com mochilas enormes nas costas tapando a visão e caminho do resto do vagão. Falavam alto e riam muito. *O.K., mas precisa tapar o caminho das pessoas?*

Havia além deles, muitos turistas animados sentido a tão linda torre Eiffel e eu animado para conhecer um morador de ruas em Paris.

Ouvíamos suavemente o som de uma tempestade de neve anunciada quando o metrô parava e abria as portas de correr. Barbara não se preocupou em proteger seu cabelo liso. Não tínhamos guarda-chuvas, nem protetores de neve.

A estação apontada pela garota de jaqueta enorme não era tão longe do albergue, mas debaixo daquela tempestade parecíamos estar do outro lado da cidade. *Já deve estar chegando.*

McWeber e Tony me olhavam disfarçadamente, achando que eu era maluco, realmente.

Passamos por várias estações até chegar a trocadéro e parecia

não haver qualquer morador de ruas nas estações de metrô. Parecia-me também que a única que havia gostado da ideia era Barbara. Ela sorria. Perguntava se já tínhamos chegado a estação. Se eu estava animado, enfim... Ela estava atenta e olhando a todo o tempo pelas janelas procurando por moradores de ruas. Tony e McWeber apenas estavam ali.

O sol naquela manhã, às nove e quarenta e dois, era tão tímido que se escondia atrás de nuvens cinzas. Barganhavam. O que apontava era a hora de saltarmos do vagão e assim fizemos. O sangue nas minhas veias que há duas horas mal corriam por elas, ultrapassava a velocidade do meu corpo e sentia muito calor.

Eu já era o primeiro na fileira para saltar do vagão. Encostei meu nariz na porta fria e embaçada e esperava o maquinista frear por completo para porta se abrir.

“Próxima estação, trocadéro” — disse o alto-falante dentro do vagão. — “Saída pela porta direita do trem.”

Depois disso não ouvi o mesmo alto-falante alertar sobre o cuidado para descer do trem, pois a plataforma estava a um passo e meio do vagão por algum erro de cálculo do pai do metrô, Fulgence.

Advinha? Claro! Eu me atrapalhei ao sair. Pisei em falso e cai entre o vagão e a plataforma. Fiquei até a altura da barriga preso e me borrei todo. Tentei me soltar, mas nada, estava entalado. “SOCORRO! SOCORRO!” gritavam pessoas que eu jamais havia visto na vida. Foi óculos para um lado, carteira para outro até que McWeber conseguiu recolher tudo e eu sair do buraco assassino com a ajuda das pessoas que por ali estavam.

— Edu, você está bem? — disse McWeber quando ofegante me devolveu minha carteira.

— Estou, cara, muito obrigado! — agradeci. — Eu ando meio desastrado por esses dias.

— Não se preocupe, foi assim que o conhecemos. — Sorriu Barbara e me abraçou. — Acalme-se, tá?

Confesso que naquele momento queria ter caído novamente só para ganhar outro abraço até que...

— Poxa, Edu! Quantos cartões de crédito você tem — disse McWeber.

— Oh! Sim, isso é normal no Brasil... — disfarcei enquanto *batia* as mãos na minha calça na altura dos joelhos para limpar o pó. — Todos prontos?

— Para comer? — perguntou Tony.

— Não! Vamos ao encontro do senhor Gérard! — disse Barbara pulando feito uma criança.

— Primeiro, vou comprar umas balas por ali... — disse Tony.

Seguindo à direção indicada por Emma, a judia castor que conhecemos e conversamos um pouco, pudemos ver que a realidade de Paris era um pouco diferente que na televisão. Emma era de origem eslovaca e morava na França desde os dois anos de idade. Seus pais tinham uma barraca de souvenirs na estação barbès – rochechouart. Ela se deleitava falando de sua origem e de seu país. Realmente, a Eslováquia é linda.

A esquina cada vez mais perto, a última antes do final do túnel...

— Que horas são? — perguntou McWeber.

— Dez horas — respondeu Barbara devolvendo sua mão esquerda ao bolso de sua calça.

— Tem compromisso?

— Não... Não...

Descendo do trem, subimos alguns degraus, uma velha escadaria de piso antiquado quebrado e molhado de gelo derretido. Seguimos reto e viramos em seguida, uma para direita outra para esquerda. Mais à frente, esquerda novamente e mais

degraus desta vez para descer. Para meu alívio, pude ver o pobre senhor despontar no final do corredor. Sentado sozinho. Podia vê-lo por entre as pessoas que por ali passavam e não se importavam com sua existência. Parecia uma estátua, invisível. *Foi este mesmo termo “uma estátua invisível” que dias mais tarde ele se referiu para nós falando de sua pessoa.*

McWeber perguntou:

— É ele, pessoal? É o senhor Gérard ali sentado, vejam!

— Sim. Sapato velho desbotado, calça surrada rasgada, sobretudo negro cheio de pelinhos, touca e os jornais, olhem os jornais pelo chão... Sim! — Não teve dúvidas, Barbara. — É ele!

Jazia confusamente sentado como uma estátua se deleitando em ser um objeto protuberante invisível. Ele não tinha uma pança caindo por cima do cinto velho como imaginamos, embora tivesse a mesma tez triste que suspeitava.

À medida que andávamos, ele se tornava mais próximo de nós, mas apenas fisicamente. Uma fila indiana se formou por nós sem que tivéssemos combinado. Eu, Barbara, McWeber e Tony. Essa fila logo se transformou em um triângulo mal feito, andando devagar.

— Você vai se encarregar de falar com ele, certo?

— Sim! — respondi sem ao menos ver quem havia perguntado. Acho que McWeber, sei lá...

— Todos nós falaremos com ele — disse Barbara. — Ele não é um bicho, é uma pessoa.

Ele espirrava e respingava algo alcoólico em nossos pés. O cheiro era forte.

Cor de casco de navio naufragado sem adorno. Olhar cor de chumbo das nuvens de tempestade. Nossa posição era privilegiada, mas não assistíamos nada além de nada.

Após captar sua excentricidade por alguns segundos, notamos sua maior qualidade para quem não o conhecia, sua capacidade

inexorável de se parecer inóspito, invisível e microscópico. Brillhante como um cristal despedaçado no chão da sala, com a cabeça ligeiramente estática e um olhar embevecido para o nada onde provavelmente via o tudo, não nos deu qualquer atenção. Levemente sublinhava a impressão de excrescência dada pelo próprio olhar de sofrimento e enigmas esfíngicos.

— Senhor, bonjour.

— Olá, senhor — disse Barbara ficando na posição de cócoras.

Ele na posição de lótus do Paraguai.

— Oi, senhor Gérard? — disse Tony. — Aceita? — perguntou oferecendo a ele uma porção de balas e doces que tinha consigo.

Ele não respondeu para ninguém. Chegamos até pensar que ele era surdo e mudo.

— Será que ele é surdo? Mudo... Sei lá...

— Senhor?

— Hey Senhor...?

Não, não respondia.

Mentalmente ele respondia, para ele mesmo, talvez, porque para nós... Nem mesmo desviava seu olhar do outro lado dos trilhos do trem para nossa direção.

— Parlez-vous le français?

— Parlez-vous le anglais?

— Parlez-vous le espagnol?

— Vous-parlez german?

Ele não respondia. Ele não se mexia. Ele não nos olhava. Ele não tinha qualquer reação. Ele não respirava. Ele não estava ali...

Aquele senhor estava sentado por cima do Globe de Boston, o Daily News de Los Angeles, o La Stampa de Turim, na Itália e pude ver um pedaço rasgado do argentino Clarín. Ele parecia

ler jornais do mundo todo. Em um deles uma entrevista com Lars Von Trier na capa, falando do filme “Melancolia.”.

Aquele pobre senhor estava apático, vidrado em nada ou em tudo que via do outro lado da plataforma da estação de metrô. Um fedor azedo e nauseante exalava de sua pele.

Do lado de lá dos trilhos, além de pessoas indo e vindo, entrando e saltando dos trens barulhentos que paravam a cada minuto, havia um banco vazio, uma senhora com sobrepeso com um cachorrinho pequeno que rapidamente sumiu entre os vagões, um garoto de mãos dadas com sua mãe e um balão grande de gás hélio no formato do Sullivan — do Monstros S.A. —, um mapa das estações de metrô de Paris todo pichado e marcado a dedos sujos, muita publicidade do McDonald’s, convites para peças de teatro, promoções no cinema e assim por diante. *Nada demais.*

— Está tudo bem? — eu perguntei.

— Vai ficar tudo bem se vocês forem embora — ele murmurou.

— O que disse, senhor?

— Senhor?

— Hey, senhor?

Eu ouvi, eu tinha certeza que havia ouvido algo além de sua respiração cadenciada.

E novamente ele parou de responder. Na verdade, não havia entendido se ele realmente havia dito “Vai ficar tudo bem se vocês forem embora.”. Ouvi um resmungo, bem baixinho...

Fiquei em pé novamente, descansei os braços na cintura e procurei por alguém naquela plataforma de trem na França que poderia nos ajudar e encontrei Jules Carnot, um jovem que passava por ali ouvindo música com seu fone de ouvido branco no último volume. Fiz mímica para pará-lo e perguntar algo.

Ele parou, sacando as orelhas para fora e deixando-as respirar e balançou a cabeça.

— Ele é assim mesmo, nunca responde para ninguém. Às vezes deixo algo que sobra do meu lanche, mas nunca o vi comer — disse ele que passava por ali todos os dias para ir e voltar do colégio público francês.

Eu não sabia ao certo o que ele sentia. Se tristeza, decepção, rancor, desânimo, dissabor, amargura, angústia, consternação, desconsolo, esmorecimento, desalento ou tudo isso ao mesmo tempo. *Ou se tudo isso era uma coisa só.* Mas sabia que felicidade não fazia mais parte do vocabulário daquele senhor.

JEAN-PAUL

Era só o que me faltava. Um bando de mauricinhos bancados pelos pais provavelmente me perguntando qual meu sonho. — *Vem cá, vocês são da ONU? — Vão vocês e todos da ONU pra puta que pariu!* — A falta do que fazer era tanta. Eu na idade desses moleques já cuidava sozinho do grupo. Não sei... Acho que esses anos todos sem falar com humanos me fizeram desaprender a me comunicar. Eu não conseguia olhar nos olhos daqueles jovens. *Na verdade, eu não conseguia acreditar que eles estavam ali para fazer o bem para alguém* — pensei.

Esses anos nas ruas me fizeram acreditar que todo mundo só queria o mal dos outros. Eles falavam, mas eu só via suas bocas se mexerem. Meu cérebro não ordenava o som de forma que eu entendesse. A verdade era que a minha realidade não era a realidade daqueles jovens banhados de suor com cheiros de perfume.

Um deles aparentava ser o líder do bando, falava francês fluentemente, mas não parecia ser nativo. Sabe-se lá de onde saíram esses moleques e o que eles queriam. *Ele se parecia muito*

com Leonard Beurbeaux. Saudades do tilintar daquelas doses robustas do Le Zéro.

WILLIAM MCWEBER

Cada vez mais eu achava que aquela conversa não ia dar em nada. Aquele morador de ruas só poderia ser mudo. Ele parecia ensaiar uma resposta que não saia de sua boca. — *Talvez respondesse a nós mentalmente.*

Não sei... Aquele senhor despertava uma curiosidade em mim. Ele parecia personagem de algum romance policial que eu havia lido, mas não me lembrava qual. A sua imaginação não tinha limites. Como eu sei? Fácil! Ele viajava sozinho. É bem verdade que moradores de ruas viajam mentalmente para fugir dos dias difíceis, nós também fazemos isso às vezes. — *Difícilmente ele encontraria seu propósito na terra em vida.*

Estava desligado do mundo real. Bisbilhotar não era com ele. Não cruzou as plataformas com passos largos, nem sequer se levantou.

Havia algo debaixo daquela rabugice e nós tínhamos que nos esforçar caso quiséssemos saber. No fundo havia um homem atrás daquele ser boçal. Havia uma história naquele capítulo de livro. Havia uma vida ali sentada no chão frio da estação de metrô. Ele era malcheiroso, mas um malcheiroso com cara de boa literatura francesa.

TONY MITHFIELD

— Qual seria a história deste homem? — disse Eduardo. *Boa pergunta, penso eu.*

Eu poderia descobrir isso em alguns segundos. Bastava eu procurar por seu nome no banco de dados da Interpol.

Nós sabemos de tudo, de todos, a todo o tempo.

Se ele não tivesse documentos?

Não tem problema, ele tinha ossos, músculos e órgãos. E isso o tornava pesquisável. Faria um exame rápido aqui mesmo e mandaria para a central nos Estados Unidos. *Descobriríamos na hora quem era esse sujeito.* Acho engraçado, pessoas que mudam de nome, cabelo, fazem plástica após uma traição de marido ou um assalto a um grande banco, nós da Interpol encontramos estes mais facilmente do que os outros. — *Idiotas...*

BARBARA KEMPSSON

Não deveria ter posto esta sandália de pano — pensei. Estava toda molhada.

Como ele conseguia ficar sentado em cima dessa poça d'água? — *Coitado...* Não tinha coração para essas coisas. Só aceitei porque Eduardo tinha pedido com muito jeitinho. Parece que meu “sim” para ele era o que faltava para ele me lambuzar com algo quente enquanto eu o beijava e sentia seu sexo ejacular dentro de mim. *Sonhe, Barbara, sonhe...*

Por que ele vive aqui?

Cadê sua família? Cadê sua história? — Parecia Eduardo falando quando tentava nos convencer de seu sonho maluco. Ele não respondia. Na verdade nem nos olhava.

— Edu... — o interrompi enquanto ele passava as mãos frente aos olhos daquele senhor para testar sua visão. — Talvez ele seja mudo? — disse.

— Pensei o mesmo — disse McWeber.

— Mudo, surdo e cego — complementou Tony com as mãos na cintura.

— E agora, Edu? — perguntei enquanto o via olhar para os lados procurando por algo naquela estação de trem.

— Será que alguém por aqui sabe algo sobre ele? Senhor...
— Edu tentou falar com as pessoas a alguns metros dali que acenavam negativamente com a cabeça ao olhar para aquele maltrapilho.

Eu falava todos os dias com a minha mãe. Mesmo que a ligação da França para Islândia fosse cara, nunca imaginei não falar com minha mãe.

Será que esse homem tem filhos?

Sim, tinha...

JEAN-PAUL

Via o líder do grupo perguntar algo sobre mim para todos que passavam pela estação de trem. *Ninguém me conhece aqui, seu otário!* Ainda bem. Senão eu estaria perdido.

O via perguntar para os guardas da estação que também respondiam que não me conheciam e não sabiam nada sobre mim com a cabeça. — *Desta forma, eles comprovam que eu não devo nada para as “autoridades”.*

Deu-me certa vontade de colocar esses jovens em um quarto trancafiados no meio do nada e meter-lhes fogo. Para assisti-los queimar por alguns minutos. Uma das coisas que mais me impressionou nesta vida é como nosso corpo queima rápido quando o ateamos fogo. É uma morte dolorida, mas bonita de se assistir.

EDUARDO ALMEIDA

Tive a brilhante ideia de autorizar uma cigana francesa a ler a mão daquele senhor.

— Posso ler sua mão? — ela disse.

— Até na França vocês existem? — perguntei. *Putá que pariu.*

Não acredito nessas coisas. — No Brasil vocês ficam nos centros das cidades todas sujas e malcheirosas, voltam para casa com grandes picapes que os trabalhadores nunca poderão comprar.

Como vocês compram se nem endereços vocês têm?

Enfim...

— Alguém quer ler a mão aí pessoal? — perguntei para o grupo e ninguém respondeu. Olhei para aquele senhor e disse: — Está bem, leia a mão desse senhor que eu pago. — Ela se abaixou levemente perto daquele morador de ruas. *Era uma briga para saber quem estava mais malcheiroso.*

Pegou sua mão sem qualquer reação dele para com aquela situação e ela disse:

— Nossa! Quanta história nestas mãos, senhor! Vejo muita saudade, explosão, rancor... Muito dinheiro chegando e uma grande surpresa acontecerá!

Dei-lhe algumas moedas ela se foi segurando um ursinho de pelúcia do Mickey Mouse todo marrom de sujeira.

Bom, ela havia falado que ele tinha muita história, que ia ficar rico... Na verdade, devem falar o mesmo para todos idiotas, que assim como eu, as pagam para ler as mãos.

JEAN-PAUL

Será que aquela filha da puta sabia de algo? Acho que dizem o mesmo para todo mundo...

Reitero, vaca filha de uma puta e fedida dos infernos.

Sua mão estava toda engordurada de salgadinho barato. *Eu moro aqui há anos e nunca tive a coragem de comer esses salgadinhos que vendem nessas barraquinhas da estação, pensei.*

EDUARDO ALMEIDA

McWeber cavoucava o bolso de sua calça. Pegou seu maço de cigarros, escolheu e colocou um entre os lábios. O acendeu protegendo a chama do isqueiro de uma possível brisa dentro da estação de metrô. Ele deu uma longa tragada sem tirar os olhos de senhor Gérard e soltou aquela fumaça, *que eu odiava*, em direção àquele senhor que não reclamava. Não se mexia. Não se “nada”.

McWeber não tinha a ponta dos dedos amarelas. Supunha que fumava pouco. Daqueles que fumam apenas no inverno. *São fumantes de inverno.*

— O senhor fuma? — Ele não respondeu.

Dei a última encarada naquele senhor e disse: — Vamos. — Me virando para subir as escadas que levavam à saída da estação. Eu entendia que havia falado com aquele senhor, sem mesmo ele ter respondido e isso nos fazia ter um elo entre nós. Por isso, pensei em voltar no dia seguinte para continuar a conversa.

Doze

EDUARDO ALMEIDA

Já era fim de tarde e de nada adiantou ter ficado o dia inteiro sentado naquela fria estação de metrô em Paris ao lado daquele senhor. *Ele não disse uma palavra.* Barbara perguntou que horas eram e se levantou do chão úmido e frio da estação trocadéro.

— Edu, vamos embora. Ele não respondeu uma pergunta sua — sugeriu Barbara.

— Ele deve ser mudo ou algo assim. — Suspirou McWeber.

Um rugido surdo e dolorido do meu estômago me lembrou que tínhamos passado o dia todo sem comer. Ao passar pela catraca para deixar a estação de metrô, Barbara me consolou e pediu para que eu não ficasse chateado, pois encontraríamos outro morador de ruas. Afinal, em Paris havia uma porção deles. Ela tentou ser legal.

Aquele cara sem blusa que conheci no frio de Kehra, na Estônia, já alertava:

“O sonho só é considerado sonho se você persistir que ele possa ser realizado. Caso contrário, ele é apenas um pensamento. As conexões

neurais são responsáveis pela formação de nossos pensamentos, e você é a conexão humana responsável para realização dos seus sonhos. Se der errado na primeira, tente a segunda. Se der errado a segunda, tente a terceira, a quarta... Tenho oitenta e nove anos e nunca conheci ninguém que morreu de tanto tentar, mas conheci muitos que morreram antes de tentar logo na segunda vez.”.

Acho que eu estava tentando me consolar e continuar com minha empolgação de última cidade dessa viagem antes de voltar ao Brasil. *Não posso arriar logo agora que o pior já passou.*

Eu aceitei acompanhá-los, dizendo “sim” com a cabeça, a um passeio aos arredores da torre Eiffel. Mesmo sabendo que por ali seria difícil encontrar algum desabrigado, uma vez que as autoridades alegam que eles só servem para estragar seus cartões postais mais belos.

Os túneis no fim de tarde em Paris estavam cheios. As tubulações de ar gotejavam na cabeça de muitos que corriam para pegar o metrô para casa.

E eu pensava que os metrôs de Paris eram mais bonitos, sei lá... Não estou vendo nada de primeiro mundo por aqui.

Pisei na calçada congelada do lado de fora da estação e tive a certeza de estar deixando algo para trás.

Não posso desistir tão fácil assim, os outros foram muito mais fáceis.

Sabe quando você bate nos bolsos para procurar as chaves do carro e poucos milésimos de segundos depois percebe que as chaves não saíram de suas mãos em momento algum? Foi mais ou menos assim. Sentia que eu batia as mãos nos bolsos do meu sonho, e que era só eu abrir as mãos que tudo estaria ali.

Acho que vou tentar falar com aquele sujeito mais um pouco.

Desisti.

— No que está pensando? — perguntei para Barbara que sorriu ao olhar para o alto da torre Eiffel.

— Penso em quanto sou apaixonada por Paris. Esta cidade é muito romântica e ao mesmo tempo muito excitante. Estou fazendo dois módulos do meu curso de Artes da faculdade de Reykjavík aqui, em Paris, e volto para lá no meio do ano que vem.

— Você e McWeber... Hmm... Digo... Têm algo, tipo... Já tiveram...

— Oh não! Somos amigos. Quase irmãos. — *Ufa.* — Conhecemo-nos no albergue no mesmo dia que nos hospedamos. Nunca namorei ninguém em Paris e olha que estou aqui há dois anos. — *Que desperdício.*

— Mas você é linda. Tenho certeza que encontrará um cara bacana. — *Mas se quiser me dar um beijo agora, fique à vontade, pensei enquanto abria um sachê de maionese com a boca. Mas na frente de todos?* Imaginei sua resposta.

Ela sorriu.

— E você?

— Solteiro! — respondi em menos de dois milésimos de segundo.

— Não! Pergunto no que está pensando. — *Ops! Que merda!* Ela caiu na gargalhada e arrumou os cabelos que o vento frio tratou de desarrumar.

— Oh sim! Claro. Pensando naquele homem. Pensando que ele vai dormir sozinho, largado em uma estação de metrô enquanto muitos almoçam nos belos restaurantes da torre Eiffel. — *Quanto contraste.*

— Nunca conheci ninguém que veio para Paris para procurar moradores de ruas em vez de conhecer os pontos turísticos mais desejados pelo mundo todo.

— O diferente me atrai.

— A mim também! Eu pinto telas.

— Sim! Você comentou!

— Uma hora te mostro. Tenho várias estocadas no sótão do albergue. Foi uma luta para convencer o velho dono do albergue a me deixar guardá-las lá, ele dizia que era um monte de lixo. — *Que patife!*

— O que gosta de pintar?

— Histórias!

Estávamos sentados comendo cachorro-quente em uma das muretas de mármore do Palais de Chaillot e a brisa gelada nos fez ficar mais perto uns dos outros. Os turistas tirando fotografias da torre Eiffel não nos atrapalhavam. Via cada vez mais perto seus olhos ficarem mais azuis e seu nariz mais vermelho. Ela parecia uma princesa dos desenhos modernos do Cartoon Network. Barbara vinha de uma família simples de Reykjavík, na Islândia. Era educada, simpática, e com ar de boa moça. *Sua mão direita ia ficar linda enroscada com a minha esquerda passeando no Iguatemi Campinas* — pensei. Seu sonho era ser pintora e viver de sua arte.

— Vou fazer uma mágica — disse eu quando percebi que os outros meninos do grupo se distraíram com uma picape antiga, provavelmente de um colecionador francês na rua à nossa direita.

— Nada nesta mão. Nada nesta outra... — Tirei minhas luvas e as deixei em meu colo. Esfreguei as mãos para esquentá-las. Era parte da mágica. — Assopra? — Aproximei minha mão cerrada perto de sua boca. Ela sorriu, fez um biquinho, e assoprou com força.

— Duvido que daí saia uma... — “Tcharan!” — Flor! Que lindo! Muito obrigada, Edu! — disse ela tirando os cabelos dos olhos e me dando um beijo na bochecha com a boca cheia de ketchup. *Transei com todas as garotas que fiz essa mágica* — pensei.

Treze

JEAN-PAUL

Com estrofes fantasmagóricas, relatos sobrenaturais sentados em torno de uma fogueira com morcegos e ratos pretos — O.K., *um marrom* —, minha vida poderia ser um conto escrito em anarês, exatamente para ninguém ler. *Quem vai se importar?* — pensei alto demais. “Se importar com o que, senhor?” — perguntou aquele jovem. — *Vem cá, de que canal vocês são hein? Já faz uma semana que todos os dias vocês vêm atrapalhar meu sono da manhã. Mas será possível?* — olhei para o teto da plataforma de metrô aguardando uma anuência do além. *Vocês parecem goteiras frias de madrugada.*

Inconvenientes.

Inapropriados.

Deslocados.

— Olhem só, eu não tenho nada de legal por aqui. Vão se divertir para lá, sei lá... Vão trepar uns com os outros, fumar um pouco de ervas atrás da Rua Saint Dominique, vão tocar algum instrumento, vão... VÃO... Entenderam? Eu não tenho nada atrativo. Eu sou um mero membro da corte dos ébrios

que não chega em casa à noite depois de um dia cansativo de trabalho, que não assiste ao futebol aos finais de semana e nem acompanha os resultados no canal Plus com Pierre Ménès. Não passo a noite zapeando os canais da tevê procurando por mulheres de biquíni, para me masturbar um pouco com meu próprio cuspe, enquanto minha mulher chata dorme no quarto de calcinha bege... Não tenho trinta mil na conta do Banque de France, não tenho nem conta bancária. Na verdade, eu não tenho nem documentos. Às vezes acordo sem ao menos saber quem eu sou e às vezes também passo dias sem saber quem eu sou e onde eu durmo.

Às vezes tremo de frio. De um frio metaforicamente inexistente. Às vezes ouço o farfalhar de papéis e de pessoas farfalhando com vozes fanhas sem qualquer organização e passo horas tentando entender, mas desisto. Não pergunto para meus filhos como foram na escola, *nem tenho filhos — tenho filha*, e nem tenho mulher. Só tenho uma caixa de madeira com ferrolho enferrujado que já já vai se quebrar e terei que achar outra nas latas de lixo de Paris. Mesmo sozinho, sinto falta de algo em que pousar os olhos. Uns dias, durmo. Outros, vejo flashes arranhando a base do meu sistema nervoso — caviar, marmita, salmão, jatinho, cela, lábios carnudos, barba por fazer, tiros, risos, cacofonia, explosão, carreirinha, neném, milhões, zero, lençol de seda, bolsa de valores, leilão, sorvete, Ford, cachaça, cueca frouxa, lingerie da victoria's secret, condoimento, amargura, robusto intelecto, gravatas, férias nos Alpes, férias sem saber que é férias, uma agradável luz dourada, champanhe, gim tônica, Para! Para! Para! Para! Para! Para! Para! Para! Astérix, contrição, klorane, desenhos felizes, burrice acentuada, um estouro, René Goscinny, ações, pé sujo, mesa de mogno, smartphones, mesa metálica, padecimento, cabine de telefone, coco mademoiselle, ensinamentos, lamina resplandecente afiada, as aventuras de Azur e Asmar, j'adore, bolo, Le Pré Catelan, remédio, assassínio,

balé, bioderma crealine H2O, Suécia, julgamento, coleção de carros antigos, surpresa, pele branca, túnel, bateu o martelo...

Eduardo Almeida

Ele se sentou com os braços cruzados — voltando para posição de lótus do Paraguai —, olhou para o teto onde as luzes fluorescentes de mercúrio piscavam sugerindo seu último suspiro antes de se queimar, e bateu três vezes na boca. Leves tapinhas nos beiços ressecados.

— Não converso com estranhos — disse ele articulando em unísono com ele mesmo.

— Não conversa com estranhos? — *Como assim?*

— Você tem jornal?

— Jornal?

— É, jornal, aquele cheio de letrinhas que juntas formam frases e juntas...

— Eu sei o que é um jornal — o interrompi.

— Então, tem?

— Não — respondi.

— Passar bem — disse ele estalando um beijo em sua mão suja e assoprando em nossa direção.

Como ele não se importou conosco, novamente, Barbara pediu para irmos embora e o deixarmos descansar.

— Descansar do quê? — entoei esperando que ele ouvisse.

— Sim, ouça sua namorada e deixe-me descansar.

— Descansar do quê?

— De você, seu chatinho.

— Eu não sou chato e Barbara não é minha namorada.

— Mas ela gosta de você — murmurou ele abafando a voz com as mãos.

— O que disse?

— Nada...

BARBARA KEMPSSON

Quando o ouvi dizer que eu gostava do Eduardo minhas pernas bambearam. Ele nos encarava com seus olhos azuis abaulados e pude ver um negrume em seu olhar parado. Ele não era uma má pessoa, havia sofrido, aparentemente. Senti um rubor quente se espalhar pelas minhas bochechas e vi que Eduardo não ficou nem um pouco envergonhado com o que aquele senhor disse. Isso me acalmou.

JEAN-PAUL

Não podia desperdiçar energia com jovens fazendo trabalho de faculdade. Minha energia era obscura e eu deveria usá-la para me esquentar e me proteger do frio de Paris. A manta grossa envolta no meu pescoço esquentava, mas demorava a esquentar. Abri uma fresta da minha cortina imaginária para espiar se ainda estavam ali e vi outro jovem, que até então não havia falado nada.

— Senhor, sou Tony Mithfield, da Interpol.

— De onde?

— Da Interpol. O senhor já deve ter ouvido falar.

— Então vocês são da polícia? Olhem só... Vocês me deram...

— Não, senhor, não somos — disse a bela jovem de olhos claros. — Somos um grupo de amigos que veio conversar com o senhor.

— Com licença, “grupo de amigos”. — “FLIPT!”.

EDUARDO ALMEIDA

Ele fez um barulho levando os dedos à altura da boca e deslizando entre os lábios como se estivesse fechando um zíper.

— Isso é um zíper?

— Não, um ferrolho. Minha porta é antiga, antes de 1893 e Whitcomb Judson.

— Quem foi esse?

— Criador do zíper, oras...

— Hein?

— Criador do zíper, sabe zíper? Aquele de...

— Eu sei o que é zíper. É isso né? — perguntei apertando a mão esquerda nas minhas bolas sobre a calça como fazíamos no colégio e esquecendo que Barbara estava por perto.

Ele dissipou a atenção.

Nunca tinha passado pela minha cabeça pesquisar quem havia desenvolvido o zíper. Para mim era algo que sempre esteve ali, nas calças. Assim como as barras costuradas e os botões nas camisas, enfim...

Ele media em torno de um metro e setenta de altura. Percebi quando se levantou para estralar os ossos das costas. Não era gordo, pelo contrário, era normal. Poucos fios de cabelo empurrados com algum pente barato para trás. Um fio para frente o incomodava, bem no meio da testa. Coçou a cabeça e perguntou as horas.

— Dez e vinte e oito.

— Preciso de jornal — ele disse e saiu pela direita do túnel do metrô abandonando suas tralhas. Admitiu que naquelas circunstâncias, se alguém roubasse sua cobertura malcheirosa ele não se importaria. Levou consigo apenas uma caixa de madeira que ele se encostava sobre por todos os dias que o vimos. Tive que me conter para não agir por impulso e segurá-lo e sacudi-lo até fazê-lo desembuchar. Mas eu nunca fui de agir por impulso. Sempre arquitetava as minhas atitudes e via isso como uma grande qualidade. De poucos.

Quatorze

JEAN-PAUL

Tratei de estudar o local antes de me deitar com minha manta fedorenta. Além de garrafas de Kronenbourg e preservativos usados em fodas selvagens, mulheres de meia idade com rostos excessivamente maquiados para uma noite de orgia faziam gestos obscenos com as mãos e com a boca para atiçar os clientes. Encostei-me. Dormi. Brandeei. Em frente a um bordel barato. Fitava o vazio.

Ouvi o gemer fino e gritos sufocados de orgasmos fingidos — a música alta falhava em certas estrofes e eu podia ouvir o som da depravação. Virei em uma golada o chorinho de uma garrafa de vodca módica que estava pela sarjeta fendida de concreto cinza mal pintado.

Deleitei-me pelas dobras gelatinosas de uma prostituta gorda bem branca que me chamou com o dedo indicador para conhecê-la melhor em seus desditosos aposentos. Um desejo peculiar naquela noite me exasperava. Precisava transar. Ejacular. Precisava ver seios.

Cama macia e quarto quente vermelho com luzes néon.

Era o que via ao adentrar por trás do balcão de madeira. Velhos deixavam de jogar xadrez na praça do coreto para se divertirem à noite sentados virando goladas de drinks já mais experimentados na juventude.

Respiração arfante, grito sufocado, pulsação exasperada; era o que eu sentia enquanto ela se deliciava fazendo a cama balançar em um excitante vaivém. Sobre mim, via aquela gorda gemer de forma imódica. Ela se divertia, eu tanto quanto.

Despertei quando uma manzorra me deu leves soquinhos nos ombros doloridos. Uma barganha bonita de se ver entre o vento frio e a bruma viçosa é o que via quando levemente abri minhas pálpebras flácidas de uma noite mal dormida. Quem dança melhor entre as velas? O vento ou a bruma?

Encostei-me à parede do bordel na Rua Nicoles Feydeau, onde eu dormi por algumas noites — as lanternas das Harley-Davidson me atrapalhavam um pouco —, até que os rumores de ataques de radicais em Paris me assustaram e decidi ir morar nas estações de metrô da cidade. Se eu fosse um radical de merda e quisesse explodir uma estação de trem, optaria em agir quando a estação estivesse cheia de gente. Então me sentia seguro por lá para dormir durante a madrugada. Evitava as pessoas que me encaravam com um misto de piedade e repugnância até chegar a trocadéro. Lembro-me com nostalgia da Rua Nicoles Feydeau, mas logo dispersei.

O único problema eram as goteiras. Ah! Como eu odiava ser acordado de madrugada com pingos d'água nos ombros ou na cabeça. Já não bastasse os pingos na cabeça quando estava na solitária.

Dormir na rua fere, sabe? É um tipo de ferida que não se trata com band-aid ou mertiolate.

Os pingos d'água — míseros pingos d'água — que podiam ser o sonho de nações africanas eram os meus pesadelos. A vida

não é uma fábrica de sonhos que você escolhe um na prateleira e fala “quero este”. A vida é uma fábrica de rancor e ódio. Aí sim, é mais fácil, você escolhe por quem e quando sentir. Eu escolhi odiar os pingos d’água. Eles só serviam para atrapalhar meu sono de madrugada e me confundir com espíritos malignos me acordando com soquinhos nos ombros. Preferia pingos de vodca. Oh! Esses pingos eu amava. Com alguns deles eu me sentia bem melhor. É que eu parava de me sentir e esse era o segredo. O segredo para parar de sentir a dor que feria cada vez mais.

Aprendi com um escritor certa vez que não devemos perder o entusiasmo após uma tarde de pesca onde os peixes não morderam os anzóis. Provavelmente eles ainda não estavam grandes o suficiente para te alimentar, então aguarde. A gente está sempre aguardando algo, já reparou? A gente passa a vida aguardando. Aguardando nascer, aguardando começar a falar, aguardando a garota dizer “sim” para seu convite do baile de fim de ano do colégio, aguardando a maioria para tirar habilitação, aguardando a formatura... Aguardando o melhor emprego, aguardando juntar dinheiro, aguardando o amor de nossas vidas, aguardando envelhecer, aguardando morrer... Eu estava aguardando morrer. Mas parecia que Deus havia se esquecido de me atender. Quando criança eu achava que era só gritar para Deus que Ele te ouviria, assim como acreditava que as sandálias customizadas por Salvatore Ferragamo viradas no chão da sala poderiam matar minha mãe. Pura balela!

No meu tempo quando um sapato descolava sua sola procurávamos um sapateiro. Em Paris dificilmente você encontra um hoje. Hoje, as pessoas compram outro sapato em grandes lojas onde tem uma porção deles. — Mas, vem cá? Isso quer dizer que você não liga para história percorrida com aqueles sapatos antigos? É assim com o amor. O amor não é suicídio, pois o

suicida prevê que vai tirar sua própria vida. E quando você se apaixonou você prevê que será feliz. Ou deveria prever que seria feliz. Ou você acha que naquele dia, em 1997, a princesa Diana se suicidou ou acreditou no amor? Se eu soubesse que pararia nas ruas, se ele soubesse que terminaria doente — Francesco —, ou se ela soubesse que terminaria morta em uma explosão engendrada — Claudine —, acha mesmo que teríamos acreditado no amor?

À medida que o tempo passa, e você fica velho, você muda a forma de pensar, ela envelhece junto. Li algo, certa vez, que dizia que nosso corpo constrói células durante a vida toda em velocidade acelerada e que na velhice, essa velocidade se reduz para menos da metade. Mulheres do nosso século são criticadas por optarem por trabalhar e não terem filhos. E por que ter filhos? Onde está escrito que é obrigatório ter filhos? Onde está escrito quem é sua alma gêmea e onde está escrito se realmente existe uma alma gêmea? São coisas criadas pelo homem. O amor é capitalista, ele tem lucro e mata. Deus me livre do amor! Isso e muito mais são coisas que aprendemos quando criança e não mais questionamos na vida adulta. A ciência nunca explicou o porquê existem destros e canhotos. Por que uns escrevem com a mão direita, outros com a esquerda? Você já viu alguém que no meio da vida decidiu mudar a mão para escrever? Nem eu.

Quinze

EDUARDO ALMEIDA

Sobre a mesa de nogueira polida que provavelmente havia sido doada para o albergue, falamos sobre aquela experiência:

— Bom, pelo menos dessa vez ele falou conosco. — Sorri amarelo como um político encurralado. “Que merda, que merda, que merda...” dizia minha consciência.

— Vejamos — disse Tony. — Ele ia falar algo quando Barbara o interrompeu.

— Desculpe-me, eu...

— Não, não se desculpe — disse Tony. — Isso foi perfeito!

— Foi?

— Foi! Agora temos um motivo para voltar lá.

— Vocês querem voltar lá? — eu perguntei desconfiado.

— Este é seu sonho parisiense, Edu — disse McWeber.

— Vejo uma grande ligação daquele homem com um crime internacional — disse Tony gabando-se no bom sentido por sua experiência nos sites da Interpol.

— Sério?

— Sério, Edu! Quem sabe você não estava certo — disse

Tony dando dois tapinhas no meu ombro enquanto Barbara levava nossos pratos em direção à pia após aquele almoço.

Fiquei aliviado ao saber que mesmo após uma semana indo ao encontro do senhor Gérard e ele não ter dado a mínima para nós, nosso grupo ainda permanecia animado, curioso, que seja...

WILLIAM MCWEBER

“Como foi bom penetrar naquele túnel e ouvir a voz daquele senhor. Com certeza aquele pobre homem precisava de um alívio mental imediato para nos contar mais de suas histórias” — pensei enquanto deitava no beliche barulhento do albergue. Eduardo dividia a cama com Barbara e estavam encostados ombro a ombro na cama ao lado. Estavam adormecendo. Eu aproveitei e levantei.

Estava certo que no dia seguinte falaríamos com ele novamente após nosso café da manhã — pensei comigo mesmo enquanto desinchava minha bexiga no banheiro azul claro de nossa suíte. Um abstinente, um abstinente enfermo pela própria língua francesa. Sua mente meio lúcida meio bagunçada feito um hectare e meio de coníferas após um furacão me instigava. E saber sobre aquele senhor era questão de honra.

BARBARA KEMPSSON

Eduardo escovava os dentes e pediu para deitar ao meu lado no beliche. Eu não sabia o que dizer. A sorte era que ele não me esperou responder para deitar com a cabeça no meu travesseiro de sempre. Uma perna dele ficou para fora da cama, apoiando seu corpo grande e pedi para que se deitasse direito. Seu quarto era no fim do corredor e após o almoço trocamos algumas conversas no nosso leito compartilhado como estávamos acostumados. Eu, McWeber, Tony e agora, Eduardo.

“Chego meu rosto mais perto do seu enquanto dorme ou passo o resto da vida me atormentando pelo arrependimento de não ter feito quando tive oportunidade?”. — Encostei.

Aquele era o meu dia de folga, então na parte da noite eu estaria livre. *Tomara que Eduardo não saia*, pensei.

Acordei duas horas depois e me vi com os lábios encostados na orelha de Eduardo. *Foi sem querer, querendo*. Movi-me devagar sem fazer barulho e rezando para o estrado velho da cama não ranger e vi que Eduardo e o resto do grupo dormiam. Senti-me aliviada e levantei-me para esvaziar a bexiga no vaso sanitário de louça que costumava queimar a parte inferior das coxas de tão gelado. A tubulação do aquecedor do albergue estava com problemas devido ao passeio noturno das ratazanas e não estava esquentando direito. Olhei-me no espelho após erguer minha calcinha amarela com florzinha nada sensual. *Preciso de calcinhas novas* — pensei. *Barbara!* — Ah, consciência! Vá se ferrar — pensava eu mandando minha consciência se ferrar pela primeira vez em vinte e cinco anos.

Dezesseis

EDUARDO ALMEIDA

Existem coisas que só acontecem se nós escolhermos acontecer, e coisas que mesmo não escolhendo, acontecem. Exemplo? Se apaixonar. A gente não escolhe, simplesmente acontece. Havia tanta coisa que eu queria falar para ela, mas achava cedo. Tinha medo de assustá-la, sei lá... Ela estava linda. Era naquele momento a garota mais linda da história da humanidade. Colocou seu melhor vestido, seu melhor batom e estampou o rosto com seu melhor sorriso. Fazia poucos dias que nos conhecíamos. Eu tinha algumas dúvidas. Mas uma certeza, que eu queria ficar com ela para o resto da minha vida.

Assim que acordamos naquela tarde, combinamos de sair para jantar. Tony tinha compromisso, ia invadir alguns computadores da Síria em busca de terroristas islâmicos. McWeber tinha aula até tarde e era o dia de folga de Barbara no albergue. Sem querer eu cochilei na sua cama e acordei com seu cheiro na minha bochecha. Seu travesseiro levava seu perfume. *Mania de dormir com o cabelo molhado*. Quando abri os olhos a vi sentando na beira da cama voltando do banheiro.

— Barbara, desculpe-me, adormeci na sua cama...
— Não tem problema, a cama é grande. E eu também acabo de acordar. — Ela sorriu se espreguiçando. — Dormimos um ao lado do outro, de barrigas para cima, sorte que não roncamos.
— Vamos sair hoje?
— Sair? Sair como? Sair de sair... Assim... Eu e você?
— Não, digo... Todos nós. Sei lá, comer algo aqui por perto...
— Oh sim! Claro. Esperemos os meninos e vamos todos. — Confesso que rezei um “Pai nosso” para que os caras tivessem compromisso naquela noite, e deu certo.

BARBARA KEMPSSON

Fazia tanto tempo que eu não era convidada para sair para jantar que eu nem sabia que roupa usar. Na verdade, eu nem sabia se tinha roupas de sair. Virava e jogava as roupas pelo chão em busca de alguma bonita. Queria agradá-lo de alguma forma e não só retribuir o convite. Será que isso era amor? *Claro que não, idiota!*

Eu não sabia se minhas pernas bambeavam de nervoso, ou se eu estava tendo um ataque epilético, um aneurisma... Eu nunca vi ninguém tendo um ataque epilético muito menos um aneurisma, mas provavelmente essas pessoas tremelicam sem qualquer controle de suas pernas.

Meu coração fazia um batuque como um rap do Jay-Z. Podia sentir uma falta de ar do mesmo jeito que naquele dia 14 de fevereiro quando peguei o resultado da prova da bolsa de estudos na França misturado com uma vontade de sorrir sem parar. *Boba. Espinhenta. Criança.* Eram sensações diferentes, mas ambas, deliciosas. Eu assistia cada passo meu ao descer as escadas de carpete mofado para a calçada onde ele me esperava pacientemente após eu ter me atrasado quarenta e cinco minutos até escolher o único batom que eu tinha.

— Desculpe a demora...

— Você está linda! — *Quase morri do coração.*

— Obrigada — eu agradei.

Sei lá... Não estava acostumada a ouvir elogios como ele fazia a todo o tempo. Eu adorava e não me irritava de forma alguma. Envergonhava-me e isso fazia meu coração bombear mais sangue. Era engraçado, seus elogios ficavam na minha cabeça pelo dia inteiro, e era a última coisa que eu pensava antes de dormir.

Prestava atenção em cada passo meu naquela calçada quebrada para não cair e fazer feio. Não gostava muito de usar salto alto como as patricinhas. *São altos.* Preferia meu All Star rosa-sujo que nunca saía de moda ou um Crocs fechado. Nossas cabeças caminhavam baixas. Só ele falava...

Eduardo pediu para eu escolher algum lugar para irmos, afinal, eu conhecia o bairro melhor do que ele. Não levava jeito para nada relacionado a garotos. Então, escolhi uma cantina simples, que vendia pizza e sorvete, no final do quarteirão. *Droga! Deveria ter escolhido comida japonesa, mexicana, vou escolher logo uma simples “pizza”?* Ele disse que adorava pizza. Eu não podia gastar muito dinheiro. Tinha que guardar no mínimo mil euros por mês para ajudar minha mãe na Islândia, ela tomava remédios caros. Ele pagou tudo, disse que fazia questão, eu me envergonhei, mas disse tudo bem. Ele deixou claro ao sorrir: “A próxima, você paga um sorvete e está certo.”. *Então, sairíamos outra vez. Ebaaa!* — pensei.

Brincávamos de adivinhar enquanto esperávamos a pizza chegar. Sentamos em uma mesa com a luz tênue e ele me olhava sorrindo.

— Uma cor com C.

— Caju.

— Caju não é cor, Eduardo — disse segurando uma gargalhada.

— No Brasil é.

— Cinco pontos.

— País com H.

— Hmm... Hungria.

— Dez pontos.

Estava me divertindo como há muito tempo não me divertia. Na minha cabeça passavam várias ideias para pintar algumas telas quando voltasse para o albergue.

Uma agradável luz saía do seu sorriso e fazia meu coração bater. Ríamos, e todas as vezes que me mostrava os dentes, enrugava os olhos que quase se fechavam. Era um sorriso bonitinho.

Ele carregava um mistério no olhar, mas eu não me importava de onde ele vinha e o que fazia em Paris. Não sei explicar, parecia que eu já o conhecia de algum lugar.

Antes de me transformar em um iceberg islandês, namorei um garoto que eu conhecia desde pequena. E sei lá, parecia que eu conhecia Eduardo até mesmo antes dele. Brincávamos de bicicleta pelo quarteirão, de esconde-esconde... Nossos pais eram amigos. Acho que o namorei por isso. Ele era criança uma maldosa, gostava de atirar pedras nos passarinhos e dizia que ia pescar todas as baleias do mundo quando crescesse. Ele era loirinho como eu, com sardas recônditas também como eu. Acho que ele era tão parecido comigo que ficou chato. Eduardo era moreno claro, com olhos cor de mel. Não tinha cara de brasileiro, tinha cara de galanteador italiano. Eu sentia um frio na barriga quando o via, era um frio de empolgação. Meu sorriso parecia entrar em modo automático, sem meu comando. Já Helgi, meu ex-namorado me causava repulsa. Dei graças a Deus quando ganhei a bolsa em Paris, era um motivo para eu terminar o namoro sem ferir minha mãe. Ela gostava muito dos

pais dele e achava que ele era um menino bom. Na Islândia há poucos garotos e não há muita opção. A maioria das minhas amigas namora há anos e vão cozinhar para seus maridos frios quando eles retornarem da pesca.

A pizza chegou. De calabresa e marguerita. Minha favorita e de Eduardo também. Ele colocou mais pimenta e cortou os pedaços com uma passada só de faca. Eu estava meio dura, acho que era vergonha. Falta de empolgação que não era. Ele me convidou por educação. Convidou a todos, na verdade. E só eu pude vir. *Não confunda as coisas, Barbara* — pensei.

Tinha tanto medo de não conseguir controlar minha boca enquanto mastigava que picotava os pedaços de pizza bem pequenos. Foi pior. Passei a cortar os pedaços maiores, melhorou.

EDUARDO ALMEIDA

Barbara cortava a pizza segurando o garfo e a faca com o dedo mindinho levantado, era engraçado. Tínhamos o mesmo gosto para pizza e para raça de cachorro. Ela achava os pugs engraçados e preferia o bulldog francês. Ela não separava as cebolas no canto do prato igual as outras garotas.

— Você gosta de cebolas?

— Adoro!

— Garotas dizem que dá mau hálito.

— Não me importo. Adoro misturá-las em uma rodela de calabresa e devorá-las juntas.

Ela bebia vinho com a boca cheia de pizza e eu ria.

— Que foi? — ela perguntou.

— Nada. Você é espontânea. Eu gosto...

Ela parecia ser desligada de frescuras e desligada do amor. *Acho que ela nunca teve um namorado ou teve só.* Ela parecia uma menina. Que eu queria levar para o Brasil. E se necessário pedir

autorização dos pais, lá estaria eu. Conversamos bastante, sem um especular a vida do outro e eu gostava disso.

BARBARA KEMPSSON

Ele me fazia esquecer a saudade da Islândia. Não do país “Islândia”, mas da minha mãe e do meu irmão mais novo. Minha mãe não quis deixar Reykjavík, ainda sentia falta do meu pai. Eu voltaria para Islândia no ano seguinte e voltaria a morar com eles.

— Encha a boca de pizza — pediu Eduardo fazendo o mesmo. Disse “pronto” com as sobancelhas e ele me pediu para repetir “farofa”.

— Fa-ro-fa! — disse atirando um pedacinho de cebola longe. — O que é farofa?

— É uma mistura de farinha com miúdos que tem no Brasil.

— Hmm... Parece ser bom.

EDUARDO ALMEIDA

Barbara era inocente, pedi para ela falar “farofa” com a boca cheia de pizza e ela concordou. Foi baba e cebola para todo lado. Tudo que eu pedia ela logo fazia. *Será assim também na cama?* — pensei. *Acho que não. Ela deve ter transado poucas vezes, ou nenhuma. Eu ensino, se necessário.*

Seu telefone celular tocou, ela atendeu.

— Alô, mãe? Sua benção — ela disse. — Hmm... Sei... Tá... E Jóhannes? Tá... Fique com Deus.

Achei bonito. Há tempos não via alguém pedir a benção para os pais.

— Minha mãe — ela disse como se tivesse que me falar quem havia ligado.

— Saudade de casa?

— Às vezes. A Islândia é linda, mas Paris é Paris — ela disse sorrindo e limpando a gordura do canto da boca. — Sinto falta da minha mãe. Você tem mãe?

— Sou adotado.

— Que legal! E...

— Quer mais algo? — perguntei interrompendo-a. — Estou tão cheio que acho que volto a comer em 2013.

— Acho que vou rolando para o albergue. Dispense o táxi. — Ela riu.

— Sobrou vinho, vou levar. É pecado jogar vinho fora.

Voltamos para o albergue que era bem perto da pizzaria simples que fomos. Não havia nada de requintado aos arredores daquele bairro em Paris.

Eu não estava bêbado, mesmo após ter matado praticamente a garrafa toda de vinho. Barbara deu leves goladas enquanto comia.

— Quer entrar? — perguntei encostado na porta de madeira do meu quarto privado. — Ainda é cedo, são onze e quarenta e quatro.

Ela pensou, roeu a unha do dedo indicador da mão direita. Não, ela não era onicófaga.

— Ainda temos vinho — disse erguendo a garrafa na altura de seus olhos.

— Não sei se devo... Digo... — ela fraquejou e completou: — O.K., tudo bem.

Ela entrou enquanto eu disfarçava minha empolgação e sentou na beira da cama com as pernas cruzadas. O aquecedor do albergue estava com problemas, mas meu leito era quentinho. Ela tirou o sobretudo e eu tirei minha camiseta.

— Se importa? — perguntei. Ela fez que não com a cabeça.

— Você malha? — ela perguntou olhando meu corpo.

— Sim, um pouco, na verdade. Quatro vezes na semana, apenas.

— Apenas? Na Islândia existem poucas academias de ginástica.

BARBARA KEMPSSON

Eu nunca tinha feito isso — pensava enquanto dormia em seus braços. Eu não queria me meter em confusão, sei lá... Nem o conhecia direito e ele estava nu me beijando nua. Sim, transamos e foi a melhor coisa da minha vida! Ele me sugava de uma forma — tinha vergonha só de pensar nessa palavra “sugar”. Não conseguia falar “não”. Tudo que ele me pedia eu dizia “sim” e fazia. Adormecemos em torno de quatro da manhã. Quando terminamos, exaustos, parecia que nossos mundos tinham se encontrado e se transformado em um só. Ele fazia parte do meu, e eu fazia parte do mundo dele.

Dezessete

EDUARDO ALMEIDA

A cafeteira estava apitando. O café estava novamente pronto, apontava. Tomamos juntos como todos os dias no albergue. Sem falar muito, parecia um café da manhã de casais rotineiros: “Café? Um pouco amor. Será que vai chover? Você viu o novo carro da Matilde?”. Barbara se levantou com um coque meio desarrumado que eu mesmo havia feito na cama — enquanto mordida seu pescoço — para pegar a cafeteira. Ela se espreguiçou antes de verter um pouco de café fervendo em minha xícara. Era impressionante que até de cabelo preso em um coque desajeitado, e avental branco engordurado de óleo de croissant recém-assado em um forno antigo, ela ficava sexy — lascívia adolescente. Tony endireitou as costas para se sentar e mordiscava um croissant. Disse que estava prestes a descobrir mais conversas secretas de radicais belgas, que estariam chegando a Paris pelo metrô expresso logo.

Pouco depois do meio-dia no dia seguinte daquela gélida quinta-feira, insisti e implorei para que todos tentassem novamente falar com senhor Gérard. E assim foi para sexta, sábado,

domingo e segunda-feira. Não foi muito fácil convencê-los a voltar lá.

“Edu, ele não vai falar conosco.”

“Vamos procurar por outro morador de ruas?”

“Aqui há vários, Edu.” — eles me diziam, mas eu fingia não ouvir.

O frio em Paris batia à porta dos seis graus negativos. Aquele senhor se sentia incrivelmente solitário naquele lugar. Tínhamos que quebrar o gelo daquela muralha.

— Pessoal, aquele senhor deve esconder uma história incrível. Não podemos desistir assim, de mãos beijadas — disse tentando persuadi-los. — Esta será a última tentativa.

A viagem de metrô até aquela estação onde senhor Gérard passava seus dias não durou mais de vinte minutos. Barbara sentada no banco detrás do vagão se perguntava o que ela estava fazendo ali. Ela tinha três telas para entregar naquele mesmo dia e sequer havia as envernizado. As pilhas de telas acabadas tinham crescido de forma imponente. Barbara estava vendendo muito suas obras. Tinha encomendas inclusive de admiradores de fora daquela feirinha onde as expunha. Era uma interrupção à sua rotina diária em estudar, trabalhar, pintar um pouco e dormir. Estudar, trabalhar, pintar um pouco e dormir... Ela passou a dedicar a maior parte do seu tempo em pintar, pintar, pintar... Ela estava “se achando”. Ríamos.

Pareceu-me que ela ficou surpresa com uma ligação inesperada enquanto estávamos quase chegando à estação trocadéro. Por um instante não quis atender. Alterou o bip-bip do toque de seu telefone celular para modo avião. E o que ouvíamos era o deslizar do trem nos trilhos e o som das discretas sorvidas de chá que tomava.

— Era um garoto que estava conhecendo — disse ela parecendo que me devia satisfações.

— Não se sinta na obrigação de me explicar nada, por favor...

— Eu quis explicar.

— Por quê?

— Não sei. Por algum motivo que não sei explicar quero te explicar tudo sobre mim.

Ela abaixou os olhos. Percebi que seu rosto ficou rubro. Percebi que estávamos nos considerando mais que apenas “ficanos”. Eu gostei. Ela era uma garota encantadora. Tinha força de vontade e era corajosa. Deixou a Islândia para seguir seu sonho em estudar Artes em Paris. Seu simples gesto de endireitar as costas enquanto estava sentada e um leve movimento de cabeça indicava seu nervosismo em falar comigo. Excitava-me. Barbara não sentia saudade de seu passado, já me considerando seu futuro. Ela dizia que gostava de voltar das aulas de Artes em Paris e me encontrar no albergue para conversar. Eu sempre perguntava como a aula havia sido; ela gostava, e eu passava horas ouvindo-a falar. Embora não tivesse qualquer intimidade com artes, eu adorava ver sua exultação em forma de sorriso.

Espero que ela nunca descubra que quando ela saía da cama para ir ao banheiro nua, eu levava sua camisola ao rosto para sentir seu perfume. O.K., coisa de garotinho adolescente.

McWeber desviou sua atenção para uma escrivanhinha velha num dos túneis até chegar ao lar de senhor Gérard. Era feita de cerejeiras escuras com leves detalhes a mão de canivete suíço.

— Mas quem deixou uma escrivanhinha dentro de uma estação de metrô?

Alguém a abandonou. McWeber adorava velharia. Estava fazendo a resenha de um livro de um autor norueguês que se chamava “A estante”. Dizia ele que era ótimo, mas com final muito óbvio. Dificilmente viraria um longa.

Tony brincava com McWeber.

— Deveríamos colocar uma placa em McWeber escrito “cafona”. Mas seria redundância.

Ele não se importava nem com a brincadeira, nem com o que as pessoas iam falar das cores que gostava de combinar. Jaqueta marrom com os sapatos e cinto marrons e calça de prega suja com uma meia de cada cor. Seus óculos estilo aviador cobriam seus olhos vermelhos.

— Isso é normal em Montreal — se defendia ele.

Mostrou-nos uma foto tratada para parecer antiga — cujas bordas tinham perdido o viço — de seu grupo de amigos no Canadá e todos se vestiam da mesma forma.

Uma pichação na parede da plataforma de metrô onde senhor Gérard costumava dormir fugindo de tudo e de todos sugeria uma história de amor ao lado de uma placa de metal velho e um vidro quebrado que expunha alguns telefones necessários: MAURICE AIME CHARLOTTE. ÉPOUSE-MOI? Se ela aceitou, não sei. Ali não havia qualquer resposta em tinta azul.

Com uma cara macilenta tentou tapar o sol dos olhos que nada mais era que as luzes da estação de metrô. Ele deixou escapar um ruído de espanto meio que sem querer, e logo se dissolveu em um sorriso forçado. Limpou uma névoa de sono remanescente dos olhos cansados.

— Senhor, hoje falará conosco, certo? — Eu estava ofegante, após fazer o mesmo caminho de dias e tentando aquecer minhas mãos com o bafô quente da minha boca. Pensava eu que, se senhor Gérard não respondesse naquele momento, meus amigos não me acompanhariam no dia seguinte nessa jornada — e com razão. Não iria realizar meu sonho parisiense.

Ele resmungou virou o rosto para nós e enfim respondeu:

— Oh mon Dieu! Vocês não desistem, não é mesmo? — disse ele franzindo o cenho e coçando sua touca. — O que querem, afinal? O máximo que posso lhes oferecer é um aforismo francês — complementou com um orgulho descabido.

— O senhor falou!

— E o que há de errado nisso? — disse ele limpando os olhos, pois havia acabado de acordar. Era exatamente meio-dia e cinquenta e um minutos, a propósito. — Eu não tenho nada a oferecer-lhes!

— Queremos algo que certamente só o senhor tem.

— Uma vida ardósia com escritas em algaravia?

— Não! Sua real história.

— Minha real história? Rah! Essa é boa!

— Queremos a história que o fez vir parar aqui, nas ruas!

— É uma longa história, rapaz. Vá brincar de Auguste Dupin para lá e me deixe em paz — disse ele em pleno lampejo heliográfico de sol de inverno.

— Auguste Dupin? O senhor conhece? — perguntou McWeber ao entrar na conversa sorrindo de orelha a orelha e não acreditando no que havia escutado.

— Oh, sim, jovem. Conheço Allan Poe e “Os assassinatos da Rua Morgue” de trás pra frente e muito antes de você pensar em nascer. Bons tempos, bons tempos...

McWeber ficou encantado. Este era um de seus autores preferidos na literatura Francesa.

— Gente, ele disse Auguste Dupin? Allan Poe? Edgar Allan Poe? Ele conhece literatura Francesa! Como assim? O que uma pessoa que conhece de literatura Francesa está fazendo nas ruas de Paris? — repetia McWeber por várias vezes cochichando, ou pensando que estava cochichando. — O que ele faz aqui, Edu? — perguntou.

— É exatamente o que tento descobrir.

— Qual sua história, senhor Gérard?

WILLIAM MCWEBER

Aquilo estava ficando, enfim, excitante. Senhor Gérard poderia ser minha tese de conclusão de curso na França. Sim! Um legítimo

personagem real da literatura Francesa - em breve nos cinemas! Um homem abandonado pela família que almoçava e jantava jornais. Que vivia da leitura e de grandes contos. Alexandre Dumas e o criador do realismo na literatura moderna, Honoré de Balzac, estariam se revirando no tûmulo naquele momento. Um boçal da aristocracia que decidiu viver das palavras. Uma vida onírica com sabor de realidade antinatural circundada na berma de uma estação de metrô em Paris. Sim, isso daria um puta de um roteiro! Ódio e pesar faiscavam de sua cara e tinha certeza que muitos percebiam sutilmente. *Acorde McWeber! Você nem trocou qualquer palavra com este senhor* — eu pensava.

EDUARDO ALMEIDA

— De que canal vocês são, hein? — perguntou senhor Gérard. — Eu sou advogado e sei dos meus direitos, O.K.? Não autorizo o uso da minha imagem. Se eu aparecer na tevê, vocês acabarão com tudo!

— Não somos da televisão, senhor. Só queremos realmente saber mais do senhor. O que te levou parar nas ruas de Paris. Se o senhor tem família. Se o senhor é francês. — Que eu acho que sim. — Se o senhor tem sonhos...

— Sonhos? Tá doido? Moradores de ruas não têm sonhos — disse ele me contrariando. — De onde é seu sotaque, rapaz?

— Sou do Brasil.

— Nossa! Quantos anos eu não falo com um brasileiro. *Como vai? Me vê uma caipirinha?* — disse o senhor Gérard em português.

— O senhor fala português? Já tomou caipirinha?

— Tive uma namorada brasileira anos atrás, muitos anos atrás... Senhorita Albertina Santos Gomes! Eu viajava para o Brasil quase todo mês uns quarenta anos atrás. Ela era de

descendência portuguesa, morava na bela capital carioca. Seu avô era dono de um botequim ótimo que levava seu sobrenome — lembrava senhor Gérard com os olhos fechados como se estivesse sonhando. — Rua Áurea, 27. Nunca mais me esqueci daquele sorriso... Bons tempos, bons tempos...

Pois é, ele conhecia de literatura Francesa, visitava o Brasil no passado... Isso tudo estava só começando.

TONY MITHFIELD

Para mim esse cara nada mais era do que um fugitivo da polícia francesa. Deixar a barba crescer para aqueles que não tinham o hábito de usá-las era típico de qualquer fora da lei. Eles se esquecem de que somos da Interpol e sabemos todas as suas faces. Andar exageradamente curvado era uma das características, assim como fazer plásticas no rosto. Aparentemente o que eu via era uma plástica no nariz e uso de botox para esticar as linhas de expressão. Para reconhecermos analisávamos o formato do rosto, que era o que eles nunca conseguiam mudar sem que ficasse claro que uma boa cirurgia havia sido feita. O.K., O.K.! Eu era um mero analista de informações da Interpol no País de Gales, mas eu já me via na diretoria do setor de inteligência no Reino Unido. Isso foi o que sonhei a vida inteira, e desvendar a vida desse homem era questão de honra.

As luzes fluorescentes da estação de metrô iluminavam seus olhos claros e percebi uma expressão triste no canto dos olhos. Ele sofreu algum trauma grande na vida que o marcou nas expressões. Um dos melhores peritos da Interpol certa vez me disse que quanto mais baixo o olhar do meliante, mais ele sofreu. Estudos apontam que mulheres que sofreram abuso sexual, nunca mais conseguem olhar nos olhos de um homem. Essa é

uma das armas para a corte no ato do julgamento desvendar se estão falando a verdade ou não.

Esse homem sofreu um grande trauma, mas qual seria?

EDUARDO ALMEIDA

— Em troca você me dá um Behike cinquenta e seis? O rapaz aí de calças rasgadas me deixou com saudade de quando o cinema francês era o melhor do mundo na Rua Saint-Jacques, no quinto arrondissement... — disse ele após eu ter repetido que queria saber de sua história.

— Dou sim! — respondi sem ao menos me lembrar o valor desse charuto.

— Rah! Qual é? Você não teria dinheiro para comprar, rapaz — disse senhor Gérard me julgando pelas aparências. — Estava brincando com você — disse se levantando para se espreguiçar.

Mal sabia ele que eu tinha uma porção deles no meu escritório no Brasil. Sempre subornava engravatados com esses charutos, diziam que era um dos melhores do mundo, e mais caros.

— Vou colaborar, desde que vocês virem às costas e sumam me prometendo que amanhã não voltarão, d'accord? — disse o senhor Gérard fazendo o gesto de positivo.

— Fechado! — disse com veemência.

— Qual seu sonho? — perguntei novamente.

— Que vocês morram? — respondeu ele sorrindo ironicamente com apenas um dente na parte inferior da boca. — Sim! Vocês não queriam saber meu sonho? Então, agora, au revoir... — disse ele se despedindo de nós com as mãos fazendo um belo “tchau, sumam!”.

— Mas espera! O senhor não sonha em ser rico?

— Já fui...

- Famoso?
- Já fui...
- Morar em uma mansão com uma vista invejável?
- Já morei em várias...
- Casar com uma estrela francesa?
- Já fui e transei com várias delas...
- Viajar o mundo?
- Conheço mais países que a soma da tua idade...
- Ter vários carros?
- Já tive e não quero ter novamente...
- Ter um Piper Arrow?
- Já tive e fiz questão de arremessá-lo nos Alpes...
- Desisto — disse Tony.

Senhor Gérard apesar da tensão, sorriu.

- Agora vocês vão embora, certo?
- Não podemos ir depois de tudo isso, senhor Gérard!

Demoramos dias para que o senhor falasse conosco!

— S-U-M-A-M!

— Por favor, senhor Gérard. Qual seu sonho? — perguntou a doce loura Barbara.

— Já tive sonhos, no passado, senhorita... Qual é mesmo sua graça?

— É Barbara.

— Assim como já fui feliz. Assim como as cinzas um dia foram fogo. Assim com os farelos um dia foram alimentos. Assim como cacos um dia foram uma bela taça de champanhe e assim como um dia tive onde morar...

— Assim como uma muda se transformou em uma linda árvore. Assim como uma lagarta se transformou em uma borboleta. Assim como...

— Isso é questão de ponto de vista...

— Não, não é questão de ponto de vista. — Fiz um

comentário pomposo. — Assim como um morador de ruas pode dar a volta por cima... Assim como...

— No seu sonho?

— Assim como um morador de ruas pode se tornar o vice-presidente da maior mineradora das Américas...

Ele riu enquanto seu estômago emitia um clamor reverberante, um zumbido dissonante, um ronco ardiloso.

— No seu sonho? — perguntou senhor Gérard.

— Prazer, senhor Gérard. Sou Eduardo Almeida, ex-morador de ruas e hoje vice-presidente da Mineradora Ore-North. Já ouviu falar?

Naquele momento não pude mais me segurar e tive que desmascarar minha verdadeira identidade.

— Você o quê? — perguntou senhor Gérard. — Sabia que te conhecia de algum lugar, dos noticiários, é claro! “O mais jovem do mundo, brasileiro se torna o executivo mais premiado do mundo”, “Jovem assume vice-presidência da mineradora Ore-North...”, “Brasileiro no topo do mundo dos negócios...”, “Jovem brasileiro desenvolve aplicativo...”.

Meus amigos estavam perplexos. Olhavam para mim sem emitir o som de qualquer palavra. Mentalmente eu traduzia o que Barbara falava bem baixinho olhando para o chão e decidi contar toda a verdade, ali na frente do velho Gérard.

— Assumi o cargo de vice-presidência na Ore-North há pouco, e ganhei alguns meses de descanso. Estou utilizando estes dias tão merecidos e esquecidos por mim há anos para viajar o mundo e procurar por moradores de ruas nas mais belas cidades, históricas ou não, do mundo. Meu sonho nunca foi ser milionário, ter uma coleção de mansões, ter várias mulheres e assim por diante, meu sonho sempre foi viajar o mundo, procurando histórias de moradores de ruas. Paris, hoje, é meu último destino até voltar para o Brasil e voltar à vida do maior

executivo de todos os tempos, por isso não queria desistir do senhor Gérard. É algo muito pessoal para mim e tinha certeza que nenhum de vocês entenderia.

Senhor Gérard bateu três palmas e disse:

— Meus parabéns, senhor Eduardo Almeida...

— Me chame apenas de Eduardo, ou Edu...

— Não é à toa que chegou aonde chegou, você é perspicaz assim como informava os noticiários. Das ruas para a cadeira mais confortável da sala da presidência. Meus parabéns novamente e agora, sumam daqui! Antes que eu chame os vigilantes.

Cuidadosamente ele assoou o nariz e vi um pouco de sangue no papel higiênico brutalmente amassado. Por um instante se sentiu grato em viver para poder respirar novamente. Estava resfriado. Pensava ele que na ausência completa de qualquer qualidade na vida, o melhor seria se isolar no meio do nada de uma das estações de metrô mais movimentadas de Paris.

Virou uma garrafa de álcool puro em poucos goles demorados. Limpou o bigode babado com um leve toque chique. Acabou com a brincadeira do “escorrer de sangue” da narina esquerda com a manga da jaqueta cheia de marcas escuras. Não se importou em manter a cabeça para o alto para estancar o sangue, e manchou seus jornais velhos pelo chão. Virou-se para voltar a dormir como um anjo logo em seguida.

Tentamos ignorar o fedor, mas não era possível, ele fedia muito. Veias saltadas com excesso de rancor serpenteavam sua calva suja, seus braços flácidos, seu corpo imundo. Seu nariz pontudo com ligeiro desvio para a esquerda aumentava a impressão de falta de ar. Sobrancelhas hirsutas em uma sincronia fajuta dos longos pelos enfeitavam seu rosto. Seus olhos perturbadoramente alegres se divertiam, longe dali. Ininteligível.

Deixamos a estação de metrô.

Dezoito

EDUARDO ALMEIDA

Dei uma olhada rápida nas fotografias que estavam no console da lareira desativada do albergue. Barbara costumava pintar por lá.

— São seus pais? — Apontei para uma fotografia.

— Sim. Veja. — Ela apontou da direita para esquerda. — Minha mama, meu papa, meu irmão e minha avó. Ela ainda era viva.

— Ela parece tão viva.

— Sim! Ela ainda está viva. Quando uma pessoa morre e sentimo-la viva em nossos corações, significa que a amávamos de verdade.

— Você já pintou sua família?

— Sim, várias vezes. Pintei um quadro especial para minha avó anos antes de ela falecer. Retratando sua luta ao ser escravizada pelos vikings, na Noruega Ocidental. A pintei lendo seu romance preferido do autor islandês Halldór Laxness, “Sjáfstætt Fólk”, de 1934 em frente à igreja de Hallgrímur. Ela adorou quando viu aquele cavalete.

BARBARA KEMPSSON

— A Islândia é um país lindo. Historicamente influenciado pela cultura escandinava. Na casa de turfa e madeira pré-moldada onde morava em Reykjavík havia um porão enorme. Nesse porão, costumávamos nos esconder da guerra entre caçadores de baleias. Certa vez, entraram na minha casa, saquearam tudo e ainda espancaram meu papa que tentava nos defender. Foi horrível! “NÓS VAMOS VOLTAR! NÓS VAMOS VOLTAR!”, eles gritavam enquanto eu, minha mama e meu irmão nos escondíamos abraçados no porão cheio de poeira e criaturas assustadoras: aranhas, teias de aranhas e vespas. Na Islândia há espécies enormes de aranhas. Um dia, voltávamos da feirinha que tinha alguns quilômetros de nossa casa. Compramos roupas e frutas para o inverno. Meu papa queria assistir o sol da meia noite, mas minha mãe sentia algo estranho, uma espécie de pressentimento ruim.

O sol da meia noite na Islândia é lindo, emocionante! Aquele céu com tons rosa e avermelhado me inspirava muito para pintar. A lua parecia flutuar como uma verdadeira bailarina profissional. E o cheiro de felicidade entrava em nossas narinas como aroma de orquídeas raras.

Voltávamos para casa, abraçados. Nós quatro. Cantando e brincando com os pés. Quem deixasse o outro pisar em sua bota pagava prenda. Eu era ótima nisso. Entramos em casa e estava tudo revirado. As gavetas, as estantes, a mesa de jantar, tudo, tudo pelo chão. Meu papa, armado com um machado na bainha, procurou por alguém nos quartos, no banheiro e até dentro dos guarda-roupas, mas não encontrou nada. Eles não haviam levado nada. Não sabíamos se não tinha dado tempo ou algo assim.

Tentávamos dormir, eu, mama e meu irmão na mesma cama.

Meu papa ficou acordado sentado no sofá na sala. Estava frio, uma noite linda, mas não conseguíamos pensar em outra coisa. Não preguei os olhos. Em torno de quatro da manhã, quatro e doze... Lembro-me até hoje o horário e o barulho. Ouvimos um disparo. Apenas um e foi certo. Corremos para a sala e meu papa estava morto, com um tiro na testa. A bala entrou pela janela quebrando a vidraça fina e atingiu meu papa que preocupado, fazia o plantão para nos proteger comendo nacos de batata e chá quente.

Papa era caçador de baleias minke, um dos melhores e mais corretos caçadores. E esse era seu maior defeito. Ele nunca concordou em fazer parte das gangues, nem aceitou suborno dos ricos. Na Islândia a caça é liberada, desde que você siga algumas regras. Regras estas que meu papa sempre seguiu, mas as gangues não. Foi horrível, mama chora até hoje. Os criminosos nunca foram pegos, mesmo todos sabendo que o assassinato foi a mando do poderoso Ólafur Orn, que odiava o caráter exemplar de papa.

No dia seguinte então, eu era a cabeça da casa. Fui trabalhar na feirinha com uma tia e pintava quadros para complementar as despesas. Estudei, muito por sinal, e ganhei uma bolsa na Academia das Artes na Islândia onde estudei por dois anos antes de ganhar outra bolsa, dessa vez, aqui em Paris.

Sonho em ser uma grande pintora. E poder dar uma vida melhor para minha mama.

— Ah, Edu, perdão! Eu falo muito às vezes — disse envergonhada.

— Que isso! Adoro ouvir você falar. — Ele me olhou nos olhos de uma forma...

— Veja, este é um quadro, o único que ainda não vendi na feira da estação de metrô. Não porque ninguém se interessou, é que eu ainda não tive coragem de levá-lo para venda. Dei

o nome de “A lenda do lago Úlfsvatn.”. É mais uma lenda da Islândia assim como várias que se inventam... O resto dos quadros estão todos vendidos.

— Puxa! É fantástico! — disse Eduardo com ar impressionado. Ele tinha um sorriso lindo. Cara de homem. Sabia muito bem como atizar uma mulher.

— Ainda não vendi, pois quando tenho saudade de casa, venho ao sótão do albergue e fico horas olhando para esta pintura. Por falar nisso, preciso ligar para mama...

EDUARDO ALMEIDA

Barbara me convidou para ver suas obras no sótão do albergue. O cheiro do seu cabelo ao subir as escadas me tirou a concentração e tropecei em um degrau de madeira carunchada. Andava meio desastrado. Quase cai de cara no chão.

Folhas com numerozinhos espalhadas pelo chão. Eram folhas de um calendário velho mordiscado pelos ratos noturnos do albergue. Refleti o quão rápido aqueles dias estavam se passando. Barbara acendeu a lanterna e direcionou o foco para o interruptor desencapado. Acendeu a luz.

— Minhas lamparinas iluminam muito mais. — Ela sorriu.

Eu estava acostumado a ir a leilões para ser visto. Visto arrematando obras de artes que qualquer criança de cinco anos faria. Cubos, quadrados, círculos, rabiscos e figuras estranhas que até eu faço. Mas arrematava. Quando vi as pinturas de Barbara me surpreendi. Eram simples paisagens em charmosas cores assim como ela.

Ela me mostrou uma tela que a fazia lembrar da Islândia. Eu nunca vi uma paisagem tão bem pintada e tão linda. Ela tinha muito talento, uma doçura de menina com uma dose de rancor de mulher adulta. Expressava todos os seus sentimentos na tela com muita leveza.

— Sempre fui muito tímida e não sabia me comunicar muito bem com as pessoas. Sempre fui péssima em apresentar trabalhos no colégio, tremia só de pensar. — Ela sorriu. — Então, uma das formas que encontrei para expressar o que sinto e penso foi na pintura. Se algo me anima, eu pinto. Se algo me aflige, eu pinto. Se algo me incomoda, me inspira... Assim eu sigo.

— Fantástico... — disse sem mais palavras enquanto ela se virava para me mostrar outras telas. *Sei lá... Você já pensou... Assim... De repente... Em morar comigo no Brasil, ter dois filhos, e pintar quadros para vender para os maiores milionários da América do Sul, pensei, só pensei, enquanto caminhávamos pelo chão de madeira velha do sótão e admirando suas obras.*

Dezenove

EDUARDO ALMEIDA

Mais de trinta mil quilômetros rodados, mais de mil histórias e mais de trezentas cidades ao redor do mundo sem que ninguém suspeitasse e na minha última jornada, tudo se foi pelos ares! Eu estava mais leve, sereno, mesmo apesar de não termos trocado uma só palavra no trajeto de volta para o albergue.

Depois de uma longa nova tentativa de horas tentando arrancar mais informações ou qualquer nova palavra de senhor Gérard, fiz algo que não deveria. Ou melhor, deveria sim! E feito antes, inclusive.

Aquela plataforma de metrô estava cheia, era sexta-feira. Pessoas iam e vinham. Caminhavam rápido e quando viam aquele senhor apertavam o passo. As luzes brancas meio azuladas daquela estação estavam com mau contato e piscavam bem sobre nossas cabeças. Cada vez mais estreitos, eram os vãos entre as pessoas. Uma loura baixinha andava rápido. Parecia atrasada ou nervosa. Ou nervosa e atrasada. Fora do seu habitat, talvez. Coçava a cabeça e procurava por algo, lendo com atenção um pedaço de papel escrito: “Avenue Anatole France, nº 5.”. Tony

tentou ajudá-la indicando a saída daquela estação e ela agradeceu após o ter requisitado.

Fora de cena, escutavam-se gritos e a sirene de uma ambulância francesa. Um carro com dois homens e o motorista drogado, havia atropelado dois ciclistas na rua de cima. A população gritava e fazia uma balburdia. E aquele senhor? Nem ligava. Estava ele sentado no mesmo lugar de sempre.

Havia um vazamento de água ao lado do senhor Gérard, o qual molhava os jornais que ele costumava sentar sobre. Molhava também, conseqüentemente, sua velha calça surrada. Ele tinha ao seu lado esquerdo uma pilha de jornais e revistas — aparentemente papéis velhos e recortados — de mais ou menos trinta centímetros. Aquela pilha servia para amparar e proteger a caixa de madeira que ele tinha consigo. Ele se deixava molhar pelo vazamento das tubulações de ar. O sol, timidamente se apontava dentre as nuvens brancas e derretia o gelo nas ruas com suavidade. Ele não deixava sua caixa de madeira se molhar. *Que diabos havia ali dentro?* — pensei.

Sentia-me no início de um vasto bosque que assoma as grandes copas frondosas dos carvalhos congelados, pisando devagar para não espantá-lo como um cachorro com chocada surpresa e medo. De fininho, tentava tirar os troncos de bétulas do meu caminho imaginário.

A violência mental daquele homem incomodava sem ser vista. Era sentida como a dor de um caule robusto que havia caído sobre minha cabeça. Repelir pessoas era sua maior qualidade. Mas não eu. Sempre fui daqueles que pensa que, mesmo se a canoa virar, eu chego lá! Desafios? Vem comigo!

Havia uma ansiedade em mim que mal percebi até que fosse embora. Às vezes as cargas de adrenalina nos fazem perder os sentidos e as emoções. Tony, McWeber e Barbara deixaram o albergue aquele dia esperando que algo realmente acontecesse

e eu tinha que fazer algo. Sem pensar duas vezes, limpei a coriza de minha narina esquerda disfarçadamente e dei três passos à minha esquerda. Levemente, dobrei os joelhos e fingi ler o jornal que estava no chão, também ao lado esquerdo de senhor Gérard que fingia não nos conhecer. Claro que eu não enxerguei uma palavra do jornal, pois tenho cerca de quatro graus de astigmatismo em cada olho. Estava rente ao seu rosto. Tão perto que era desconfortável focar os olhos em algo tão contíguo. Senhor Gérard verificou o nível de vodca na sua garrafa e pensou: “Tudo bem, tenho companhia até o fim da tarde de hoje.”. Distraiu-se. Coloquei as mãos lentamente sobre a caixa de madeira velha que ele tanto protegia e tentei trazê-la para perto do meu peito. Foi aí que tive uma grande surpresa!

Aquele senhor, sem olhar para mim gritou para que todos ouvissem em alto e bom som e assustou Barbara, McWeber, Tony e as milhares de pessoas que estavam naquela estação.

— VOCÊ PODE LEVAR TUDO QUE EU TENHO, MENOS A MINHA HISTÓRIA!!

E cravou suas unhas imundas inarredavelmente no meu punho de tal forma que eu não conseguia mexer os dedos. Sei lá... De alguma forma ele sabia o local exato do ligamento para desligar meu punho de meus dedos.

Ele começou a brincar de anomalia humana, esquentando seus artelhos congelados.

— Acalme-se, senhor, eu só queria...

— SUMAM PORCOS IMUNDOS! — gritava ele descontroladamente. — SUMAM!

— Mas, senhor...

— S-U-M-A-M! Eu disse!

Barbara me abraçou por trás, fazendo força com as mãos fechadas em meu abdômen.

— Vamos, Edu. Está tudo bem, solte a caixa de madeira e

vamos embora... — disse Barbara e eu retrucava dizendo não com a cabeça.

— Por que mora aqui? O que te levou morar aqui?

Tocou obsessivamente o lábio superior com a língua com se estivesse pensando em algo, mas não.

Sua camisa estava empapada de suor e fedia pinga de alambique do interior. Ele custou para abrir um sorriso e quando abriu tratou logo de escondê-lo novamente. Acho que era minha culpa.

— Qual a fonte dos seus aborrecimentos? Qual o epicentro do seu sofrimento?

Ele fechou os olhos e pronunciou três vezes a mesma palavra, três vezes aquecendo suas cordas vocais de amianto: SOCORRO, SOCORRO, SOCORRO!

Tive a certeza que passei dos limites quando vi que aquela estação toda, que não parava sequer para pedir informação estava estática olhando para mim.

— Edu, todos estão nos olhando, vamos embora! — disse Barbara aflita.

— Estamos tentando há dias, e...

Barbara estava prestes a chorar e a via se esforçando para evitar as lágrimas.

Do fundo do túnel, vi emergir três guardas com coletes fluorescentes com porretes nas mãos e alque toques nas cinturas, caminhando com passos firmes e fortes na nossa direção.

— Tudo bem por aqui? — perguntou um guarda negro tentando fazer a voz leve.

— Eu só queria paz, senhor! — respondeu o senhor Gérard. — E esse Mauricinho tentou levar minha história! — Suspirava com amargura presumivelmente.

— Não é isso, senhor Gérard...

Os guardas não quiseram ouvir. Eles fizeram uma barreira

entre nós e o senhor Gérard para protegê-lo e foram nos empurrando sentido à saída.

— Se nós os vemos por aqui novamente... — disse um dos guardas. — Ele não faz mal para ninguém. Mora aqui há anos e nunca perturbou uma formiga sequer. Deixem-no em paz.

— Qual seu sonho? — gritei caminhando meio sem jeito de costas, e de frente para os guardas. Tentei encontrar um vão entre o guarda negro e o mais alto.

— VOCÊ QUER MESMO SABER MEU SONHO? QUER MESMO? — gritou o senhor Gérard já exaltado e em pé. Ele meneou com a cabeça, tirou a touca e a jogou no chão em fúria, franziu a testa e gritou abafando sua voz com as mãos em redor da boca como se tivesse um megafone: — MEU SONHO É DANÇAR! SORRIR! CHORAR! GRITAR! REENCONTRAR! MEU SONHO É IR A UM ESPETÁCULO DE BALÉ! O.K.? SATISFEITO? PORCO IMUNDO! AGORA S-U-M-A-M! — gritou ele. — S-U-M-A-M!

É impossível passar dias e viver dias sem qualquer tipo de prazer, e aquele homem me provou o contrário. Imbuído de rancor, sentia pena dele mesmo, o que é muito raro.

Com aquele sorriso enigmático e inquietante de um serial killer contemplando uma carnificina como sua obra de arte mais bela, ele foi escorregando ininterruptamente pela escuridão do fundo do poço, onde nem água nem aquele baldinho de madeira dos desenhos antigos do Mickey Mouse o faziam companhia. Se aquilo tudo era atuação, senhor Gérard era digno de Globo de Ouro, Oscar e desfilar em um tapete vermelho em Hollywood. Foi indo cada vez mais para baixo, como uma descida íngreme de rua de paralelepípedo recém-molhada de sereno dirigindo um Ford velho sem freio. Foi indo cada vez mais para baixo, das estações descendentes da incontinência,

da incoerência, das explosões de raiva, das lembranças... Foi indo cada vez mais para baixo, das emoções, das reações, da perda da personalidade singular e se tornou um estranho para ele mesmo. Ele então passou a oscilar durante as madrugadas frias em Paris. Não sabia quem ele era e o porquê de não saber quem era. A inexpressividade do estágio avançado do “estar sozinho nesta merda de mundo” resultava em uma rabugice circunspecta e brilhante, tão saudável em um velho demente de 90 anos. Senhor Gérard era brilhante na única coisa que sabia fazer na vida, estocar seu coração inquietado com rancor negro.

Voltamos ao albergue.

— Você pode usar primeiro o banheiro, Edu — disse McWeber. — Tem sabonete novo debaixo da pia. — Foram as primeiras palavras que ouvi deles quando voltamos para o albergue.

— Gente, vocês não entenderam que é nossa chance?

— Edu, quase fomos presos nessa brincadeira. Não podemos mais voltar lá — disse Barbara.

— Edu, perdão, mas não posso ter passagem pela polícia. Senão, perco minha bolsa de estudos em Paris.

Fiz que sim com a cabeça, juntei minhas roupas limpas e fui tomar uma ducha quente, lá com a água descendo pelo meu rosto eu conseguiria pensar.

No dia seguinte no café da manhã, mal nos falamos. “Manteiga?” foi a única palavra que ouvi de Tony e decidi sair sozinho.

— Aonde vai? — Ouvi a bela Barbara.

Respondi que não com a cabeça e lhe dei as costas. Ela respondeu também com a cabeça que queria ir junto, e fiz que não com o dedo indicador.

Eu não poderia desistir. Algo de errado havia com aquele senhor. Um morador de ruas que entendia de Edgar Allan Poe na literatura Francesa. Que conhecia caipirinha. Que desejava

fumar um Behike que custava milhares de dólares. Que um dia teve mansões, carros. Que morou em lugares incríveis — como ele dizia —, e teve até um avião particular, deveria ter muito a acrescentar para minha história.

Não podia colocar aquelas pessoas em risco. Eu tinha dinheiro para pagar milhões em fiança caso fosse preso por sossego alheio, mas eles não. E outra, o sonho era meu, tão meu que talvez só eu entendesse minha gana em tentar pelo menos mais uma vez. Eu tive uma idéia e era minha cartada final. Baixei os olhos para a calçada e caminhei para um ponto de táxi que havia no final da rua paralela.

Seus jornais em fileira militar sugeriam aquele homem como um ser culto e bem informado, ou muito mais que isso. Eu não poderia jogar essa oportunidade pela janela de um trem como uma ponta de cigarro achatada.

Reconheço minha pequenez.

Que pequenez? Essa imposta pela sociedade francesa?

Não, essa imposta por mim mesmo.

Seu emaranhado de palavras com ou sem nenhum sentido não saiam da minha mente. Seu carisma indômito, depreciativo, suas conjecturas embasbacadas, seus chiados de pulmão, sua respiração ofegante, suas lufadas alcoólicas, seu contentamento intrépido e sonolento, me induziam a voltar àquela estação de metrô. Aquele tímido sorriso iluminando seu rosto apagado escondia algo. E eu estava disposto a pagar quanto fosse para descobrir. Ele era uma porta normal, com buraco de fechadura e tudo mais. Não era necessário passar por baixo como um telegrama antiquado, eu achava.

Valha-me Deus!

Um fato inegável sobre Eduardo Almeida — ele sempre consegue o que quer!

Vinte

JEAN-PAUL

O pensamento fúnebre já não era minha prioridade. Refletia vendo a felicidade daqueles jovens esfíngicos. Meu queixo já não tremelicava involuntariamente. Estava quentinho. Na verdade, estava com muito calor. Deitado em um sofá macio. Com duas mantas cheirosas de lã pura.

No início, o desespero e o medo de estar com os humanos outra vez me faziam suar. Naquela noite não mais. As toras de lenha queimavam na lareira que não sentia calor há muitas luas. Chafurdado, dessa vez em garrafas de Blue Labels e Heinekens geladas.

Não precisava mais lambe o chão para resgatar os restos dos quitutes que me escapavam da boca. A melodia de “Et si tu n’existais pás” de Joe Dasser, se misturava com o barulhinho crocante das baguetes recheadas que saciavam minha eterna fome. Cubinhos de presunto e queijos muçarela com orégano espetados em palitos de dentes. Salaminho com fios de azeite da Oliveira da Serra de Portugal. Amendoim que nunca mais havia comido. Tudo sobre a mesa de madeira do sótão daquele albergue onde eles estavam hospedados.

EDUARDO ALMEIDA

Senhor Gérard ornamentava suas impressões digitais pretas no casco do sanduíche. Era como se fosse sua assinatura naquele jantar com amigos por anos adiado.

— O que nós somos, afinal? — perguntou McWeber.

— Um grupo? Uma fraternidade? Uma seita? — perguntou Tony.

— Já sei! Somos uma seita! — complementei virando um copo de boca larga de cabeça para baixo e lambendo a última gota de Blue Label.

— Une sect de fous! — disse McWeber virando seu décimo copo de vodca.

Reunimo-nos no sótão do albergue e pedimos alguns quitutes do Dessert Café para comer naquela noite. Pedimos também garrafas e mais garrafas de cerveja, vodca e uísques para comemorar que senhor Gérard havia aceitado vir para o albergue comigo. Ninguém parecia dar muita importância para nada naquela noite, nem ao menos saber o que eu havia feito para convencê-lo. Queríamos mesmo enfiar o pé na jaca!

— Há alguma expressão em Francês para “enfiar o pé na jaca”, senhor Gérard? — perguntei falando ébrio, todo enrolado.

— Oui, monsieur: “mettre les pieds dans le plat!”.

— É isso aí! Vamos “mettre les pieds dans le plat!” — disse erguendo um copo sugerindo um brinde.

Tony que era um apreciador de bebidas destiladas virava a garrafa no bico e bebia vodca como se fosse água. Senhor Gérard estava tímido no começo, mas logo entrou na dança.

— Estamos felizes que o senhor esteja aqui — disse Barbara servindo seu copo.

— Espero que vocês não tenham ficado chateados comigo pela forma que os tratei no começo. Esses anos nas ruas de Paris

me transformaram no real espelho da sociedade francesa. Tratam-me como invisíveis aos seus olhos, logo, assim também faço.

— UM BRINDE AO SENHOR GÉRARD! — gritou Tony erguendo seu copo ao alto e logo que ouvimos o “tintim” do tilintar dos copos, viramos mais uma rodada.

— Como é ser rico, Edu?

— O que disse, Tony?

— Como é ser rico? Ser bem sucedido... Sair na capa das maiores revistas de negócios do mundo... Ter várias mulheres aos seus pés... — perguntou McWeber totalmente embriagado enquanto Barbara havia ido à cozinha no segundo andar buscar mais gelo.

— É bom em partes, e um inferno em outras. Ter que trabalhar todos os dias de terno e gravata me cansa, fora aguentar os executivos de merda que querem a todo o tempo sua cova funda. A parte do dinheiro eu gosto. Ter mansões, iates, carros importados. Mas sabe que há tempos não tenho tempo de desfrutar de tudo isso. Você está sempre cercado de cobras e pessoas interesseiras que faz falta uma bebedeira como esta. Certa vez eu tinha um contrato milionário para assinar com uma prestadora de serviços. Havia duas empresas concorrendo, uma australiana e outra sul-americana. A primeira me mandou duas de suas executivas para tratar o assunto comigo. Essas executivas eram Rebecca Nicorsh e Catherine Vinrash Droogem. Estão sempre em capas de revista não só de negócios, mas de beleza também. Foram eleitas as executivas mais poderosas do mundo por anos consecutivos e eu sabia que não passavam de duas vacas interesseiras.

Marcamos uma reunião em um luxuoso hotel em São Paulo. E para minha surpresa ao invés de elas estarem me aguardando no hall, ou no restaurante do hotel, elas me aguardavam na suíte presidencial. Fui anunciado e autorizado a subir. Quando abro

a porta ouço-as me chamando com a voz suave seguida de uma grande gargalhada. Elas estavam nuas, em uma banheira cheia de dólares. Se beijando, jogavam champanhe uma no corpo da outra e se lambiam sem pudor.

“Oi, Edu, esta é nossa surpresinha para você! Vem?” — disse Catherine que agarrou a outra executiva pelos cabelos, sentou-se na borda da banheira com as pernas abertas e esfregou a boca de Rebbeca em suas partes íntimas. Ambas gemiam cheias de excitação.

Rapidamente tirei a minha roupa e entrei naquela banheira. Encaixei-me por detrás de Rebbeca enquanto Cathe virava a garrafa de champanhe na minha boca. Elas gemiam alto e trocamos de posições por várias vezes. Rebbeca adorava ser chupada por trás enquanto levava tapas na bunda de Cathe que adorava me sentir dentro dela. Foi uma verdadeira orgia regada de muita bebida, drogas e dólares! No dia seguinte elas me procuraram pelo hotel todo, após terem acordado depois da hora do almoço. Na sala de jogos, no campo de polo e até ligaram para a recepção e foram informadas que eu já havia deixado o hotel. Elas correram para pegar as roupas jogadas pela suíte e se depararam com a banheira vazia. Enquanto elas dormiam totalmente drogadas e nuas, eu peguei todos aqueles dólares e amassei-os dentro de alguns sacos plásticos que pedi para uma das camareiras. Enchi cerca de dez sacos pretos com dólares e mais dólares e deixei na porta de algumas Instituições de caridade pelo caminho. Isso foi manchete de jornal em São Paulo, mas até hoje ninguém além de nós três, sabem que fui eu. Se eu assinei o contrato? Sim, mas com a empresa Sul-americana que me deu uma projeção muito maior na América Latina.

O mundo dos negócios não é tão atrativo para mim se não tiver aventuras. Eu sempre quis voltar a ser respeitado pelas pessoas e a forma que eu encontrei foi de me dedicar

profissionalmente. Há anos eu não me embebedo com jovens da minha idade como hoje, então, UM BRINDE! — gritei erguendo novamente meu copo sem ter muito controle em meus braços moles.

Nós bebíamos, ríamos, gritávamos e o barulho do sótão não atrapalhava os outros hóspedes.

— Está confortável, senhor Gérard?

— Como há tempos não me sinto.

— Mais vodca?

— S'il vous plaît! — disse que sim com a cabeça e agradeceu em francês.

Barbara também bebeu, mas não estava tão embriagada como nós. Ela sabia que era a mais fraca para bebidas, então intercalava um copo de álcool com um pouco de baguetes e croissant. Ela estava de pé atrás de mim, e acariciava minha nuca com seu rosto me dando leves mordidas.

Havia um piano velho todo empoeirado no sótão. Estava meio coberto por uma lona marrom que escondia também um pequeno banco de madeira carunchada. Eu tinha um piano na minha sala de música e sempre gostei de tocar um pouco tomando um bom vinho.

— Vou tocar para você — disse me levantando e indo em direção ao piano.

— Uau! Você toca?

Sentei-me no velho banco de madeira e Barbara sentou-se ao lado. Eu não conseguia mais disfarçar minha vontade de beijá-la na frente de todos. Ela sentia o mesmo e tentava disfarçar mais que eu.

Todos estavam totalmente embriagados, e dormiam por ali mesmo largados no sótão do albergue. Tony deitou-se no chão com a boca aberta para cima e roncava babando em torno de sua bochecha. McWeber foi ao banheiro vomitar e não voltou mais,

dormiu abraçado com a privada sentado no chão todo vomitado, e o senhor Gérard adormeceu deitado no velho sofá de molas que havia ao lado do piano e se cobriu com sua jaqueta. Meus dedos tocavam a melodia de “Your body is a wonderland”, de John Mayer, nas teclas do piano meio desafinado e nenhum deles sequer se mexeu.

Eu fazia o som da melodia com a boca, pois não lembrava a letra toda:

And if you want love
We'll make it
Swim in a deep sea
Of blankets
Take all your big plans
And break 'em
This is bound to be awhile

Your body is a wonderland
Your body is a wonder I'll use my hands
Your body is a wonderland.

Barbara estava linda como todos os dias. Ela bebia mais um copo, mas não estava bêbada.

— Você está me excitando — disse ela enquanto eu fingia errar as teclas do piano, e passava as mãos entre suas pernas.

— Desculpe-me, mas não percebi que meus dedos estavam passando pelo lugar errado.

— Não peça desculpas. Apenas continue — ela disse. — Eles estão no lugar certo — disse ela falando baixo e gemendo também baixinho no meu ouvido.

Após mais alguns acordes, Barbara tirou a blusa sem medo de acordá-los. Ela sabia que todos estavam totalmente embriagados e dificilmente acordariam dentro das próximas

vinte horas. Barbara sentou-se no meu colo. De costas para o piano velho. E com os seios à altura do meu rosto, tirou o sutiã e pediu para eu tocá-los.

— Será que estamos fazendo a coisa certa?

— Há algum lugar escrito que não?

Minha língua passeava pelos seus mamilos perfumados e rígidos, e ela gemia ao se contorcer cada vez mais rápido. Tirei minhas mãos molhadas que massageavam dentro de sua calcinha para me despir. Enquanto tirava minha cueca branca, Barbara se envergonhou e pegou meu pênis rígido com força. *Puxa! Que delícia apertar assim*, eu pensava.

— É seu. Pode pegar — disse baixinho.

Ela começou a me masturbar. Cuspiu na glândula rosada do meu pau deslizando seus dedos por toda a cabeça. Senti uma sensação de prazer que não dava para explicar. Era tipo cócegas. Mas que cócegas!

— Isso! Domina-me! — ela disse enquanto eu puxava seu cabelo e a levantava para me dar o lugar para sentar. Eu a induzi a me deixar sentar no banco de madeira e colocá-la nua em meu colo. Meu pau deslizou ao entrar na sua boceta e ela timidamente começou a rebolar. Em seguida, fez um movimento de vaivém dando leves pulinhos forçando os pés entrelaçados ao banco. Quando percebi essa timidez tratei logo de tentar deixá-la mais à vontade sendo bem safado.

Chuí seus seios os deixando bem babados e os assoprei para que os mamilos se inchassem. Pedi a ela que ficasse com os joelhos no banco e inclinasse seu apoio sobre o piano

— Vamos meter de quatro, vem? — eu disse.

Ela rapidamente fez o que eu mandei, se virou e disse que não estava aguentando de tesão e queria gozar. Ela estava extasiada com aquela sensação de não precisar me pedir para fazer algo que eu sabia que ela queria.

Passei a língua debaixo para cima enquanto ela estava de quatro sobre o piano e ela disse:

— Isso! Chupa! Delícia!

O cheiro de baba misturado com o cheiro de sua boceta me dá muito tesão.

Passei minha língua em torno do seu ânus e massageei seu clitóris com as mãos. Em seguida, suguei seu clitóris e o senti todo molhado dentro da minha boca.

— Eu vou gozar na sua boca se você não parar — ela disse quando senti um gosto amargo escorrer de sua boceta para minha boca.

— Não estou me reconhecendo — disse Barbara gemendo muito. — Põe atrás, põe?

Eu logo me levantei e molhei meu pau com cuspe para tentar deslizar no seu pequeno ânus. Precisei molhar bem. Senão, não ia entrar. Aquele cheiro me dava muito tesão. Sempre fui tarado por sexo anal. Após minutos tentando e muito gemido, meu pau entrou pela metade e dei leves bombadas enquanto Barbara masturbava sua boceta toda gozada. Eu penetrava cada vez mais forte até que ela pediu para eu parar.

— Está bem, você venceu — disse ela tirando meu pau lentamente do seu ânus, o colocando na boca deixando-o mais babado.

— Que cachorra você. Gostosa!

Barbara não foi bailarina profissional, mas tinha ótima flexibilidade. Ergueu a perna direita para o alto e em pé e nos agarramos beijando na boca.

— Que delícia! Baba na minha boca — ela disse enquanto esfregava minha glândula no seu clitóris brincando de competir quem estava mais molhado. Abaixei-me um pouco e ela disse: — Você vai ficar chateado se eu gozar outra vez? Agora melando seu pau todo dentro de mim?

Não deu tempo de responder e ela assim o fez. Senti seu

coração disparar enquanto gozava tentando se segurar em mim forçando sua testa na minha. Ela ficou alguns segundos tentando puxar fôlego e em seguida tirou meu pau para fora.

— Minha boceta está sensível. — Ela não aguentou e olha que eu fui devagar.

Lambia sua boca enquanto ela masturbava meu pau. Deslizando as mãos na glândula e eu já sentia que não ia aguentar. Queria gozar.

— Vou gozar — disse em seu ouvido forçando os dentes e ela me masturbava mais forte e mais forte... Até que melei todo seu clitóris com minha porra branca e quente enquanto minhas pernas bambeavam. Ela sorria e tentava pegar fôlego

— Gozou gostoso? — ela perguntou.

Ficamos alguns minutos sentados no banco de madeira do piano nos acariciando e decidimos pegar nossas roupas do chão e correr para meu quarto. Sem qualquer responsabilidade, corremos nus nos corredores daquele albergue torcendo para não sermos pegos, afinal, chegavam hóspedes vinte e quatro horas por dia.

BARBARA KEMPSSON

Eu não acreditava no que eu havia feito! O que ele pensaria de mim? Nunca havia feito nada nem parecido. Estava tão bom que eu não conseguia pedir para ele parar. O cheiro do seu sexo me deixava mais excitada e não me reconhecia pedindo para ele me pegar por trás — *Nossa! Não sabia que era tão bom.* — No começo doeu, mas sentir que ele estava passeando dentro de mim era a melhor sensação do mundo. *Que vontade de fazer mais ali, debaixo do edredom.* Dormimos nus e eu com a mão no seu sexo a noite inteira. Ficava rígido a todo tempo que eu o massageava. Gozava na minha mão e eu me limpava com a

boca. Estava muito bom e pena que eu sabia que uma hora isso tudo ia acabar. Nunca havia pedido para ninguém me chamar de... — *Nossa! Só de pensar sinto meu rosto ferver* —... Puta! Vadia! Na verdade ele me chamou primeiro e eu adorei! Eu percebi que o sexo com meu ex-namorado era realmente morno, ou melhor, frio! Nossa, os latinos! E em especial os brasileiros! Meu Deus! Sabe o que é mais engraçado? Transamos a noite toda e eu ainda queria mais, mesmo com a perna bamba e toda melada nas mãos, barriga e “naquele lugar”.

TONY MITHFIELD

Deus do céu! Que dor de cabeça! O que houve? — eu pensava. Barbara já estava de pé com um sorriso de orelha a orelha preparando um café para nós. Os bêbados! Aparentemente ela era a única que não tinha enchido a cara como nós. McWeber estava acabado e o senhor Gérard, destruído. Não podíamos ficar embebedando um senhor. Já pensou se fôssemos pegos? “Analista da Interpol embebedado morador de ruas em Paris.”. Deus me livre! Mas que foi ótimo, foi! É preciso ficar bêbado às vezes. No País de Gales era normal ficarmos bêbados toda sexta-feira, sábado, domingo...

WILLIAM MCWEBER

Quero minha mãe! — eu pensava tentando abrir os olhos. Vodca é do demônio, não é possível.

— Todos estão bem? — perguntei enquanto estávamos sentados na cozinha do albergue tentando tomar café.

— Bem amassados, isso sim! — respondeu Tony.

— Vocês são uns fracotes! — Ouço senhor Gérard gritar do sótão.

O velho está respirando, pelo menos — pensei.

— Será que ele precisa de ajuda para descer para a cozinha?
— perguntei brigando com as pálpebras dos meus olhos, que relutavam em se cerrar. Olhei para Barbara, que se assustou comigo.

— Barbara do céu!

— O que foi, McWeber?

— QUE MARCAS SÃO ESSAS NO PESCOÇO?

— Que marcas, menino? Tá doido? Você está embriagado e não sabe o que está vendo! — disse ela escondendo o pescoço com seus cabelos loiros.

— Hmm! Parece que a noite foi boa! — eu disse enquanto mordida uma torrada queimada.

— Pare com isso! Não fizemos nada demais e, por favor, me respeite — disse Barbara jogando o pano de pratos molhado sobre a pia cheia de louça de hóspedes.

— Você se limita muito às vezes, Barbara.

— Concordo com McWeber, Barbara — disse Tony. — Não pense no que os outros vão dizer, pense em ser feliz...

BARBARA KEMPSSON

Senti-me um pimentão de tão vermelha quando ouvi os meninos falando de mim e Eduardo. Eu nunca gostei de me expor emocionalmente, por isso não me abria ou relacionava com ninguém. Tive um namorado, apenas, na Islândia e ele era tão frio que passei um tempão achando que ele fosse mudar. E quando encontrei Eduardo, pensei: “Continue assim, não mude nada.”. Um dia enquanto conversava com minha mãe ao telefone ela me perguntou se eu já estava namorando alguém em Paris. Eu fiquei tão nervosa, que desliguei o telefone. Ela sabia que a resposta era não depois de desligar o telefone em

sua cara. Arrependi-me. Ela sempre torceu que eu encontrasse um namorado que me fizesse feliz. Desde a morte de papa, eu não sabia o que era sentir amor por um homem.

Não queria ver o Eduardo nunca mais. Estava morrendo de vergonha. E se ele pensasse que eu era uma puta? E se não quiser mais me ver... E se... Bom, meus questionamentos mentais de adolescente apaixonada terminaram no exato momento em que ele entrou pela porta da cozinha do albergue e me abraçou forte dizendo “bom dia”.

E se tivéssemos sido pegos? Eu ia morrer de vergonha! De alguma forma Eduardo estava libertando o meu melhor. E já era hora, afinal, estava com vinte e cinco anos. Nunca havia pensado em correr nua pelo corredor de um albergue, ou melhor, no corredor do meu local de trabalho após ter transado com um homem maravilhoso. Quer saber? Às vezes na vida temos que correr riscos. Esquentar um pouco. Senão a vida estagna, congela.

A terapeuta que frequentei por anos, após a morte de papa, dizia que eu tinha que amar alguém. E que esse alguém fosse alguém além da minha mãe e do meu irmão. Amar um homem, e não um menino do colégio. Amar alguém que me fizesse tremer às vezes. Amar alguém que me fizesse querer ser melhor. Que me alegrasse e que me inspirasse na minha arte. Achava que era a hora de assumir que eu amava Eduardo.

Vinte e um

EDUARDO ALMEIDA

Depois de um café forte em torno de dez da manhã, nos reunimos no sótão novamente e tentávamos lembrar o que havíamos feito na noite passada. McWeber com o rosto todo amassado dizia ter sido atropelado por um caminhão. Senhor Gérard tentava disfarçar e dizia limpando a garganta com uma tosse opressiva:

— Essa juventude de hoje... — Pigarreou. Tossiu por mais três vezes e cuspiu um catarro verde pela janela. — Essa juventude de hoje não aguenta mais nada. Eu na idade de vocês bebia todas, escondido nos fundos das aulas de literatura no Le Rosey com amigos e ainda encarava uma aula de esgrima.

— Acho que nem consigo ficar de pé, o que dirá segurar uma espada — disse Tony limpando os olhos cheios de remela e bafo de pinga.

O telhado danificado do albergue fazia sons engraçados.

Senhor Gérard tentou ficar de pé para ir ao banheiro, que estava todo vomitado — o cheiro de vômito estava por todo lado —, mas os joelhos não firmaram. Cambaleou, caiu, sentiu a pancada forte quebrando o único dente que ainda o restava

e tentou se levantar rapidamente. Senhor Gérard cambaleou novamente e Tony que também estava torto o segurou.

Senhor Gérard sentia dor ao tossir e tentava evitar raspar a garganta. Não conseguiu sequer lavar o rosto nem tomar café da manhã, então, o levamos para o hospital na du Parvis Notre-Dame 75004.

— Onde estão os documentos dele? — perguntou a recepcionista do hospital. — Temos que fazer o cadastro dele e em seguida ele poderá ser atendido.

— Ele não tem documentos. O resgatamos das ruas e trouxemos para cá.

— Não podemos atender moradores de ruas. Já pensou se todos os moradores de ruas de Paris viessem para cá? Eles estão sempre bêbados e não passam de um bando de vagabundos.

— Olhe só, cale essa boca imunda ou eu chamo a diretoria deste hospital.

— Isso aqui é público e mais abandonado que aquele senhor que vocês trouxeram — disse a recepcionista fora do peso de forma irônica.

— O.K.! Quanto você quer para realizar esse cadastro e receber este homem em uma consulta médica?

— Quero mil euros.

Aquela garota gorda era muito abusada e mal educada. Enquanto macas e mais macas passavam por trás de mim naquela recepção com feridos em um incêndio causado por um marido traído, preenchi um cheque de mil euros e joguei para aquela inútil que o pegou no ar. Acho que ela nunca tinha recebido esse valor assim do nada e gritava para as outras recepcionistas que “hoje era por sua conta”.

— Não sei se está mais frio aqui dentro ou lá fora — disse senhor Gérard tremendo e ajeitando sua touca na cabeça.

— Faz tempo que o senhor não vem a um hospital? — perguntei enquanto caminhávamos para a sala do médico de plantão.

— Mais de trinta anos! Nunca fui fã de médicos. Na prisão tínhamos consultas, mas éramos examinados como o nariz todo mês, então nem conta.

— O senhor foi preso?

— Sim, injustamente em uma gélida e assombrosa penitenciária em Paris.

Senhor Gérard se deitou imaculadamente em uma cama com lençol azul-claro.

— Uma noite de pura bebedeira, certo? — perguntou doutor Allain. — Sei como é. Fiz o mesmo na semana passada.

Ele mediu a pressão do senhor Gérard, escutou seu coração e gesticulou com as mãos “tudo certo”.

Aquele doutor, que tinha olheiras assustadoras após trinta e quatro horas de plantão, se sentou na cadeira atrás de sua mesa para pegar um maço de cigarros.

— Sabem, já quis deixar minha marca na medicina. Hoje, me pego atendendo bêbados, acidentados irresponsáveis e sobrevivo à base de calmantes. O próximo porre que forem tomar, por favor, me liguem — disse ele abrindo a porta de sua sala conjunta com outros médicos e pondo um cigarro na boca. — Aguardem-me cinco minutos para eu receitar os remédios para o velho.

Senhor Gérard tossia e se lembrou que o doutor não havia escutado seus pulmões.

— Verdade! Estou com tanta vontade de ir embora que me esqueci — disse o doutor Allain quando retornou para a sala com bafo de L&M barato.

Ele pediu um raio-x após encostar o estetoscópio nas costas do senhor Gérard e pedir para ele respirar fundo por algumas vezes.

— Ele tem pneumonia — disse doutor Allain ao abrir o envelope branco que recebeu de uma enfermeira.

— É grave, doutor? — perguntou Barbara.

— Sim. A pneumonia está nos dois pulmões. Vou receitar alguns antibióticos e pastilhas para garganta — disse ele carimbando as receitas médicas e pegando sua maleta com fecho segredo.

Ele deixaria o hospital em seguida.

Nós também.

Subimos as escadas escorando senhor Gérard que fez um aceno de cabeça ao recepcionista do albergue daquele dia.

— Ele ficará conosco por mais uma semana, coloque todas as despesas no meu nome, O.K.? — disse ao passar pelo balcão da recepção.

Fomos para o quarto comunitário onde senhor Gérard ficaria hospedado para levá-lo para descansar.

— Posso fumar um daqueles charutos que me deu? Charuto não se traga, vou apenas sentir o aroma do tabaco na boca.

— Por mim...

Ele acendeu o Behike e encheu a boca de fumaça com um longo prazer. Uma elegância tênue que só ele tinha. E soltou leves baforadas.

— Sabe, eu sempre odiei Calvin. Ele era um empregado meu. Ele tinha o péssimo hábito de pegar meus charutos, colocar debaixo daquelas narinas peludas para sentir o aroma do tabaco e devolver para caixa achando que eu não desconfiaria. Sempre que eu pedia para ele cortar o charuto ele fazia tudo errado. Se cortar demais, a capa começa a soltar. Se cortar muito pouco, a puxada fica ruim. O ideal é sempre cortar três milímetros ou menos da cabeça.

— Onde aprendeu a fumar charutos?

— Em um cassino em Las Vegas na década de oitenta. Ronald Reagan, ex-governador da Califórnia, ainda era presidente dos Estados Unidos e vocês nem eram nascidos.

— O senhor jogava?

— Já joguei muito. Perdi e ganhei muito dinheiro na jogatina.

— O senhor conhece charutos, as jogatinas de Las Vegas, entende de economia, política, filosofia, literatura... Entende de caipirinha... Enten...

— Ah o Brasil! Que saudade do cheiro daquelas praias. Tive a sorte de conhecer primeiro o Rio de Janeiro que Brasília. Brasília, a cidade projetada por um gênio para abrigar patifes — disse ele simulando uma manchete de jornal fazendo aspas com os dedos. — Não havia nada para fazer naquela capital longe da costa a não ser passear por aquelas avenidas enormes com engravatados no carro. Certa vez, sofri um acidente em Brasília. Bati uma Mercedes Benz em um poste após sair de um encontro em um hotel. Gastei uma fortuna, não no conserto do carro, mas para subornar os policiais que queriam me prender por dirigir alcoolizado.

— Hora dos comprimidos — disse Barbara trazendo uma bandeja cheia deles. São seus antibióticos, comprimidos para baixar a febre, e fortificantes — explicou ela ao encher um copo com água fresca.

Barbara ficou olhando até que ele engolisse o último e maior daqueles comprimidos.

— O senhor não tinha nada marcado para esta semana, certo? Acabei te trazendo para cá e nem me dei conta que o senhor poderia...

— Moradores de ruas não costumam ter agenda, rapaz. Fique tranquilo — disse senhor Gérard que se virou, arrumou o travesseiro com a altura que preferia e fechou os olhos.

Vinte e dois

EDUARDO ALMEIDA

Dois dias se passaram e nada do senhor Gérard melhorar. Do quarto onde ele foi internado dava pra ver a neve desfilando vagorosamente até cair ao chão e se encontrar com um grande gramado. Ele não havia melhorado nem um pouco no albergue e nos assustou durante a madrugada enquanto queimava em febre.

Barbara e eu dormíamos em meu quarto no final do corredor e ela foi ver como ele estava; como ela já fazia a cada meia hora.

— Ele queima em febre — disse Barbara me acordando assustada. E então, o levamos para o hospital novamente.

Por sorte, outra médica estava de plantão e disse que era melhor senhor Gérard permanecer no hospital naquela noite.

Os leitos daquele hospital estavam cheios. Uma epidemia de caxumba assustava Paris. As televisões ligadas na recepção, enquanto aguardávamos as enfermeiras, mostravam um discurso do ex-co-príncipe de Andora e atual presidente da França Nicolas Sarkozy.

Senhor Gérard mantinha consigo uma verdadeira enciclopédia. Sabidíssimo! Enquanto assistia ao discurso de Sarkozy

pela televisão, acertava o nome de todos os parlamentares e autoridades que discursavam junto ao presidente da França, mesmo com tantos medicamentos percorrendo suas veias, antes que seus nomes aparecessem na legenda. Ele odiava remédios psicoterapêuticos mesmo sendo sem dúvida alguma o paciente singularmente mais cooperativo de qualquer sanatório francês. Tinha claramente a Síndrome de Cotard, de Capgras, de Munchausen, mas nenhuma destas haviam sido diagnosticadas nas ruas. Este era mais um de seus enigmas. Um morador de ruas com a saúde mental perfeita, um pouco bagunçada, mas perfeita. Tão mais perfeita que a minha de um assíduo leitor de Stephen King.

Respirava ele com ajuda do balão de oxigênio e estava coberto de suor deitado naquela cama quando fomos autorizados a entrar no leito. Barris e mais barris sendo empurrados pelos corredores por enfermeiros. Rostos fechados. Sobrancelhas arqueadas. Balanços de cabeça de modo nada tolerante.

Os barris grandes e azuis, deslizando suas rodinhas gastas pelo corredor barganhavam a atenção das pessoas na recepção. Franceses entoavam gritos de ordem. Pessoas mortas por negligência estavam sendo colocadas nos barris. Bracinhos, perninhas e tronquinhos se misturavam com ossos cortados, formando um emaranhado de resto de cadáveres. Havia uma criança sentada no corredor com uma bola no pescoço, comendo um saco de Burger King sem qualquer higiene. Punha a mão no chão e com a mesma levava batatas fritas à boca. Displícência.

Senhor Gérard sentia muita dor ao tossir e tentava inibi-la chupando pastilhas para garganta. Como não sabia ao certo quanto tempo ficaria por ali, já tratou logo de pedir várias daquelas pastilhas verdes.

Assim que consegui falar, nos pedi o jornal daquela manhã, pois, não teve tempo de ler no albergue como fazia

todos os dias. Em seguida, pediu uma tesoura e não foi atendido pela enfermeira. Dizia ela que o índice de suicídios no inverno europeu era muito alto, principalmente na França e Holanda. Parece que dias cinzentos como aquele, influenciavam as pessoas ao pior.

Senhor Gérard na verdade, queria recortar alguma matéria daquele jornal e tentou rasgá-lo com as mãos já que não tinha uma tesoura. Sem qualquer forma geométrica, guardou aquela reportagem no bolso de sua camisa branca amassada.

No caminho para enfermaria, senhor Gérard parou no corredor para olhar uma foto emoldurada que estava pendurada na parede. Era uma foto panorâmica de Paris no ano de 1877 com a torre Eiffel ainda em construção e recebeu ali mesmo a notícia da enfermeira chefe que ficaria internado por mais uns dias. O ar estava congelante. McWeber deu seu casaco para Gérard que tremia de frio e tivemos que deixá-lo por lá. Não queríamos na verdade, pois tínhamos medo de Gérard fugir do hospital.

No dia seguinte, as enfermeiras conversavam no bebedouro. Diziam que durante a madrugada Gérard teve uma confusão mental e que dizia que era um multimilionário. Pediu para chamar uma tal de Claudine para lhe trazer os sais com aroma para sua banheira e um petit-gateau.

— Acho melhor pedirmos a transferência dele para a psiquiatria — disse uma das enfermeiras.

Senhor Gérard assistia uma senhora ser amarrada com um sorriso no rosto ao seu lado.

— Por que ela sorri? — perguntou Gérard franzindo a sobrancelhas para um enfermeiro.

— Ela está dopada. Há tanto remédio na sua corrente sanguínea que ela se sente flutuar em outra dimensão. Essa já cortou os laços com o mundo real e viaja agora em outro mundo.

Ela é portadora do vírus HIV e também da Hepatite na forma crônica. Ela foi premiada com duas desgraças, não dura muito tempo. Por falar nisso, seus testes para HIV, sífilis, hepatites em geral foram não reagentes, está tudo certo com você.

O enfermeiro elevou a seringa levemente, deu três batinhas na agulha para retirar o ar e aplicou-a na veia daquela mulher que em poucos minutos arregalou os olhos, fez uma leve careta e adormeceu.

— Ela entrará agora em coma induzido. Não se assuste com seus olhos vidrados.

— Por que entrará em coma?

— Alguns lutam para viver, outros lutam para morrer. Ela sofre muito aqui sozinha. Alguns enfermeiros não querem trocá-la quando enche as calças. Ela ficou dias sem tomar banho e só foi levada para se limpar quando estava incomodando os médicos com seu cheiro ruim.

— Isso é desumano!

— Isso é realidade! Esses anos trabalhando neste hospital e em outro aos finais de semana em Rouen, me ensinaram que temos que viver intensamente e não deixar para amanhã o que você pode fazer hoje, como diz aquele ditado francês, porque depois que você cai aqui... Por isso quando o senhor me disse que sentia um zumbido nos ouvidos e um vazio no coração, tratei logo de fazer uma lavagem. Maldito capitalismo! Ainda vendem cotonetes lá fora mesmo sabendo que só servem para empurrar mais ainda a cera dos ouvidos. Agora, para o seu vazio no coração, só o senhor mesmo poderá cuidar e o senhor sabe como!

A médica de plantão daquela noite veio conversar conosco logo que entramos no leito em que Gérard estava internado. Sua febre havia baixado, mas ainda marcava trinta e sete e meio. Ela disse que a epidemia de caxumba em Paris era maior do

que as autoridades diziam e que eles tinham que liberar camas para internar os pacientes com caxumba. Ela largou um pouco a caneta para folhear seu bloquinho de anotações e receitar novos medicamentos para Gérard e uma nova dieta, já que ele estava de alta hospitalar.

Gérard tentou ficar de pé e se mostrou bem mais forte. Sem querer deixou cair o recorte de jornal que estava no bolso de sua camisa. Fui ajudá-lo a pegar do chão, pois seus movimentos ainda eram escassos.

“Última noite em Paris! Espetáculo do abrigo Ludmilla...”
— estava escrito naquele recorte.

— Não era este espetáculo que queria assistir, senhor Gérard?

— Não percam o tempo de vocês, rapazes. O último dia deste espetáculo é amanhã. Não contávamos com essa pneumonia...

— O senhor esqueceu que somos uma seita? Temos um pacto agora! Nós vamos a este espetáculo nem que tivermos que amarrá-lo e levar o tripé com soro e dipirona.

Vinte e três

EDUARDO ALMEIDA

Ele ficou por quase uma hora debaixo do chuveiro. A água quente caía sobre suas costas e queimava sua pele exalando um forte odor pelo banheiro. O cheiro fugia pela fechadura e pelo buraco na porta de madeira carunchada. Sentíamos o fedor sentados no quarto, aguardando sua saída.

— Como é que você o convenceu? — perguntaram Tony e Barbara.

— Você pagou a ele? — disse McWeber.

— Você é totalmente maluco! — disse Barbara sorrindo.

— Pessoal, não paguei, não o obriguei, apenas disse que a vida é uma só, e se não corrermos o risco de percorrer por nossos sonhos aqui na terra, não teremos outra chance.

Claro que ele chamou a polícia, gritou, mas também se acalmou. Chorou um pouco, xingou até a minha terceira geração, mas aceitou após eu ter dito que o levaria ao espetáculo de balé que ele tanto sonhava assistir. Aceitou chorando, e me fez apenas uma exigência: que trouxesse consigo e levasse para o espetáculo sua tão misteriosa caixa de madeira velha. Eu

disse que sim com a cabeça, Não via problema. *Sinceramente, não escondo que fiquei com vontade de abrir a caixa enquanto ele tomava banho. Não, não. Não abri a caixa, pois ele havia levado a caixa para dentro do banheiro enquanto se banhava.*

Ele começou a falar, a falar... E contar um pouco sobre si. Eram fatos assustadores e relatos impressionantes. Não necessariamente nessa ordem, pois da forma que ele falava realmente não havia uma sequência lógica naquele drama.

Ele sorriu enxugando seus poucos fios de cabelo com uma toalha azul ao sair da ducha.

— Há quanto tempo eu não tomava um banho tão quente, obrigado, rapazes! — disse ele.

— Nós agradecemos, senhor Gérard, por ter nos dados essa oportunidade — disse Barbara. — Este espetáculo deve ser lindo e o senhor tem muito bom gosto!

— A vida nas ruas não é nada fácil — ele começou a falar como se tivesse a obrigação de nos contar algo. — É uma eterna luta com você e você mesmo — disse ele ao sentar ao meu lado na cama de molas. — As pessoas te tratam como uma estátua invisível, mas se você se mexe; elas assustam. Cansei de sentar ao lado de alguém, seja na estação de metrô, nas ruas, em frente a lojas e bancos, e essa mesma pessoa levantar fingindo que o telefone toca, que alguém a chamou do outro lado da rua. Cansei de ver crianças inocentes me apontando e pais tapando as narinas com “medo” do cheiro da minha pele ao passar perto de mim.

Autoestima? Nem lembro como funciona.

Chega uma hora que você cansa, sabe? E decide viver em um mundo paralelo, onde as coisas parecem ser mais reais.

Nas ruas sofro de traumatismo, não craniano, no coração. Qualquer amuleto da sorte em minhas mãos se perde entre uma grande nuvem de fumaça negra e some logo em seguida.

Encaro os fios de alta tensão do teto do túnel naquela estação e penso: “Outro dia se passa e é tudo sempre tão igual e tudo tão diferente.”. Sei de cor quantas rachaduras há nas paredes do túnel, quantas goteiras e quantas piscadas as luzes dão antes de se queimar diante de meus olhos. Passo a mão entre os dedos feridos dos meus pés sem ao menos perceber que um dia os havia machucado. Meus pés, falando neles, neste frio ficam roxos; meio avermelhados da cor da roupa de cama de um quarto antigo que sempre me vem à cabeça. Minha ex-mulher amava aquela cor e eu odiava. Ouço passos de botas durante a madrugada e sei que não é da multidão chegando para tomar o primeiro metrô para o trabalho. É o som das botas das lembranças que tenho guardado dentro de mim. Elas pisam tão forte às vezes, que parece o exército francês marchando na pose de um novo presidente.

Nosso coração é tão idiota, que acho que ele nunca entende a hora de virar o disco da vitrola. Eu me esforço a tomar fôlego todas as manhãs quando espero um “bonjour” dos cavalheiros que passam por ali ou um sorriso das damas que também por ali passam, ou vice e versa, tanto faz...

Ele vinha da direita para esquerda, encarava o teto e olhava fixo para as teias de aranha nas arestas daquele quarto.

— Sabe que foi uma grande surpresa para mim, ir parar nas ruas. Nunca sequer imaginei deixar minhas belas casas, muito menos as pessoas que eu amava. Bem, uma hora isso deixou de ser um pesadelo para qualquer milionário e tive que encarar. Isso foi tranquilo perto dos vinte e seis anos que antecederam minha chegada às ruas. Acho engraçado os guardas, sempre eles. Às vezes eles me vasculhavam. Vasculhavam na esperança de encontrar algo que nem eu nem eles sabíamos o

que era e se iriam um dia encontrar. A França às vezes é tão engraçada quanto. O país mais belo do mundo com a língua mais charmosa do universo — não há no mundo em qualquer outro idioma algo mais bonito que o nosso “enchanté” —, cheio de patifes. O máximo que eles encontravam eram meus jornais e meus sonhos perdidos. Toda vez a mesma coisa, mas eles insistiam. Nunca darei a esses caras o que eles querem, pois eles não me deram o que eu quis por muitos e longos anos no grande pátio daquela prisão na ala masculina onde ficava uma réplica da lâmina da guilhotina usada na execução de Pierre François Lacenaire. Eu nunca os ouvi chegar, parecia que eram fantasmas de coturno preto. Abafava minha voz por trás da cela todas as manhãs pedindo ao menos o jornal do dia e nada além de novos pingos d’água gelada na cabeça.

O que eu faria com os jornais?

Construiria túneis para escapar da prisão?

Enfim...

Ficava elétrico de raiva e isso só foi aumentando... aumentando. Cuspia no rosto deles toda manhã e em troca levava umas coronhadas. Era um bando de covardes: sempre em bando, nunca sozinhos.

Ainda havia brilho nos meus olhos ao receber aquelas bandejas imundas com a refeição do dia. Esse brilho se apagou na primeira garfada.

Descascava o esmalte daquelas barras de ferro que formavam minha jaula com as unhas que eu, descuidadamente, não mais fazia, e assim; mais porradas em minhas mãos. “Estique-as” — diziam eles — “E se gritar leva mais uma.”. Isso era hipocrisia, pois, eu costumava levar mais porretadas mesmo sem emitir o som de qualquer palavra. Pelo menos assim, com as mãos latejando e cheia de feridas, eu não tinha força para descascar mais celas. *Vou sobreviver* — pensava. Mas pra quê? Se as pessoas que eu amo não estão mais lá?

Quando chegava em minha mansão e elas estavam espar­ramadas no meu grande ninho, era uma alegria que não cabia no peito. Tentava aproveitar sem tirar os olhos do telefone, pois tocava a todo o tempo. Trabalhei muito, muito, muito... Isso é verdade.

Era difícil ficar sem tomar banho em uma grande banheira com aromas de Clive Christian, mas acostumei. Era difícil dormir naquele colchão barato sobre uma plataforma de concreto, mas também acostumei. Era difícil ficar sem vê-las e isso eu não consegui me acostumar até hoje.

Batia-me um desespero de madrugada que pensava estar tendo mais um pesadelo. E que tudo aquilo que passei e estava passando era também um sonho ruim, mas não.

O cheiro do meu suor começou a me incomodar após alguns anos, quando começou a se tornar mais forte. Acho que após anos e anos usando colônias caríssimas de grandes marcas o cheiro bom impregnou, e levaram alguns anos para sair da minha pele.

Eu fui responsável por cuidar da horta da prisão. Tudo o que vicejava naquele solo cintilante e mole crescia com ar de podridão. Os legumes, as folhas, pareciam provenientes de plantas carnívoras com o viço escuro e sem qualquer sabor. Eles riam como hienas carinhosamente irônicas por natureza quando eu encontrava catastróficamente alguns ossos de ex-colegas que viviam em um universo sistemático e paralelo debaixo da terra. O trabalho braçal da prisão era majestosamente feito pelos presos. Isso me ajudava a me distrair, e perder energia para provocar o sono que nunca vinha na hora certa.

Eu tinha vontade de espriar ódio pelo universo, mas poucos minutos depois me lembrava de que o universo já está referto de encarniçamento, então desistia. Tentava pensar branco.

Chegou uma hora que na minha cabeça não havia mais

nada. Imagine um campo de concentração como Auschwitz, vazio; sem nada físico em seu interior. Ele está vazio, é verdade, mas coisas horríveis aconteceram lá dentro anos atrás. Pois é, era o que eu sentia dentro da minha cabeça. “Isso é a morte?” — eu me perguntava às vezes. Outras vezes, pensava em voz alta até que um guarda uma vez respondeu: “Isso aqui é só o começo do inferno.”. Vagando sereno, eu tentando estar em meio todos aqueles guardas, voltava para minha cela torcendo para que meus jornais estivessem no mesmo exato local que eu os havia deixado. Um dia, para minha fúria, não estavam. Já tentou tirar a cria de um hipopótamo da água na África na presença de sua criadora? Foi mais ou menos isso que aconteceu naquela quarta-feira após o banho de sol. Quando vi aquele assassino novo no presídio, que já não me dava paz por algumas semanas rasgando meus jornais e jogando-os por toda a cela, não pensei duas vezes, ou melhor, parei de pensar. Apertei seu pescoço tão forte após uma joelhada no maxilar enquanto ele ria sentado naquele colchão imundo e comendo alguns pedaços de jornal, que vi seus olhos se esbugalharem para fora e seu sangue escorrer em minhas mãos saindo de seu nariz e ouvidos. Sentia seu coração bater forte em minhas mãos cravadas em sua jugular. Os outros presos gritavam e batiam nas barras de ferro das grades de suas celas: “MAURICINHO! MAURICINHO!” — era assim que eles me chamavam — e isso só me deu mais força.

Quando os tiras chegaram e conseguiram destrancar a cela, que de alguma forma eu havia trancado e não me lembrava como, já era tarde demais. Eu tinha matado aquele medíocre. Seu corpo, que não faria falta para ninguém, além de satanás, foi jogado em uma vala e o meu na solitária.

Como aqueles dias não passavam. Ali eu comecei a concordar que aquilo era realmente o inferno.

A coerência de meus pensamentos já não era mais a mesma. Eu comecei a misturar as histórias, os nomes, as coisas... Eles queriam me deixar louco, e o pior era que eu sentia que realmente estava ficando. A loucura dominava meu corpo, minhas ações, minha fala. Tentava mexer meu braço direito, o esquerdo respondia. O formigamento nas minhas pernas era diário. Tanto no verão, outono, primavera... Mas no inverno, por incrível que pareça eu sofria menos: meus membros congelavam e eu deixava de senti-los. Chorava quando o formigamento se transformava em dor e o sangue nas veias voltava a correr. Eu tentava gritar, mas entre os fios desarrumados e molhados da minha barba só saía um gemido abafado, leve e doloroso, mal dava para perceber que aquele som saía de mim.

Quando me esforçava bastante, conseguia abrir as pálpebras, mas enxergava um breu da mesma forma. Às vezes nem sabia se estava com os olhos abertos ou fechados: era tudo preto, igual.

Eu puxava fôlego, totalmente ofegante, e com muita rouquidão nos pulmões. Estava acostumado com a poluição de grandes metrópoles que havia conhecido pelo mundo, mas não estava acostumado com algo que sempre detestei e que naqueles anos foi um dos meus poucos amigos: o cigarro. Às vezes ouvia meu nome e achava que estava ficando doido, nem ligava. Vinham os tiras para me tirar de um inferno e levar para outro. Eu me esforçava para andar, mas semanas e mais semanas dentro daquela solitária, me fizeram esquecer como era “caminhar”.

Quando abriram aquela porta de madeira, vi um mundo totalmente embaçado. Não sabia que o universo era tão iluminado. Precisei proteger meus olhos cheios de remela com as mãos. Mãos que custei erguer para tocar meu rosto suado. Sentia uma agitação. Não só nas minhas veias, mas nos corredores daquela prisão. Os presos gritavam: “MAURICINHO! MAURICINHO!” outra vez. Eu era ídolo deles após asfixiar até a morte aquele medíocre criminoso.

Eu dormia e acordava naquela madrugada, a minha primeira em liberdade dentro da mesma prisão. Na minha cela, havia um jovem tatuado até o pescoço que tinha muito medo de mim. Disseram para ele que eu era um dos mais perigosos de Paris, e que eu já havia matado vários presos asfixiados enquanto dormiam. Além, é claro, da minha própria família antes de chegar naquele inferno.

“Estou aqui por um engano, senhor.” — ele disse.

“Eu também, moleque.”

Sua mãe ia visitá-lo sempre, com uma namorada e dois amigos. “Peça para eles me trazerem TODA VEZ que vierem te ver, os jornais da semana.” — Eu o assustei durante uma madrugada. Deu certo.

Em algum momento daqueles míseros anos eu entrei para uma gangue de franceses. Eles me tinham como um ídolo e um monstro; e eu gostava. Tinham medo de mim e realmente achavam que eu havia matado toda minha família por dinheiro. Rah! Eles não sabiam de nada.

Eu abria os olhos no verão e, Christopher, aquele jovem, nunca dormia.

“Com insônia, moleque?”

“Não vejo a hora de sair daqui.”

“Todos nós. Agora durma, nada acontece de madrugada por aqui a não ser porretadas dos guardas sonâmbulos quando veem que tem gente acordada.”

O cheiro do pé dele me incomodava e o fato de ele fumar mais que eu, também.

Um dia, logo no café da manhã com bolachas murchas e leite azedo, Boyer, que havia sido condenado à prisão máxima me convidou para bater um papo no canto direito da porta principal.

“Depois de amanhã sairemos para o lado de lá daquele

muro nojento. Finja estar passando mal e vá para enfermaria que faremos o resto.”

Nossa gangue havia acumulado armas brancas por anos enquanto eu acumulava recortes de jornais. Eles tinham um arsenal e eu, páginas e mais páginas do Le Monde.

Dois dias se passaram. Já eram duas e vinte e nove da manhã daquela quinta-feira e comecei a tossir deitado em minha cela. Sabia que levaria alguns pontapés dos guardas com pouco humor por fazer barulho de madrugada e atrapalhá-los em suas viagens em sites pornográficos pelos celulares.

Três, três e quarenta, três e cinquenta e seis e era hora. Enfiei o dedo na garganta tão profundo que sentia a comida esguichar por entre meus dedos.

“Que merda você fez por aqui, seu imprestável?” — diziam os dois guardas que me algemaram e levaram para enfermaria por aquele corredor de piso frio. Tossia propositalmente enquanto passava em frente às celas de Boyer, Yves Bouchez, Maurice Béart... “A hora é agora.” — Eles entenderam o recado.

Enquanto eu era medicado por uma enfermeira obesa e sem qualquer etiqueta e educação, já podia ouvir os passos abafados dos presos fugindo por baixo da terra. O túnel que eles construíram, começava na cela de número doze de Boyer, e terminava do lado de lá da mata congelada. A gorda ouviu os passos, mas achou que eram ratazanas procurando por comida nas tubulações de ar. O grande túnel passava bem debaixo das celas de número 12, 14, 22, 74... Passava também por baixo do refeitório, do banheiro ao lado da minha cela, e da enfermaria onde eu estava.

Logo que aquela gorda me deu umas picadas no braço direito com uma injeção que mais parecia um beliscão e outra na nádega esquerda, eu fiz careta e caguei. Era parte do plano, pois de madrugada não havia faxineiros. Estava guardando

aquela montanha de merda por três dias e meu estômago enfim respirava novamente.

“Filho de uma vaca infeliz.” — disse ela. “Vá cagar na boca imunda do seu pai, aquele velho inútil.” — Sim, ela nem imaginava quem havia sido meu pai para a França e para o Mundo. “Você vai limpar toda essa merda.” — E tirou minhas algemas sem que os guardas soubessem. Ela trancou a porta e cruzou os braços. Então, eu aproveitei e a amordacei com faixas molhadas com analgésicos e a mediquei com um coquetel de remédios contra insônia — ela deve ter dormido por dias. Entrei no túnel construído pela gangue por baixo da mesa do enfermeiro chefe, que estava ajudando na construção e ganhando muito dinheiro dos presos e suas facções criminosas.

Tudo ia bem, como planejado, até que olho para trás já dentro do túnel e vejo Christopher, aquele jovem que dividia cela comigo. Eu não acreditava no que estava vendo e deixei alguns presos passarem por mim naquela fileira mal arrumada embaixo do refeitório, se me lembro bem.

“O que você está fazendo aqui, seu verme?” — perguntei rangendo os dentes para Christopher.

“Daniel, o enfermeiro chefe me falou deste túnel e da fuga. Tive que transar com ele por três ou quatro vezes até ele me passar todas as coordenadas” — respondeu. *Que nojo!*

Ali mesmo já comecei a pensar que a fuga ia dar errado. Christopher tinha alergia à poeira e fazia muito barulho ao caminhar. Ele estava com medo e espirrava sem parar. Parte de nossa visão era comprometida pelo pó sujo do túnel e Christopher não ia aguentar. O túnel era longo, porém estreito. Tínhamos que nos abaixar, engatinhar, nos contorcer em alguns tubos de esgoto e eletricidade com fios desencapados. Os olhos ardiam e a respiração era rarefeito. Andávamos correndo, tentando fazer cada vez menos barulho, mas Christopher não.

“Quem passou a informação para ele?” — perguntou Serge, acusado de roubo de caminhões forte e tráfico internacional de drogas limpando a cicatriz que tinha no rosto.

“O enfermeiro chefe lhe passou toda a informação em troca de sexo.” — respondi.

“Que lixo de homem! Mate-o, Boyer.” — disse Serge. — “Caso contrário, seremos pegos e perderemos o que planejamos há anos.”.

Boyer sacou rapidamente uma pistola que estava entre a pelve e o elástico da calça e sem ao menos perceber, atirou se esquecendo de colocar o silenciador no cano da arma. Resultado? Chamou a atenção do presídio todo com o barulho e eco daquele disparo.

O tiro foi certo. Bem no meio da testa de Christopher que caiu com os olhos fechados. Uma discussão se instalou por ali. Eu corria, corria muito enquanto eles se batiam. Estava sufocado e precisava de ar.

Boyer foi ferido por faca; Serge correu. Outros dois disparos se ouviram no fundo do túnel, pois eu já estava subindo as escadas de madeira com acesso a mata congelada bem pra frente daquela discussão.

E mais uma rajada de metralhadora e muitos gritos.

Subi os degraus daquela escada com as mãos pingando suor e pude ver a luz do luar. Corri em direção ao Sul, para a pequena cidade de Maincy, na região administrativa da Île-de-France.

Consegui respirar novamente, quilômetros longe dali. Longe também, do tiroteio que se instalou naquele túnel quando os agentes penitenciários o descobriram logo após o primeiro disparo impensado de Boyer.

Foram dezenove mortos, inclusive Boyer e Serge. Quatorze feridos, e apenas três conseguiram fugir.

Sendo um dos únicos que havia conseguido escapar, e depois

de tudo que fiz com aquela enfermeira miserável para entrar no túnel, a polícia francesa achou que eu era o líder da gangue e iniciou buscas por toda a Europa para me caçar. A Interpol também foi acionada. As fronteiras foram fechadas e foi onde me encontraram semanas depois, mais magro e com a barba feita, na fronteira da França com Luxemburgo.

Voltei para a prisão.

Voltei para solitária.

Voltei para o tormento!

Ele parecia desabafar, como há muito tempo não fazia provavelmente.

— Era uma alegria quando vinha frango no almoço sobre aquela bandeja vermelha e os agentes se esqueciam de cuspir em todos eles: já não aguentava mais comer batata amassada com catarro. Isso quando eles não esfregavam as maçãs nas bolas e sentíamos o gosto de esperma na garganta ao engolir.

Meu despertador por anos foram os guardas batendo os cassetetes nas barras de ferro das celas. Eles eram bem amorosos.

“Acordem, bando de filhos de putas!”.

“Excrementos da sociedade!”.

“Enfileirem-se...”.

Quando deixei a solitária pela segunda vez, fiquei sabendo que aquele chefe da enfermaria que ajudou na fuga meses atrás havia sido julgado, culpado, preso e esquartejado semanas depois.

Novamente me aliei a uma gangue e novamente tramávamos fugir. Planejar uma fuga não é nada fácil, mas era nossa única solução para acabar com aquele tormento. É como montar um quebra-cabeça. Mas que nesse, você não precise encontrar a linda foto ilustrativa da caixa do brinquedo, mas sim, a saída do inferno. Um brinquedo labiríntico de gente grande.

Havia um espelho no banheiro — se é que se pode chamar aquilo de banheiro — de cada cela quando cheguei e fui preso pela primeira vez. Esse espelho foi extinto, pois alguns presos estavam fazendo dele, armas. Alguns, para se suicidarem ou para sequestrarem agentes penitenciários, e outros para se manterem vivos naquele inferno.

Os anos se passaram e eu não vi o quanto envelheci. Assustei-me ao olhar anos depois meu rosto novamente em um reflexo de água suja ali no pátio de banho de sol após uma chuva forte. Perdi meus dentes e meu sorriso. Ganhei contornos desenhados de traços tristes em meu rosto. Meus cabelos caíram. E meu corpo se transformou. Eu era forte, sempre me vesti muito bem; tinha muito dinheiro e namoradas. Meu súbito desaparecimento me fez cair no esquecimento e eu agradei por tudo isso. Meu rosto inchava toda vez que aquele filme passava na minha mente.

Percebemos que ele estava ficando emocionado e decidimos parar por ali.

— Não estamos aqui para julgá-lo — disse Tony. — E sim para ajudá-lo a realizar seu sonho.

— Temos que reensinar algumas coisas para você — disse a doce Barbara. — Como: como ser gentil, como dar “bom dia”, como se portar à mesa...

— Atualizá-lo com notícias das atualidades — complementou McWeber. — Mitterrand e Jacques Chirac já não são mais presidentes da França.

— Sacode a poeira — disse Barbara pulando da cama. — Fique de pé, senhor Gérard!

Ele olhou para um lado, para o outro e disse:

— Eu? — E apontou com o indicador esquerdo para si mesmo.

— E há outro senhor Gérard por aqui?

Ele sorriu. Levantou vagarosamente. Aquele pobre senhor aparentava ter dores nas costas e nas pernas. Tirou um belo catarro da garganta e disse:

— Pronto, e agora?

— Tome este livro...

— Mas ler agora?

— Não! Leve consigo até o final do quarto. Coloque na cabeça e venha caminhando sem deixar o livro cair ao chão. Este é um exercício para manter a postura ereta.

Senhor Gérard caminhou ao final do quarto, encostou-se à parede embolorada daquele albergue e colocou o livro na cabeça. Ele ainda tentava equilibrá-lo quando o livro se espatifou aberto no chão.

— Hmm, Monet? — disse ele ao ver uma das páginas do livro de Barbara.

— Sim, é meu pintor preferido!

— “Eu adoraria pintar como o pássaro canta.” — recitou senhor Gérard.

— É uma bela frase de Monet — disse Barbara. — Mas, não me lembro de tê-la visto nesse livro que tem apenas suas telas menos famosas.

— Essa frase está no meu coração — disse o senhor Gérard.

— O senhor entende de Monet?

— O mais célebre de todos os impressionistas? Sei pouco dele, sei que Oscar-Claude Monet nasceu em Paris, na nona arrondissement, assim como eu, em quatorze de novembro de mil oitocentos e quarenta, e morreu em cinco de dezembro de mil novecentos e vinte e seis. Filho de um comerciante dono de uma mercearia modesta. Aos cinco anos se mudou para Le Havre, na Normandia. Seu pai desejava que ele continuasse no comércio da família, já pensou que desperdício? Sei que foi sua

tia, também pintora, que o apoiou na carreira artística. Em mil oitocentos e cinquenta e um, entrou para a escola secundária de Artes e acabou se tornando conhecido pelas caricaturas na época. Nas praias da Normandia, Monet conheceu Eugène Boudin, um artista que trabalhava extensivamente com pintura ao ar livre, e que lhe ensinou algumas técnicas ao ar livre. Em cinquenta e sete, sua mãe morreu e, aos 16 anos, Monet abandonou a escola e foi morar com sua tia Marie-Jeanne Lecadre, a mesma que o apoiava na carreira de pintor. Foi Claude Monet, juntamente com os companheiros Auguste Renoir, Camille Pissarro e Paul Cézanne quem organizou a primeira mostra de arte impressionista. Quem mais trabalhou para organizar essa primeira exposição foi Auguste Renoir, que era seu grande amigo. Amigos inseparáveis, Monet e Renoir chegaram a pintar juntos, inclusive.

Senhor Gérard era realmente sabidíssimo!

Foi nesse momento que senhor Gérard colocou o livro novamente na cabeça após ter pegado do chão e dado um leve assopro para tirar a poeira invisível. Caminhou com passos cheios de classe até o encontro de Barbara sem que o livro se mexesse e recitou algumas de suas obras preferidas em um belo Francês:

— “Impression, Soleil levant”, “Les Coquelicots”, “La Gare Saint-Lazare”, “Le Bassin aux nymphéas”, “Les Meules”...

— Senhor Gérard, o senhor é o máximo! — disse Barbara o abraçando forte como há muito tempo ele não era abraçado.

Como ele sabia de tudo aquilo? A cada segundo que passava aquela história ficava mais interessante!

— Agora temos que lembrá-lo as palavras-chave para boas normas em sociedade, repita conosco:

— Bom dia, boa tarde e boa noite — disse Barbara.

— Bom dia, boa tarde e boa noite — repetiu o senhor Gérard.

— Com licença? — disse McWeber.

— Com licença, mademoiselle? — disse senhor Gérard se fazendo de galã francês.

— Perdão, perdoe-me... — disse Tony.

Foi aí que aquele velho resolveu nos pregar outra peça...

— Pardon! Je suis désolé! Perdão! Eu lamento! I'm Sorry! Perdóne me! Mi dispiace! Es tut mir leid! Förlåt mig!

Sim, para nosso espanto novamente, senhor Gérard falava em torno de dez idiomas.

— Onde foi que aprendeu tudo isso, senhor Gérard?

— Por aí... — respondeu ele.

Resolvemos ir para o passo três, como se portar à mesa e claro, mais surpresas.

Senhor Gérard se sentou elegantemente à mesa do refeitório após descermos os quase trinta degraus.

— Vocês sabiam que o nome “talher” vem do Francês “tailhoir” que significa prato de cortar carne? — perguntou o senhor sentado à simples mesa do albergue.

— Senhor Gérard, o senhor é uma máquina de sabedoria — respondeu Barbara.

— Merci, Barbara. — Senhor Gérard estalou um beijo suave na mão de Barbara. — Agora, vamos ver se eu me lembro.

Senhor Gérard pegou alguns talheres aleatórios que estavam na pia cheia de louça do albergue.

— Colheres são quatro e devem começar a serem usadas da maior para a menor, de fora para dentro do prato: sopa, sobremesa, chá e café. Garfos também são quatro, e também são utilizadas do maior para o menor. Acertei Tony?

— Perfeito como sempre, senhor!

Tony tinha educação Inglesa, e mais do que ninguém ali entendia de bons modos à mesa.

— O garfo de sobremesa tem basicamente a mesma função do garfo principal, pegar os alimentos. Tem o tamanho menor para se adaptar à sobremesa, que em geral é mais delicada e servida em menores porções. Já o garfo de peixe tem dentes mais grossos, para auxiliar na separação de possíveis espinhas e o de salada tem dentes mais largos, para facilitar a dobra das folhas, certo?

— Perfeito novamente! — disse Tony, o galês.

— As facas, bom, eu sempre me confundi com elas, mas vamos lá. Os modelos de faca são três: a primeira, utilizada no prato principal, servirá para ajudar a colocar os alimentos sobre os garfos; a faca de peixe tem como função auxiliar o garfo na separação de espinhas, para isso ela é mais pontiaguda e serri-lhada; e as menores são utilizadas para sobremesas e manteigas. Minha nota, Tony?

— Não tem como não ser dez, senhor Gérard! — Tony sorria.

— Uhul! — comemorava o pobre senhor.

Ali mesmo sentados no almoço, senhor Gérard lambia os beiços após se deliciar com um delicioso canard à l'orangeI.

— Nem me lembrava que patos eram tão bons — suspirou ele. — O que te fez me procurar, Edu? Por que eu? Por que Paris? Por que insistiu tanto? Você é jovem, bonito, inteligente, poliglota, milionário, poderoso, viajado...

— Quando deixei o velório e conseqüentemente o enterro do ex-vice-presidente da Ore-North, aquele filho da puta do senhor Couto, fiz uma aposta com um morador de ruas qualquer em Maresias. Estávamos parados em um semáforo. Eu com minha BMW e ele com seus chinelos Havaianas. Eu duvidei dele. E foi a melhor coisa que fiz na vida. Passei por cidades grandes e pequenas, históricas ou não, e a cada rua, uma história incrível que me fizeram quebrar a cara.

— Que demais! — disse McWeber. — Você conheceu moradores de ruas no mundo todo?

— Sim! — respondi.

— Muita coragem, diria eu — disse senhor Gérard...

— Conte-nos algumas? — perguntou Barbara.

Vinte e quatro

EDUARDO ALMEIDA

Pelo mundo.



“**Não há nada** *como regressar a um lugar que está igual para descobrir o quanto a gente mudou.*” — Nelson Mandela.

— Não há nada *pior* que regressar a um lugar que mudou para descobrir o quanto a gente está igual — disse um morador de ruas aos arredores das cavernas de Sterkfontein, local conhecido como “O berço da humanidade.”.

JOHANESBURGO. ÁFRICA DO SUL

— **A vista** do teleférico é muito bonita. Não acha?

— Oh sim! Moro aqui há cinquenta anos. E essa é a primeira vez que estou andando no teleférico — disse o ex-empresário Albanês.

— Puxa! Agora entendo o porquê era teu sonho...

— Na verdade, este não era meu sonho...

— Não?

— É que vivo a maior das misérias nas ruas, a desagradável miséria afetiva. Desde que meu filho foi sequestrado a caminho do teleférico por traficantes inclementes de crianças no dia de seu aniversário, há cerca de vinte anos, meu sonho é revê-lo. Quando me perguntou qual era meu sonho e eu disse que era andar no teleférico, era exatamente para tentar encontrá-lo daqui de cima.

**MONTANHA DATJI. TIRANA. REPÚBLICA
DA ALBÂNIA**

— **Fui um dos poucos** sobreviventes do assalto ao Quartel Moncada. Passei anos exilado, sozinho, escondido e vi meu país congelar desde então. Não me dão emprego. Meus antigos companheiros faleceram. E o que me sobraram foram as histórias contra Batista. Eu peço moedas, e em troca, conto histórias para turistas. Nem sempre verídicas, nem sempre reais.

**HAVANA. PRÓXIMO AO CAPITÓLIO DE
HAVANA. CUBA**

Estava eu sem palavras na capela de Saint-Hubert — onde está localizado o túmulo de Leonardo da Vinci — lendo seu memorial, até que uma frase daquele ex-engenheiro francês que eu conversava me chamou atenção: “Vivo a vida mais triste no lugar mais belo do mundo. Mas ainda assim, prefiro dizer que, moro no lugar mais belo deste mundo!”.

**CASTELO DE AMBOISE. REGIÃO DO VALE
DO RIO LOIRE. FRANÇA**

— **Ser Xiita** em um país em maioria Sunita é o mesmo que pedir para ser escorraçado, apagado ou esquecido pela sociedade. Ser um morador de ruas Xiita em um país de maioria Sunita então; nem se fale!

**RIADE. NAS REGIÕES HISTÓRICAS DE
NÉGEDE E AL-YAMAMA. REINO DA ARÁBIA
SAUDITA**

— **O que mais** me deixa feliz? É quando
alguém passa por mim e se vale de uma pequena
frase: ¡Hola! ¿Qué tal?

**CÓRDOBA. AOS ARREDORES DO EVITA
FINE ARTS MUSEUM. ARGENTINA**

— **Sinto-me** como um peixe fora d'água dentro de todas estas amenidades do país considerado um dos mais ricos do planeta.

DOHA. NO CATAR. ORIENTE MÉDIO

Ele dormia em frente ao Museu Municipal Leventis, entre dois vasos de bambu-mossô, se escondendo diariamente dos guardas.

— Minhas três maiores paixões me trouxeram para as ruas. O urdume, a trama e a bela senhorita Sila! — disse o ex-tecelão de uma das famílias mais poderosas do Chipre.

Foi morar nas ruas após ter se envolvido com a filha de um dos políticos mais poderosos do país.

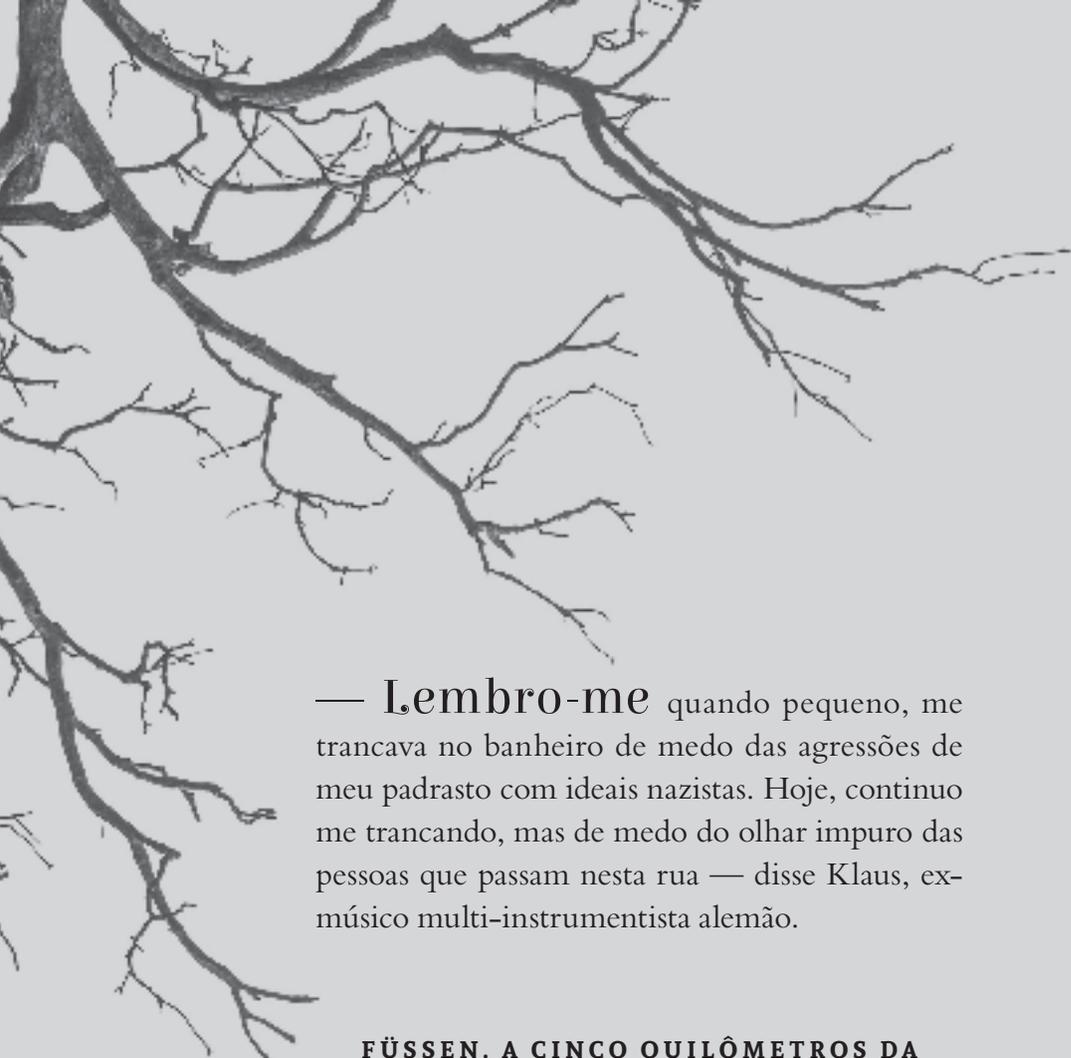
NICÓSIA. NA REPÚBLICA DO CHIPRE

Não sei se posso dizer que um morador de ruas tem sorte. Se pudesse, diria que Vlaovic seria um deles.

— É aqui que eu durmo. Ao som das notas musicais vindas naturalmente do balanço do mar.

Ele se e referia ao projeto arquitetônico do croata Nikola Basic — o chamado Órgão do Mar —, onde Vlaovic, ex-professor de música da Universidade de Zagred, costumava passar as noites desde que foi morar nas ruas.

**ZADAR. NA COSTA LESTE DO MAR
ADRIÁTICO. CROÁCIA**



— **Lembro-me** quando pequeno, me trancava no banheiro de medo das agressões de meu padrasto com ideais nazistas. Hoje, continuo me trancando, mas de medo do olhar impuro das pessoas que passam nesta rua — disse Klaus, ex-músico multi-instrumentista alemão.

**FÜSSEN. A CINCO QUILÔMETROS DA
FRONTEIRA AUSTRIACA. NA ALEMANHA**

— **Morar por estas gélidas** e
pardacentas ruas de Odense é o mesmo que ler um
palíndromo. Todo dia da esquerda para direita ou
da direita para esquerda, é sempre a mesma coisa.

**ODENSE. PRINCIPAL ILHA DE FUNEN.
DINAMARCA**

— **A sala da redação** naquela terça-feira estava vazia. Eles me procuraram vasculhando cada lugar. Nos banheiros. Nos closets. E até debaixo das mesas. Mas esqueceram de um detalhe. De procurar nos lugares onde eu mais me sentia seguro, nas ruas — disse o ex-jornalista muçulmano. Hoje, morador de ruas.

CAIRO. EGITO

— **As luzes** da cidade se acendem quando a minha esperança de um dia melhor se apaga — disse o escocês, ex-mixologista e hoje, morador de ruas.

Estávamos em um dos mais famosos bares do mundo — The Dome — no Reino Unido. Enquanto tomávamos um drink, o crepúsculo chegava escurecendo as ruas de Edimburgo.

EDIMBURGO. ESCÓCIA

— **Quando criança** estudei em uma escola fria e católica por decisão dos meus pais. Lá aprendi que a alma tem três inimigos: o mundo, o diabo e a carne. Vivendo nas ruas aprendi que a alma também tem três inimigos: a gélida solidão, a sequidão de esperança e a vagarosa destruição — disse o ex-antropólogo e professor universitário.

TALLIN. MAR BÁLTICO. ESTÔNIA

— Tudo por aqui se tornou dormente:
as montanhas, as casas, as ruas, as pessoas; os papéis
voando nas vielas, os animais nos lagos congelados,
as cores combinadas das fachadas e claro, o meu
coração!

NUUK. GROELÂNDIA

— **Submersos** de alguma forma em um
mar de inoportuna solidão.

HONOLULU. HAVAÍ. EUA

— **Vejo uma** indisposição àquilo que um dia foi essencial nas ruas, o racismo. E isso me alegra por alguns minutos.

JACARTA. INDONÉSIA



— **Virar um morador de ruas**
é fácil, basta perder sua morada. O difícil é ser um
morador de ruas todos os dias durante mais de vinte
anos — disse o ex-historiador. Hoje, pedinte nas
vuelas antigas do vilarejo de Bibury.

**BIBURY. GLOUCESTERSHIRE.
INGLATERRA**

— **Morar por aqui** para mim é como se você tivesse encontros inéditos com tudo aquilo que um dia a vida tratou de desencontrar.

PRISTINA. KOSOVO

— Fugindo de conflitos bélicos?

Não, não... Apenas fugindo da forma que as mulheres ainda são tratadas por aqui — disse ela que tinha o sonho de ser arquiteta. Sonho este, interrompido por um casamento fajuto com um homem ferino de casta com prestígio.

BAALBEK. LÍBANO

— **Perfeito?** — Ele riu de deboche. — Perfeito foi um só, Jesus Cristo! — disse ele quando me referi à Noruega, “O país perfeito.”

OSLO. NORUEGA

— **Lavo o rosto** todas as manhãs nas águas do Pacífico. Tomo café toda tarde com meu amigo Cabrillo. Sem contar que tenho ursos polares no quintal da minha casa. É! Eu gosto da minha vida!

Ele era Johann. Ele se referia ao monumento em homenagem ao navegador Juan Rodriguez Cabrillo e ao Zoológico de San Diego.

SAN DIEGO. CALIFÓRNIA. EUA

— **Eu não sou um animal.** Sou apenas um homem que mora em um lugar onde mais ou menos ninguém quer morar.

GÖREME. CAPADÓCIA. TURQUIA

— **Susan! Susan!** — gritei, correndo ao seu encontro.

Ela se assustou. Achou que era mais uma vez uma decepção ou alguém querendo maltratá-la.

— O que quer? Como sabe meu nome? Quem é você? — perguntou ela, tentando cobrir seu rosto com um lenço branco, ou melhor, marrom de tão sujo. Com um aparente medo, se colocava em posição de defesa.

— Sou seu anjo da guarda! — disse eu com a barba feita, roupa branca, chinelo comprado de um artesão local por algumas moedas, e cabelo lambido. Tinha acabado de almoçar em um restaurante tradicional grego.

— Anjo da guarda? Está maluco?

— Não! Olhe só... Trago notícias do futuro. Acredite que você poderá reencontrar sua filha. Pare de se lamentar e chorar todos os dias. Sonhe! Venda e

compre seus sonhos! Seja milionária! E enfim terá seu desejo realizado! — E saí correndo.

— Espere maluco! Como sabe de tudo isso? Quem é você? Onde ela está?

Na verdade, eu não sou anjo da guarda nem aqui nem na China. É que antes de falar com Susan, perguntei para um grupo de gregos que estava por ali, se eles conheciam algum morador de ruas aos arredores da Petani Beach. Susan era famosa por ali. E logo foi indicada.

Se ela reencontrou sua filha? Tenho certeza que sim!

Como sei? Basta ver que de uma simples conversa ela começou a acreditar!

Como? Basta ler sua última pergunta. Acha que se ela não acreditasse, perguntaria onde sua filha estava?

CEFALÔNIA. ILHAS JÔNICAS. GRÉCIA

— **A coisa mais bonita** da Nova Zelândia? Oras! Isso é fácil! Não me lembro de ter visto algo feio por aqui. Tudo parece perfeito. O ar, as praias, os animais. Sem esquecer o sol, a chuva, a cor do mar... A coisa mais triste do meu mundo? Oras! Essa também é fácil, a quietude. Tem horas que toda essa beleza se cala e parece que meu verdadeiro mundo vem à tona. Sim! Sem sombra de dúvida, a quietude.

**WAITAKERE. ZONA METROPOLITANA DE
AUCKLAND. NOVA ZELÂNDIA**



— **Eu levo comigo** tudo o que eu tenho — disse o ex-chefe de cozinha, especialista em peixes exóticos, com verdade no olhar.

Ele colocou a mão no bolso. Chacoalhou para lá e para cá como se realmente estivesse procurando por algo. Ergueu-a ainda fechada, como se fosse me mostrar o que ele tinha de tão importante. E para minha surpresa, ele logo a abriu: e não tinha nada.

BRAGA. PORTUGAL

— *Uma frase?* Incompreensão da derramada lágrima alheia.

VEVEY. NO CANTÃO DE VAUD. SUÍÇA

— **As pessoas** pensam que a pior parte de morar nas ruas é o frio. Para mim, a pior parte de morar nas ruas é ver o mundo todo passando à sua frente, e nenhuma dessas pessoas ser seus familiares.

**KIEV. ÀS MARGENS DO RIO DNIEPRE.
UCRÂNIA**

— **Pois é**, não sei se sabe da lenda — disse o ex-escritor e historiador Abraham.

— Que lenda? — perguntei cheio de curiosidade.

— Aquela placa em pedra diz “milagre”. Ela está posicionada exatamente onde começou a corrente báltica em 1989. Dizem que, se der três voltas ao seu redor, e desejar algo com muita força, o seu pedido se tornará realidade.

— E funciona? — perguntei.

— Não sei, nunca tentei.

— O que acha de um desafio?

— Desafio?

— Sim! Eu vou dar as três voltas em torno da pedra, e pedir algo para o senhor. O senhor, em contrapartida, dá as mesmas três voltas e pede algo por mim. Fechado?

— Fechado!

Então, me dirigi à pedra, dei três voltas como se fosse uma gincana — talvez quem estivesse passando naquela rua naquele momento e não soubesse dessa lenda iria me achar um maluco — e disse em voz alta:

— Meu desejo é que o senhor saia dessa vida, reencontre sua família e possa voltar a escrever!

Ele me abraçou e agradeceu com um sorriso sincero.

— Ande! Agora é sua vez — disse eu.

Ele deu as mesmas três voltas em torno da pedra e disse:

— Desejo te encontrar novamente daqui algum tempo. Na situação em que você me descreveu!

**VILNIUS. SOBRE UMA PEDRA NO CHÃO
ESCRITO "STEBUKLAS". LITUÂNIA**

— **Meu ex-marido** era Economista —
disse a ex-promissora promotora de justiça Galesa que
deixou a faculdade de Direito quando engravidou
de um ex-príncipe encantado. — Ele economizava
de tudo, inclusive, afeto.

CHEPSTOW. PAÍS DE GALES

— **Existem verbos** que só sei conjugar
no passado: vivi, sorri. Outros que só sei conjugar
no presente: choro, sofro.

**AOS PÉS DA COLINA EL PICACHO. EM
TEGUCIGALPA. HONDURAS**

— **Pessoas se acostumam** com tudo. Acostumam-se a morar em um apartamento de 60 metros quadrados. Acostumam-se a acordar cedo para trabalhar. Se acordam cedo, se acostumam a acender a luz pela manhã, pois estão acostumadas a não abrir as janelas. Acostumam-se a tomar o café da manhã e saem correndo para trabalhar como estão acostumadas. Mas veja...

Nesse momento ele tapou meus olhos por alguns segundos com suas mãos sujas e logo foi abrindo suavemente como uma cortina em um espetáculo teatral.

— Eu também me acostumei. Acostumei-me a acordar cedo e ver toda essa paisagem — disse ele sentado ao meu lado, em uma areia branca como neve, em frente ao mar mais cristalino e perfeito que eu já tinha visto em toda minha vida.

**COCKBURN TOWN. NO ARQUIPÉLAGO DAS
ILHAS TURCAS E CAICOS. CARIBE**

— **& para mim**, aqui é tudo tão quieto. Tão quieto que consigo ouvir minha própria respiração.

OSAKA. JAPÃO

— **Comparo** minha felicidade com aquela pequena estrela. Não que seja brilhante, nem romântica. Não que seja lembrada, nem citada. É que ambas estão longe; bem longe do meu alcance!

ABUJA. NIGÉRIA

— **Se eu souro?** Meus inúmeros calos nos
pés e feridas abertas no coração que o digam.

NOVA DELI. ÍNDIA

— **Tento esconder** debaixo deste Niqab não só meu rosto, mas minha história. Algo foi imposto para minha vida e não há como mudar — disse ela, mostrando apenas uma parte dos olhos e do seu queixo que, aparentemente, estava ferido.

— Como algo foi imposto? — disse contrariando-a.
— Você é a escritora do seu livro. Você presenteia quem você quiser com este exemplar. Comece presenteando a si mesma com uma dose de felicidade. O resto acontecel!

GUADAMÉS. ZONA OCIDENTAL. LÍBIA

— **Morar** nas ruas para mim é uma missão.
Não é para todos, e sim para os mais fortes escolhidos por Deus Vishnu.

CATMANDU. NEPAL



— **Me sinto** na proa de um navio. Aquele
que afunda sem qualquer piedade.

**LULEÅ. NO CONDADO DE NORRBOTTEN.
SUÉCIA**

— **Certa vez senti tanto frio**, mas tanto frio, que minha pele endureceu. Eu, como toda noite, tiro leves cochilos e aquela noite não foi diferente. Dormia em frente à sede de um antigo jornal falido. Acordei em torno de seis da manhã, deitado em um velho pedaço de papelão com um senhor me apalpando pelo corpo todo. “Ó pai do céu, ele está morto! Deve ter morrido de frio.” dizia ele. Até que ele começou a gritar: “Por favor! Por favor! Ajudem-me! Ele está morto!”. De forma sutil, eu abri os olhos e lhe perguntei: “Meu senhor, bom dia! O que te faz pensar que estou morto?”. Ele se assustou e saiu em disparada. Mas veja, de certa forma ele estava certo. Quando você vem morar nas ruas você acaba morrendo. Um pouco. A cada dia.

**ESTOCOLMO. PERTO DO MUSEU NOBEL.
SUÉCIA**

— **ξ nós homens** somos responsáveis por nossa própria perdição. Nós homens fomos responsáveis pela nossa própria separação. Por pensar assim, meus familiares Sunitas me colocaram nas ruas do maior País Xiita do mundo.

TEERÃ. REPÚBLICA ISLÂMICA DO IRÃ

— **Amar pessoas** pode fazê-las mudar.
Deixar de amá-las também — ele disse sozinho no
meio de uma imensidão de água cristalina.

**MALÉ. NO EXTREMO SUL DO ATOL
KAAFUL. ILHAS MALDIVAS**

— **Dançar nos metrô**s de Nova Iorque
para mim significa por alguns segundos esquecer
que não tenho onde morar.

**NO GRAND CENTRAL TERMINAL. NOVA
IORQUE. EUA**

— **Não faz qualquer** diferença para mim o que o futuro me reserva. A vida é como os Alpes. Pessoas lutam tanto para chegar ao topo que quando chegam lá em cima fazem questão de congelar suas próprias emoções — disse o ex- economista e ex-diretor bancário Suíço. Hoje, morador de ruas.

**MONTANHA MATTERHORN. NA
FRONTEIRA ITALIANA. SUÍÇA**

— **Desejaria que** a mudança fosse parte da rotina. E então, que a rotina fosse parte da minha vida.

**JÖNKÖPING. PROVÍNCIA DE SMÅLAND.
SUÉCIA**

— **Para quem dormia** noites e noites nas chamadas trincheiras, esta pequena caixa de papelão não é tão ruim — causticou aquele pobre senhor ex-militar russo.

SÃO PETERSBURGO. RÚSSIA

— **Eu carrego dentro** de mim um sentimento diferente. Tão diferente, que não é possível expressar, explicar, muito menos compreender.

**BRASOV. NA REGIÃO DA TRANSILVÂNIA.
ROMÊNIA**

— **Fazer cem anos** na Rua da Bainharia no Porto seria insólito! A virada de um milênio e/ ou a virada de um século assim como foi à virada da minha vida algumas décadas atrás — disse aquela senhora insossa e com muitas rugas, sentada em uma viela também magra e impressionável.

**ÀS ONZE E QUARENTA E CINCO. NA RUA
DA BAINHARIA. PORTO. PORTUGAL**

— **Uma irrisória** dose de rua como morada é mais anestésico que uma dose cavalariça de diacetilmorfina — disse o ex-médico andrologista, que hoje mora nas ruas frias do país ex-dinastia Piast.

CRACÓVIA. POLÔNIA



— & eu tenho orgulho em dizer que
não só moro na rua, mas na última rua do planeta!

**PROVÍNCIA DE RIO NEGRO. NA
PATAGÔNIA ARGENTINA**

— **& eu decidi** morar aqui, no meio do
nada onde posso ver de tudo.

CORDILHEIRA DO ATLAS. MARROCOS

— **Não mais morto** que cada gota de
água deste lago (mar morto), estão meus sonhos e
minha esperança!

AMÃ. JORDÂNIA

— **Eu? Morador de ruas?** Não! Eu
moro em um castelo, não está vendo?

**CASTELLO SFORZESCO. NA PIAZZA
CASTELLO 20121. MILÃO. NA ITÁLIA**

— **ξ** que esta névoa, fria e úmida,
um dia traga de volta a minha fé. Pois esta mesma
névoa, fria e úmida a levou de mim no ano de 1982
— disse o ex-detetive chefe do Reino Unido. Hoje,
viciado e pedinte em Leinster.

**LEINSTER. BANHADO PELO RIO LIFFEY.
IRLANDA**

— **Ser um sem** endereço para mim é quase como ser um mago do século IV antes de Cristo. Posso estar a todo o tempo em todos os lugares. Todavia, não consigo ler o que as estrelas dizem muito menos prever o que futuro nos reserva — disse o ex-físico, formado em uma das maiores universidades do Reino Unido. Hoje, morador de ruas.

CAMBRIDGE. INGLATERRA

— **“Solidão:** *um lugar bom de visitar uma vez ou outra, mas ruim de adotar como morada.*”. É! Henry Wheeler não estava brincando — disse o ex-proprietário de um badalado teatro Europeu. Hoje morador de ruas em Harlem.

HAARLEM. HOLANDA

— **Acho que meus** familiares pensam
que eu sou como Sócrates, ou seja, um simplório
veraneio.

TESSALÔNICA. GRÉCIA

— **Estes bulbos** de tulipas simbolizam muito para mim. Se tirar um tempo para si, e contar quantas tulipas há neste campo, terá a soma de duas mil, quinhentas e sessenta e quatro belas angiospermas.

— Puxa! Então quer dizer que o senhor passa os dias contando quantas tulipas há neste campo? — perguntei.

— Não. Passo os dias contando quantos dias estou nas ruas longe da minha família. E para sua surpresa, estou por aqui há dois mil, quinhentos e sessenta e quatro dias.

**GIETHOORN. PROVÍNCIA DE OVERIJSEL.
HOLANDA**

— **Mamma e Pappa** me proibiram severamente de vê-lo — disse Andrija. Uma senhora aparentemente muito culta e talvez uma das últimas apaixonadas do planeta.

Ele, que atendia pelas iniciais L. K. havia sido injustiçado e preso na Croácia após uma emboscada preparada pela família rica e tradicional de Andrija.

— Decidi então, partir e me comunicar por cartas — disse ela sorrindo, e tentando proteger os olhos com a mão esquerda do sol amarelo daquele dia grego. — Mas para isso, não poderia ter um lugar fixo de morada. Então, vim para as ruas da Grécia, lugar onde sonhávamos morar após nosso casamento, que não aconteceu. Eu escrevia e ele recebia na prisão. Nunca recebi dele, uma carta de retorno. Na verdade, nem sei se ainda está vivo. Mas vou escrevê-las até o último dia de minha vida.

— E eu posso ver o que está escrevendo neste momento? — perguntei já achando que receberia um “não” como resposta.

— Não deveria. Mas sim! Não vejo problema, até

porque está escrito em um idioma que certamente você não entenderá. Seria uma bela música tamburitsa, mas me falta talento para cantar. — Ela riu debochando de si mesma.

Realmente não entendi uma palavra sequer. Mas pelo seu sorriso, certamente algo muito bonito estava escrito ali.

**HERACLIÃO. CAPITAL DA ILHA E REGIÃO
DE CRETA. GRÉCIA**

— **Sonhando**, então, com o dia que vou deixar de escrever minha história nas ruas em um rascunho de papel amassado — disse o ex-artista plástico. Hoje, morador de ruas.

**TBILISI. ÀS MARGENS DO RIO KURA.
GEÓRGIA**

— **Eu buscava** uma palavra chamada afeto.
Encontrei na amizade deste cachorrinho. Como ele
mora na rua, então eu também moro.

CHICAGO. NO ESTADO DE ILLINÓIS. EUA

— **É o que eu mais quero** é encontrar o sol no meio destas nuvens negras.

— Nuvens negras? São 02h00 da tarde e estamos debaixo de um sol escaldante na costa do Golfo Pérsico — contrariei-o.

— Você está debaixo de um sol escaldante na costa do Golfo Pérsico, eu não.

ABU DHABI. EMIRADOS ÁRABES UNIDOS

— **Se eu tivesse** uma máquina do tempo?
Essa é fácil! Voltaria em meados dos anos sessenta para defender minha família que foi morta pelo exército francês — disse o ex-sócio e chefe de cozinha de uma grande rede de restaurantes de luxo argelino.

ARGEL. ARGÉLIA

— **Eu era apaixonado** por ela. Eu armênio, ela turca, filha de ex-combatente em pleno domínio soviético. Preciso dizer por que moro nas ruas? — disse o ex-apaixonado, não pela bela donzela que me contou, mas pela vida como me confessou minutos depois.

EREVAN. REPÚBLICA DA ARMÊNIA

— **Vim para cá** achando que as coisas
seriam mais fáceis. Ah! Doce ilusão!

TOWNSVILLE. AUSTRÁLIA

— **Ser Xiita** em um país em maioria Sunita,
é o mesmo que pedir para ser escorraçado, apagado
ou esquecido da sociedade.

RIADE. REINO DA ARÁBIA SAUDITA

— **Nunca me interessei** muito por arte. Um belo dia, um dos poucos ensolarados por aqui, eu fui pedir comida em um estúdio de artes ali aos arredores de Hutteldorf e fui brutalmente aviltado.

— Pelo simples fato de pedir algo para comer? Que absurdo! — disse eu irado!

— Não! Não... Sem querer, esbarrei-me em um quadro que estava por ali. Ele caiu ao chão e uma lata de tinta caiu sobre nós. Quando fui tentar me levantar rapidamente, derrubei sem querer outra lata de tinta sobre a mesma tela. O quadro de milhares de euros ficou irreconhecível e fomos escorraçados de lá, eu e a obra prima. Acabei pegando gosto, e a partir daquele momento não parei mais. Hoje, sou artista de rua. Minhas obras são como aquela: expressam o que sentimos nas ruas. Vendo e então tenho o que comer.

VIENA. SCHLOßSTRAßE 47. ÁUSTRIA

— **Aqui é o único lugar** no mundo,
que nós moradores de ruas comemos caviar — disse
o ex-engenheiro com certo asteísmo.

BAKU. AZERBAIJÃO

— **Fui um dos** fundadores de um movimento político de oposição ao governo no país. Em meados de 2006, pedimos investigações às Nações Unidas em suspeita de que um agrupamento secreto do governo foi conspirado para alimentar as tensões sectárias e fraudes em resultados das eleições legislativas e municipais. Até que a sentença saia de julgamento, decidi protestar e morar nas ruas, tudo isso pelo meu país! — disse o advogado e cientista político.

MANAMA. BAHREIN

— **Não sou minoria** na República da Bielorrússia por ser um andarilho. Sou minoria por ser judeu sobrevivente ao Holocausto que mora na República da Bielorrússia — disse aquele senhor com rosto enrugado e ar pejoso.

**MINSK. BELARUSIAN GREAT PATRIOTIC
WAR MUSEUM. BIELORRÚSSIA**

— **A porta de saída** das ruas para mim
é algo fácil de encontrar. O maior problema é al-
cançar a fechadura para abri-la.

NO PAÍS DOS BÁLCÃS. SÓFIA. BULGÁRIA

— Já fomos considerados o país mais corrupto do mundo. Já fomos considerados o sétimo país mais pobre do planeta, pois temos 80 por cento da nossa população abaixo da linha da pobreza. Mas nada é tão dolorido como dormir em um lugar eivado e empoadado como esta rua que estamos sentados — disse o ex-mestre de obras. Hoje morador de ruas.

**NO CENTRO-NORTE DA ÁFRICA. EM
JAMENA. REPÚBLICA DE CHADE**

— **A vida nas ruas** é como reger uma grande orquestra. A única diferença é que aqui, não há qualquer sincronia entre os instrumentos — disse o ex-primeiro regente da orquestra sinfônica nacional dinamarquesa.

**COPENHAGUE. VESTERBROGADE 3.
DINAMARCA**

“Nunca deixe sua família!” — era o que estava escrito naquele papel branco amassado que recebi daquele suposto vidente eslovaco. Ele era na verdade, ex-estudante da Academia de Música e Artes de Bratislava e para mim, uma das pessoas mais incríveis que já conheci. Ele usava uma caneta simples, sem tampa. Precisou rabiscar com força algumas vezes para fazê-la pegar em um pequeno papel amassado.

Perguntei o porquê daquela frase e para minha surpresa, aquele pobre homem me confidenciou que escrevia o mesmo para todos que passavam por ali!

Entenderam o porquê?

**MONTE GERLACHOVSKY. NO PICO MAIS
ALTO DOS MONTES TATRAS. ESLOVÁQUIA**

— **ξ** toda manhã, quando o sol brilha
as montanhas dos Pirenéus, eu logo penso: lá vêm
elas novamente, as mesmas vinte e quatro horas
de sempre.

BILBAO. PAÍS BASCO. ESPANHA

— **Uma palavra** que resume minha vida?
Penumbra.

— Uma palavra que o senhor gostaria que resumisse
sua vida?

— Transformação!

BARCELONA. CATALUNHA. ESPANHA

— **Meu pai** morreu de frio nas ruas alguns anos atrás. Hoje, ao invés de pedir dinheiro ou comida, eu peço casacos e cachecóis.

**PRÓXIMO AO PARQUE DE DIVERSÕES
LINNANMÄKI. HELSINKI. FINLÂNDIA**

— Tome! — disse aquele pobre senhor apaixonado pelas águas de Mônaco.

— Tome o quê? — perguntei.

Ele juntou as mãos, esfregando-as como se estivesse esquentando-as em um dia de inverno, e quis me dar algo.

— Tome. Vamos...

Eu estendi as mãos como se fosse ganhar um punhado de guloseimas e ele complementou:

— Isso se chama paz. Por favor, passe a alguém...

**MÔNACO. PLACE DU CASINO 98000. NO
SUL DA FRANÇA**

— **Eu ainda vou** ganhar milhões nessas máquinas. Só preciso que me deixem entrar para jogar! — disse ele sorrindo sem nenhum dente na boca. Com um casaco cinza todo sujo e barba branca.

— E o que vai comprar com milhões?

— Um barbeador.

LAS VEGAS. EUA

— **A beleza** de qualquer guerra termina na primeira gota de sangue que cai ao chão — disse o ex-advogado e ex-ativista coreano.

Quando falávamos da guerra da Coreia nos anos cinquenta.

SEUL. COREIA DO SUL

Vinte e cinco

EDUARDO ALMEIDA

— Claro que minha fixação por moradores de ruas não vem de uma simples aposta — disse enquanto jantávamos em uma mesa oblíqua e bamba, devido a um pé de madeira quebrado na cozinha obtusa do albergue.

Ao meu lado Barbara, acariciava minhas pernas com seus pés descalços. Tony e senhor Gérard estavam sentados me esperando falar. McWeber sentou-se à esquerda pouco depois e começamos a conversar.

— Quando fiquei órfão, após a morte de meus pais, claro, em um acidente de helicóptero causado propositalmente, fui parar nas ruas. Sem amigos, parentes, nem nada parecido. Fui ajudado então, por moradores de ruas de vários locais do Brasil.

— O acidente foi proposital? Por quê? — perguntou Barbara.

— Meus pais eram empregados de um grupo de milionários, donos de uma mineradora na América do Sul. Um dos donos e acionista era um tal porco, filho da puta, chamado João Couto, mais conhecido como senhor Couto. Esse imundo patife precisava transportar dois de seus sócios, que eram seus irmãos,

inclusive, para uma fazenda no interior de Minas Gerais. Onde iriam participar de um evento da mineradora. Era tudo uma grande armação...

Senhor Couto desejava ser o dono e acionista majoritário do grupo Ore-North, e se encarregou de tudo. Em um helicóptero voava ele e sua família — mulher e uma filha, até então. No outro helicóptero, dois acionistas que também eram seus irmãos, e mais três empregados: minha mãe que era babá de sua filha, meu pai que era motorista da família e mais uma cozinheira. Quem desconfiaria que aquela cena fosse um acidente armado, uma vez que havia mais pessoas no mesmo helicóptero que não tinham nada a ver com as ações do grupo? Pois é, ninguém!

Ele já tinha forçado o suicídio de outro irmão anos atrás e sustentava tanto o peso leve na consciência como os luxos dos coronéis da polícia brasileira.

TONY MITHFIELD

Enquanto Eduardo contava o porquê viajava o mundo à procura de moradores de ruas eu pude me lembrar dessa história brasileira. *Foi um escândalo na época* — pensei.

Eu era muito pequeno, mas já tinha o sonho de ser um agente da Interpol. Meu pai, da divisão da polícia do Reino Unido nos contou algo sobre enquanto jantávamos em um dia de inverno. *Claro! O grupo Ore-North, aquela mineradora sul-americana em escândalo...* — me vinha à memória.

EDUARDO ALMEIDA

— O helicóptero caiu no meio do nada sem chance de qualquer busca chegar a tempo de salvá-los. Destroços e pedaços humanos foram encontrados dias depois. Lembro-me da última frase de

senhor Couto na época quando um dos empregados perguntou o que fazer comigo, afinal, eu era filho dos empregados que morreram: “Sei lá o que fazer com esse menino... Jogue-o na rua se for o caso.”, e foi assim que eles fizeram.

Aquele porco velho imundo e asqueroso nem esperou passar a missa de sétimo dia dos meus pais para me jogar ao relento. Minha vida mudou rápido, do dia para noite; e pra pior.

Sete dias anteriores ao acidente meus pais me acordavam com um beijo amoroso na testa como todos os dias para ir à escola com o café da manhã pronto na mesa ovalada de nossa cozinha nos fundos da mansão dos Couto. Os lençóis de seda clássica, a cama Monarch com três mil molas, o travesseiro de plumas de aves ornamentais indianas, a escrivaninha de madeira clara, a tevê que tinha no meu quarto eram “presentes” dados pelos patrões. Eles trocavam de móveis a cada seis meses e seus lençóis pareciam ser descartáveis. Sempre que o senhor Couto ordenava que os funcionários tirassem os móveis e colocassem os novos, pois os caminhões já estavam no grande jardim, os próprios empregados dividiam entre eles a mobília velha.

No meu quarto, uma tevê de led de 50 polegadas me fazia ser o maioral na escola pública. Levava muitos amigos em casa para jogar Playstation — eu era um dos únicos no Brasil que já tinha o Playstation — e por essas e outras as meninas queriam me namorar. Coisa de criança.

Na missa de sétimo dia eu completava uma semana nas ruas. Na igreja Matriz, tive que entrar escondido pelos fundos para ouvir com o rosto retesado o padre Nicolas Kozuchowska — que diziam ser um foragido Polonês acusado de pedofilia na Polônia — esquecer-se de mencionar os nomes da minha mãe e do meu pai.

As portas da igreja são abertas para o público, mas não para moradores de ruas. Geralmente eles pensam que os moradores

de ruas entrarão lá para roubar. Mas roubar o que? Um banco de madeira envernizado pregado ao assoalho? Acho que eles se esquecem que quem rouba a igreja veste batina e reza uma homilia insuportavelmente demorada.

Olhei de forma furtiva para o relógio que tinha no bolso do shorts sujo. O mesmo há uma semana. Era hora daquela merda de missa acabar.

Da porta secreta de madeira vazada atrás do trono do mártir e santo cristão, Diocleciano, onde eu me escondia, pude ver na primeira fileira senhor Couto e sua família. Ele limpava os olhos com um lenço preto e vestia terno e gravata. Enquanto ninguém, além de mim, estava olhando, ele molhava os dedos sujos na garrafa d'água pequena e passava nos olhos para simular um choro verdadeiro.

Lágrimas de crocodilo.

Repulsa!

Os fotógrafos e repórteres o cercaram na saída da igreja com holofotes e microfones de ultima geração. Ele se incomodava com a multidão o espremendo e amassando seu terno italiano. Ele dava tapinhas no ar olhando para trás fazendo sua filha andar depressa para o carro que estava parado em local proibido; não para os Couto.

Logotipos de grandes e importantes canais de tevê do mundo todo estavam naquele dia no litoral. Ele abraçava sua mulher, que não tinha culpa de nada; entraram no carro preto e saíram fritando pneu, zigzagueando pelas ruas do centro.

Passei cerca de cinco anos nas ruas pedindo esmola, passando fome, dormindo ao relento; e juntando toda minha ira contra o senhor Couto e o grupo Ore-North.

Enquanto pedia dinheiro no semáforo aprendi a fazer malabares, no Brasil alguns artistas de ruas fazem malabares em troca de moedas no semáforo, e ganhava algumas pratas. Tudo

o que eu ganhava, gastava com livros comprados em sebos. Até que um dia, enquanto descansava descalço sentado na sarjeta de uma praia bonita, que mais parecia o posto 9 da praia de Ipanema, um casal de turistas passou com um carro grande e alugado e me chamou acenando com as mãos. *Putá merda, o que eles querem?* Fui até o carro enquanto o semáforo estava vermelho, pois achei que ganharia algumas moedas.

Eu lia um livro do Paulo Coelho, autor brasileiro, e me perguntaram se eu gostava de ler em Inglês. Eu não respondi muito certo, pois não entendi muito bem o que eles falavam. Soltei um “yes, sir” e eles sorriram me dando alguns livros em Inglês que tinham no banco de couro de trás do carro.

Meses depois, eles retornaram ao local para me procurar, e ao me encontrar, perguntaram se meu Inglês estava melhor. Novamente eu respondi “yes, sir”.

Fui levado para um abrigo e adotado pela família Maddon meses depois.

Dormi um sono tranquilo na minha primeira noite na casa dos Maddon. Ainda deitava de barriga para cima, vício de dormir nas ruas com medo de baratas passarem na minha boca, e eles me assistiam dormir.

Construíram um quarto enorme na casa nova em um bairro tranquilo em Cambridge. Lá eu tinha Gameboy, Playstation 2, e uma cesta de basquete — esporte que peguei gosto nos Estados Unidos.

A casa era linda, uns 350 metros de área construída em concreto, com um grande gramado na frente e um quintal com balanço e outra cesta de basquete ao fundo. Com uma garagem para três carros ou mais, aproveitaram muito bem esse espaço e preencheram com exatamente dois carros novos, um Troller vermelho e uma Yamaha off road.

Eles tinham dois cachorros, Toby e Smoke. Ambos bulldogs. Um branco outro preto. Eram irmãos.

Havia uma biblioteca enorme que compunha a sala de leitura onde Dr. Clarck passava a maior parte do tempo. Fizeram questão de colocar vários livros brasileiros e em português para eu me sentir em casa, como: “A Arca de Noé”, de Vinicius de Moraes e “O Gênio do Crime”, de João Carlos Marinho.

Contrataram um tradutor e um professor particular de inglês exclusivamente para me assistir. Eles tinham condições financeiras, mas não tinham condições de engravidar. Dra. Maddon tinha endometriose, Dr. Maddon tinha varicocele. Um casal premiado.

Mellissa Maddon, minha mãe adotiva era advogada, culta e elegante. Clarck Maddon, meu pai adotivo, era doutor e professor de Economia em Harvard, onde também estudei e me formei com vinte e dois anos. E depois com vinte e cinco em um curso de especialização em Negócios Internacionais.

À essa altura eu já era contratado pelo grupo Ore-North nos Estados Unidos, na sede americana em Cambridge. Entrei como estagiário na área fiscal em um programa para jovens com apenas quatorze anos.

Eu me tornei um poço de rancor, ódio, cólera e qualquer outro sinônimo de ira para com o grupo dos Couto escondido por um belo sorriso branco. Não queria trabalhar na Google, Disney, Apple ou FBI como meus colegas de colégio, queria trabalhar no grupo Ore-North para me vingar daquele filho da puta.

Seria difícil crescer no grupo com tantos bons profissionais pelo mundo todo. Tinha que fazer algo diferente, mas o quê? Bom, a feira de criatividade anual do grupo seria realizada no final daquele ano e eu precisava pensar em algo para apresentar, pois eu tinha me inscrito sem pensar no que faria.

Eu tinha um professor em Harvard com fama de doido. Ele era americano e morou muito tempo na Grécia onde fez doutorado em Metafísica, Astronomia e Robótica. Ele era absurdamente tan-tan, lélé da cuca. Andava curvado com as mãos para trás assistindo seu próprio caminhar bizarro pelos corredores da universidade. Seu nome era John Golstein e devia ter uns 60, 62 anos; não mais que isso.

Ele era careca, baixinho, parecia não gostar de tomar banho e cheirava pênis sujo. Senhor Golstein repetia no fim de qualquer frase “Ô pessoal.”. Era engraçado, pois se você pedisse para ir ao banheiro ele respondia: “Pode ir, pessoal.”, mesmo você sendo uma pessoa só. Ele era acusado de pagar garotas da universidade para ficarem nuas na sua frente enquanto ele cheirava suas partes íntimas. Era só isso que ele conseguia fazer com mulheres. Mas isso nunca foi comprovado.

A universidade tinha medo de perdê-lo, pois ele tinha o melhor currículo acadêmico da história da humanidade. Com apenas vinte anos, já era pós-graduado em Matemática na Universidade da Califórnia.

Em um dia quente em Harvard, ele nos deu uma aula intragável sobre a essência do mundo e o mercado de ações. Mais da metade dos alunos saíram da sala para se embriagar e fumar algumas ervas atrás da árvore milenar no gramado da frente. Eu tive que ficar.

Quando ele começou a explicar o mercado de ações americano tive um estralo na mente. Tá aí! — pensei.

Eu aprendi a aplicar na bolsa de valores no colégio — a educação americana é bem diferente da nossa no Brasil —, enquanto estava com doze anos, acho. E todo o dinheiro que ganhava nos bazares e vendendo suco de frutas tropicais na vizinhança eu pedia para meu pai aplicar na bolsa. Era muito burocrático, e de difícil acesso para alguns, então, criei um aplicativo que na

época era novidade, para que qualquer pessoa pudesse investir nas ações da Ore-North. Apresentei o aplicativo na feira de criatividade do grupo e ganhei em primeiro lugar na categoria “Criatividade Executiva”.

Funcionava da seguinte forma: cada investidor tinha o seu perfil customizado. Assim, eu criava fidelidade. Fiz uma versão de teste para cada investidor, desses que investiam na bolsa de valores pela primeira vez, e eles adoraram. Após o primeiro investimento não paravam mais de investir. A versão teste foi baixada por quatro milhões de pessoas em menos de quarenta minutos. Era a bolsa de valores chegando para as pessoas comuns do mundo todo.

Eu oferecia benefícios e não características. “Invista na Ore-North sem sair de casa.” — era nosso lema. Impulsionávamos ofertas durante vinte e quatro horas: “Quem investir cem dólares até a meia noite...”, e oferecíamos um pacote de benefícios. Toda informação era computada e armazenada em um banco de dados onde em alguns minutos tínhamos o perfil detalhado de cada investidor. Assim, ficaria fácil oferecer o que cada investidor precisava.

Eu previa algumas perguntas baseadas em testes das aulas de Economia da universidade e dicas dos livros de tese do meu pai, então, o próprio aplicativo respondia as perguntas dos investidores de primeira viagem e os estimulava a investir pela primeira vez.

Bingo! Eu tinha a faca e o queijo na mão!

Com a venda do aplicativo, ganhei meu primeiro milhão de dólares em dezoito horas com dezessete anos. Tornei-me um filão lucrativo amado por todos aqueles que queriam uma fatia do meu sucesso. Meus pais se encheram de orgulho e eu, fiquei milionário em poucos meses.

Em uma semana chuvosa de verão em Agosto, cheguei a

faturar dez milhões de dólares por dia. E não me contentava: “Por que não ganhei VINTE milhões de dólares por dia?”. Eu sempre fui fascinado por desafios, espero ser desafiado pela vida até meu último suspiro.

Senhor Couto convocou uma reunião comigo após a feira de criatividade. Agradeceu-me pela dedicação ao grupo que de uma simples mineradora sul-americana, estávamos nos tornando a segunda maior do mundo. Deu-me um aumento, novos cargos, até que assinou minha eleição para vice-presidência. Pois é, um ex-morador de ruas então vice-presidente da Ore-North.

Aquele porco encarvoado e indigno morreu sem saber que eu era aquele menino que um dia ele expulsou de sua mansão direto para as ruas no Brasil. Na empresa, sempre usei meu nome de adoção, Eduardo Maddon, e não Eduardo Almeida.

BARBARA KEMPSSON

Limpava as lágrimas enquanto Eduardo contava sua história. Era uma história fantástica! Embora ele tivesse guardado rancor por anos e quisera se vingar de pessoas que o fizeram mal, eu não conseguia julgá-lo. Sei lá, tinha mais vontade de estar com ele do que qualquer outra coisa. Não acredito que tenhamos que nos distanciar de nossos verdadeiros sentimentos. Para mim, o amor é a aproximação de duas histórias díspares e modificadas durante os anos que não podem deixar de se encontrar, nem que por uma só vez em cada vida.

Coloquei mais suco em seu copo, ele adorava suco de laranja, sem açúcar e com pouco gelo. Sabia como era difícil perder um ente querido. A morte prematura do meu papa não foi nada fácil para nós. Tínhamos onde morar, e ainda temos, mas não temos nosso papa chegando tarde após um dia de pesca com cheiro de peixe e sorriso largo em seu rosto grande.

Não sei como lidar com essas coisas, não sei o que dizer quando alguém perde os pais. Acho que uns tapinhas lamuriosos nas costas e um morder de lábios cairia muito bem naquele momento.

— Não, não se preocupem... — disse Eduardo. — Hoje estou bem, tudo passou. Tudo isso que corroeu por anos meus sentimentos mais bonitos de criança inocente fizeram eu me tornar imune aos sorrisos falsos dos engravatados. Isso me ajudou estar onde estou.

Montei outro sanduíche para ele; que comeu mesmo que sem vontade.

É um vício acho, pedir para alguém comer algo ou beber água quando achamos que aquela pessoa está triste. *Um sanduíche e água mineral não trarão sua alegria de volta* — pensei.

— Está suculento — ele disse com um sorriso.

Vinte e seis

BARBARA KEMPSSON

Matei aula pela primeira vez na minha vida. Eu não precisava ir àquela aula sobre Albrecht Altdorfer e a escola de Danubio. Deve ser isso que todos os assassinos de aulas pensam.

Eduardo era encantador. Ele me ouvia toda vez que eu queria falar sobre meus sonhos. Esse era o segredo, eu acho.

Eduardo sabia cada gesto meu. Cada trejeito do meu rosto. Cada parte do meu corpo. Ele sabia me tocar. Sabia me cheirar. E onde cheirar. Sabia misturar a minha fria história com sua história quente. Sabia lembrar-se do nosso primeiro beijo na hora certa, no dia certo e no local certo. Sabia que eu o esperava acordar na cozinha do albergue e sabia que eu queria um abraço seu por trás, cheirando meu pescoço até beijar o canto da minha boca onde ele sempre mordida. Se ele me falava “Bom dia?”, sei lá. Quando ele entrava na cozinha eu não ouvia mais nada.

Ele sabia que eu não gostava de dormir cedo; e que sempre depois de gozar, eu gostava de relaxar respirando ofegante deitada no seu peito fazendo bolinhas com seus poucos pelos. Ele sabia que eu gostava de acariciá-lo com as unhas na sua barba

rala, que ele fazia questão de deixar rala. Ele sabia perguntar como foi meu dia nas aulas de Artes, se eu precisava de ajuda na cozinha, se eu precisava dele. Pergunta que eu nunca soube responder. Talvez eu precisasse de você, mas não no albergue. Talvez precisasse de você para a vida toda.

Ele sabia que eu sabia que ele me amava e eu o amava. Ele sabia que eu sabia que ele partiria em poucos dias e eu sabia que eu também.

Queria por para fora tudo aquilo que sentia. Queria poder misturar as histórias não só na memória. Queria por para fora o coração pulando, a mão suando, a perna bambeando... Então lhe pintei uma tela.

Com tintas especiais e ao luar, pintei um corredor escuro, duas sombras nas paredes de pessoas caídas no chão, uma luz no fim do túnel, que só consegui o efeito que queria no dia seguinte, e utilizei pouca cor. Havia duas luzes em cada ponta da tela, uma seria o caminho do normal, de onde eu vinha. A outra seria uma luz radiante, para onde ele me levou, para a luz do amor.

Que vergonha — pensei.

Vergonha eu deveria ter por nunca ter conseguido amar ninguém.

Ele bateu com os dedos na escada anunciando sua chegada:

— Posso entrar? — *Claro, não há portas no sótão*, pensei.

Ele entrou naquele cômodo sete por nove com piso de madeira velha, poeira; com uma geladeira de acrílico esmaltada sem motor e muita velharia. Ali era onde eu passava a maior parte do tempo no albergue antes de ele chegar. Eduardo me convidou para jantar naquela noite e eu logo aceitei.

— É uma tela nova? — perguntou ele tentando olhar por cima de mim o que eu pensava que escondia com meu corpo pequeno. — Posso ver?

— Não é nada demais, é uma tela boba... — resmunguei desviando o olhar para o piso de madeira carunchada. Meu rosto queimava de vergonha. Fiquei da cor do meu cachecol preferido e ele percebeu.

— Isso quer dizer que eu posso ver, certo? — Ele sorriu.

Dei um passo para a esquerda e era só o que eu conseguia, pois minhas pernas bambeavam sem qualquer controle do meu cérebro.

— Você pintou o que eu penso que pintou? — ele perguntou me envolvendo nos seus braços.

Não consegui responder. Faltaram palavras. Sobraram lampejos.

EDUARDO ALMEIDA

Ela respondeu com um sorriso trêmulo tirando o cabelo da boca que descuidadamente caía sobre seu rosto. Percebi que não era só eu que sentia algo diferente e já me via dizendo adeus para todas as garotas que me esperavam voltar ao Brasil para ficar com uma só, para o resto de minha vida.

Beijamo-nos demoradamente. Eu a esquentava e ela me esquentava. Confesso que às vezes inventava que estava sentindo frio só para ver seu sorriso chegando mais próximo de mim e sentir o cheiro do seu cabelo.

BARBARA KEMPSSON

Ele devia me achar uma maluca, uma vadia... Uma garota com parafuso a menos. Nem nos conhecíamos direito e me entreguei toda para ele. Entreguei-me para um sentimento que estava me queimando por dentro.

Eu sei lá... Via-o acordar pela manhã com aqueles olhos de menino pequerrucho, aquele cabelo bagunçado, barba por

fazer, calça de pijama amassada e com o peito de fora, e a minha primeira reação era querer abraçá-lo; tanto para sentir seu corpo no meu como o proteger do frio de Paris.

Ele me despertava. Despertava um sentimento congelado como a Islândia. Raro como as baleias de Omura, que papa sempre comentava. Algo que sei lá... Algo que eu não sabia explicar. E não queria explicar. Queria viver, só, e basta!

EDUARDO ALMEIDA

Ela devia me achar um perfeito canalha, desses que viaja o mundo e em cada parte do planeta tinha uma namorada. Ela realmente não sabia de nada. Ela não sabia que eu fazia planos para tê-la comigo pelos próximos cem anos. Sei lá... Estava acostumado a transar e me virar para o outro lado da cama para enviar uma mensagem de texto para outra garota dizendo que ia me atrasar só um pouquinho. Mas as coisas foram mudando, de uma hora para outra...

De uma hora para outra comecei a incluí-la nos meus sonhos, na minha família, na minha vida. Pensava em levá-la para conhecer meus pais adotivos — que foram mais que pais para mim — nos Estados Unidos. Em apresentá-la para a vizinhança onde morava no Brasil, e já explicando que ela ainda não falava português. Em acordar todos os dias com ela me dizendo: “Bom dia.”.

BARBARA KEMPSSON

Ah! Eu e minhas manias de falar comigo mesma — pensava.

Ele nem deveria ficar assim, pensando em nós como eu ficava, pintando quadros em um sótão de um albergue. Já pensava em enviar cartões-postais para o Brasil só para não deixar de escrever seu nome onipresente em mim a partir de

um esbarrão. Ele era um cara importante; atarefado. Disse ser solteiro e provavelmente era por isso. Não poderia me enganar e achar que o final seria lindo igual a um conto de fadas. Achara que eu ia sofrer quando ele fosse embora. Mas dizem que o amor verdadeiro não te faz sofrer, então, deveria lembrá-lo para sempre em uma tela pintada e vendida por cem euros; no meu coração.

EDUARDO ALMEIDA

Perdi a conta de quantas garotas eu beijei. Duzentas, trezentas, sei lá... E não consigo me lembrar do nome de nenhuma delas. Com Barbara era diferente. Parecia que eu já sabia seu nome antes de lhe conhecer.

Precisava parar de pensar feito um adolescente!

Ah se ela descobrisse que quando ela acordava — ela sempre acordava mais cedo que eu —, eu passava horas cheirando o seu travesseiro.

BARBARA KEMPSSON E EDUARDO ALMEIDA

Por menos pensar, e mais fazer... Temos poucos dias — pensei.

Vinte e sete

EDUARDO ALMEIDA

Balões estouravam e serpentinas caíam do teto diretamente sobre o rosto de Barbara; atrapalhando sua maquiagem. Ela ria feito uma criança e parecia não se importar. Cada criança naquele espetáculo ganhou um balão na entrada do teatro. Barbara, com mais de vinte e cinco anos implorou para que eu pedisse um balão para ela. Estava envergonhada. Pedi um beijo em troca, ela deu.

Uma linda criança saiu detrás da cortina vermelha, ajustou o microfone e disse com voz doce:

— Boa noite, senhoras e senhores. Bem-vindos ao espetáculo do orfanato Ludmilla Tchérina.

— Que fofa! — disse Barbara com a cabeça recostada no meu ombro direito enroscando sua mão na minha.

Ela era doce. Inocência de criança pairava no ar. A pequena recitava o texto que estava guardado em sua pequena cabecinha como uma bela poesia de Théodore de Banville.

Senhor Gérard ao meu lado esquerdo parecia outra pessoa. Com a barba feita — meio torta — ouvia de forma impecável.

Esses anos todos sem fazer a barba com uma lâmina decente, fez com que sua coordenação motora se esquecesse como era deslizar e tirar os pelos da face. Com o cabelo limpo e penteado para direita, sapatos de verniz e uma camisa branca recém-pas-sada ouvia com atenção o que a doce criança anunciava. Sua jaqueta de lã preta estava cobrindo suas coxas e escondendo ao mesmo tempo sua misteriosa caixa de madeira.

Eu tentava me concentrar na apresentação do espetáculo que havia começado, mas o perfume de Barbara me distraía. Eu acariciava suas mãos com as minhas para mantê-las quente enquanto ouvia McWeber e Tony caçoarem baixinho: “Tá namorando! Tá namorando!” fazendo coraçõezinhos com as mãos. Levantei o dedo maior para fingir coçar o ouvido; eles entenderam o recado.

À minha frente havia uma mulher com uma criança no colo. A criança era linda, com cachos castanhos claros e olhos cor de mel. Ela mais queria ficar de pé com seus poucos centímetros de altura apoiada nas pernas de sua mãe e olhando para trás do que assistir ao espetáculo.

— Como se chama, neném? — perguntou Barbara acariciando seu rosto angelical com as mãos.

A mãe respondeu com voz fina:

— Eu me chamo Louise D’Arvieux. — E sorriu nos cumprimentando com as sobranceiras.

A doce criança com macacão verde e vermelho, meias até os joelhos e uma sapatilha preta que apresentava o espetáculo, disse ao microfone enquanto as cortinas se abriam novamente que aquela era uma homenagem e releitura de um dos três balés de Tchaikovsky, estreado em 18 de dezembro de 1892 em São Petersburgo — o “Quebra-Nozes.”. O dinheiro arrecadado seria destinado para as despesas do orfanato. Senhor Gérard nos surpreendeu ao escolher assistir essa peça.

A criança curvou-se e saiu de cena. As mesmas cortinas se fecharam e se abriram novamente. Como em um passe de mágicas o cenário estava montado. As luzes se apagaram. E o espetáculo começou.

As falas dos personagens entravam pelos ouvidos do senhor Gérard, mas seu cérebro parecia não organizá-las dentro de sua cabeça. Um emaranhado qualquer de palavras sem sentido. Ele parecia sentir não exatamente languidez, mas medo. Passava a mão a todo o tempo em seu cavanhaque meio torto, limpando o suor que escorria pelo contorno de sua boca. Ele parecia ter tentado abrir uma porta com uma grade soldada a estanho por horas. Suava. E limpava seu suor ora com as mãos, ora com a jaqueta.

Poucos metros de distância havia um casal de crianças gêmeas, com pouco mais de quatro anos. Eles estouravam seus balões e sorriam. O som do estouro dos balões não estimulava senhor Gérard a piscar os olhos.

Decidi tentar me dispersar.

Pensava em fazer uma doação para aquele orfanato após o espetáculo. Um milhão de dólares, talvez, abatidos nos impostos do Brasil que faziam qualquer um arrancar os cabelos.

No canto extremo esquerdo do grande teatro estavam os camarotes. Todos os funcionários daquele orfanato e voluntários estavam ali sentados. Senhor Gérard paquerava uma senhora com cara de boa avó; o peguei várias vezes olhando para aquela direção. Um par tão desigual, daria certo? Sim, por que não?

No canto extremo à direita havia uma grande orquestra tocando ao vivo. Grandes contrabaixos e harpas, uma fileira de oboés e fagotes totalmente sincronizados e afinados. Serviam-nos quitutes nas fileiras cheias de espectadores: barquinhas de abacate com camarão, quiche de leite de cabra e tomates cereja. Para as crianças croissants com doce de leite puro e pipoca tradicional.

— Às vezes em uma fração de segundo um clarão brilha seus olhos, domina seu corpo e inibe você de enxergar um palmo plano à sua frente. Você torce para ser algo da sua imaginação, mas não. É um desafio. O desafio consiste em uma escolha. Uma escolha que só você deve fazer e deve ser certa. — Ouvia o senhor Gérard sussurrar ao pé do meu ouvido enquanto o espetáculo acontecia e chamava a atenção de todos.

— Como é?

— É como escolher um curso na universidade. Você tem que estar certo que é aquilo realmente quer. Ou se casar, você tem que estar certo que aquele é o amor da sua vida. Não, é pior. É muito pior... Às vezes na vida temos que fazer escolhas, e essas escolhas devem ser certas — repetiu o senhor Gérard abafando a voz com a mão direita.

— A vida é a escolha, senhor Gérard — respondi. — Nós escolhemos viver, certo?

— Eu escolhi me esconder. Esconder-me atrás de uma cortina de seda barata por quase trinta anos e você me fez escolher aparecer aqui, hoje, abrindo essa cortina e dizendo “Olá”. Sendo então, o prelúdio da minha reencarnação após meu doloroso suicídio emocional.

— De quem se escondia?

Ele direcionou os olhos para o chão, meneou a cabeça; tomou fôlego e suspirou olhando as luzes imponentes do teto do teatro Olympia.

— Era uma manhã linda, 22 de setembro de 1984 e eu chegava em casa com meu motorista e dois seguranças. Eu tinha um jardim enorme com coleções e mais coleções de orquídeas e bromélias de todas as partes do mundo. Um chafariz branco feito de pedras de vales suíços. As mesmas pedras, mas mais raras e com outros formatos eram distribuídas pelo chão, desenhando as iniciais do meu nome “JPA”.

Na hora eu percebi que algo estava errado e o interrompi mesmo sabendo que é falta de educação. Barbara soltou suas mãos das minhas para trocar as lentes da câmera fotográfica. Um dos lanterninhas pediu para que ela tirasse fotos sem flash; ela concordou.

— Mas teu nome é Gérard, certo? Gérard com a letra “G”. “G” de garrot, gâteau...

— Não. Este é o nome do um matemático que estudei na época do colégio que gostava muito. Sou, na verdade, Jean-Paul Anzavour. Ex-sócio proprietário do grupo Anzavour.

Cocei a têmpora e falei um pouco alto. Barbara me cutucou com o cotovelo na costela e me devolveu sua mão:

— Como é? Aquele grupo...

— Shiu! — ela disse.

— O quê? Aquele grupo francês que faliu anos atrás após um escândalo? — perguntei baixinho.

— Na verdade, não faliu. Apenas mudou de nome após alguns sócios terem se juntado e arrebatado o grupo a preço de banana. Mas, sim; esse mesmo.

Ele limpou a garganta com três tossidas. E ainda com a voz arranhada começou a falar tirando do bolso da jaqueta velha um cigarro apagado e o colocando entre os dedos.

— Um funcionário meu abriu a porta direita do passageiro — disse ele com um suspiro e uma pausa necessária. — Onde eu costumava sentar, sempre do lado do passageiro, e pude ver minha bela ex-mulher, Claudine, no alto dos doze degraus atrás do chafariz segurando em seus braços o grande amor da minha vida, minha filha, Sophie, com apenas três meses de vida. Corri para abraçá-las e senti algo diferente. Eu havia ficado dias enclausurado em um de meus escritórios que achei que tinha esquecido o cheiro da minha mulher. Olhei dentro de seus olhos e lá estava escrito algo que não pude ler naquele

momento, mas que em seguida, leria com uma lente de aumento super potente.

Ainda estávamos assustados após a tentativa de assalto que sofremos na semana anterior àquele dia. Foi tudo muito rápido e muito estranho. Eles sabiam onde estaríamos, o horário que estaríamos e o porquê estaríamos voando para St. Moritz, na Suíça. Eu tinha uma casa de campo no “teto da Europa” como era conhecida aquela região cercada pelos Alpes. Pequeno vilarejo, pouca agitação e muito sossego, mas não naquele dia. Aqueles ladrões eram de tirar o chapéu, dois deles pilotavam helicóptero e graças a Deus tudo passou sem nenhum arranhão.

Entrei em casa de mãos dadas com Claudine e pus Sophie em meu colo. Ela se aconchegou confortavelmente em meu ombro. Seus poucos fios de cabelo faziam cócegas no meu pescoço. Eu não me importava.

Oito da noite e o reflexo do céu salpicado de estrelas se misturava com as luzes da torre Eiffel, a qual víamos da nossa grande varanda, clareando os olhos verdes das minhas mulheres — Claudine e Sophie. Tudo parecia um sonho. Aqueles sorrisos, o perfume das flores do meu jardim, aquela vida. Sonho este que sempre despertou a cobiça de muita gente.

De repente, como um tapa na cara de qualquer gota de amor que restava dentro do meu mar interior, tudo aquilo começou a desmoronar. As musicistas que eu havia contratado para tocar enquanto Sophie se batia com sua cólica infernal no berço eram anjos na terra. Eu adormeci nos braços de Claudine, que me acordou com um estalo de beijo no dia seguinte pela manhã.

“Quanto tempo eu dormi?”.

“Já é cedo, amor. Hora do café da manhã.”.

Sentia o cheiro de café passado.

Minha mente funcionava em uma lentidão prevista e meus

membros não respondiam a tempo. Eu nunca tinha dormido tanto na vida, nem mesmo tão pesado. Eu não ouvi a banda ir embora, a porta bater, nem mesmo Claudine me levar para a cama. Aliás, quem me levou para cama? Ela desconversou quando perguntei. Fui descobrir a resposta mais de vinte e seis anos depois da pergunta. Isso machuca.

Eu sabia que algo estava errado. Mas ao ver o sorriso de minha esposa logo pela manhã me dizendo “eu te amo”, me fazia esquecer de tudo.

“Ligue para o escritório e diga que você não vai hoje, amor?” — disse ela convicta que assim o faria.

Naquela infundável manhã meu ouvido zunia. Estava com sono, sem vontade de fazer nada que não fosse deitar e dormir mais um pouco. Em trinta anos trabalhando pelo grupo da minha família, eu havia faltado apenas duas vezes: uma no velório de meu pai, e outra no velório de minha mãe. Ambos morreram de ataque cardíaco antes do período Natalino. Um em um ano, outro três anos depois — por isso odeio essa data que não tem nada ver com o nascimento do menino Jesus.

Claudine se sentou ao meu lado com o café da manhã em uma bandeja de prata. Tinha de tudo. Tudo o que eu mais gostava e tudo que estava proibido pelos meus médicos. Claudine sempre cuidou da minha dieta, mas não naquele dia.

Francesco diminuiu o passo e pediu autorização para entrar em meu quarto e Claudine aceitou com a cabeça. Ele era um de meus empregados, filho de camponeses italianos, nascido em Cagliari, na Sardenha.

Ela nunca gostou de dar intimidade para empregados, mas naquele dia...

“Senhor, qual carro preparo para hoje?” — ele perguntou.

Claudine tomou à frente e respondeu rapidamente:

“Prepare o Ford Mustang preto 65, por favor.”

Claudine pediu que preparassem o meu carro predileto naquela manhã. Arrematei aquele Ford em um leilão nas Bruxelas anos atrás. Sempre gostei de carros da Ford. Você sabia que o primeiro motor criado por Henry Ford, foi testado na pia de sua casa em Detroit, nos Estados Unidos, na véspera do Natal de mil oitocentos e noventa e três com o auxílio de sua esposa Clara? Não, não sabia.

Claudine tinha, sem dúvida alguma, o dom de me fazer me apaixonar por ela todos os dias. Eu encontrava a paz toda vez que a beijava. Ela deixava minha defesa no chão toda vez que eu sentia seu cheiro. Lembro-me como se fosse ontem nosso primeiro encontro em uma sorveteria na Rua Huchette. Ela de vermelho com cadernos nas mãos escolheu um sorvete de creme de avelã. “O mesmo que a bela moça ao meu lado” — disse eu para a atendente em voz alta para que Claudine ouvisse. Ela tinha consigo uma delicadeza ao sorrir que me entusiasmou em perguntar seu nome enquanto deixava o sorvete cair ao chão.

Aquela primavera pintava as árvores com cores românticas e ver aquele sorriso me fez correr os quatro cantos da cidade em menos de trinta minutos para encontrar uma rosa para lhe dar. Quando voltei para sorveteria, ela não estava mais lá. Mas como um bom observador, notei que ela vestia o uniforme da Universidade Panthéon - Sorbonne — lugar por onde a procurei por alguns dias após nosso primeiro encontro. Ela estava na sala de Humanas. Eu a convidei para sair naquela noite e ela aceitou. Eu tremia, ela também. Ela de vergonha, eu de ansiedade. Ela era de Toulouse, filha de um carpinteiro falecido após um acidente de trator na fazenda onde trabalhava no sul da França e de uma professora de jardim de infância. Falei por quase quarenta minutos, ela sorria. Pegou a taça de água de forma errada e perguntou como usar o garfo de peixe. Engasgou ao tomar vinho seco e pediu perdão.

“Não estou habituada com tudo isso” — disse ela envergonhada.

Nós nos divertimos e marcamos novamente um passeio na semana seguinte. E na seguinte... E na seguinte... Até que marcamos nosso casamento em Paris. Nossa lua de mel na Grécia... Marcávamos duas viagens por ano até que marcamos de não nos ver mais.

Ela nunca foi apaixonada por mim da forma que eu fui por ela. Meus amigos alertavam: “O pior cego é aquele que não quer ver.”. Eu os achava um bando de invejosos e pensava que meu amor por ela seria suficiente para nós dois. Achava também que meus milhões também seriam suficientes para nós dois. Milhões esses que ela aprendeu a gostar e gastar comigo. Arrematei não só carros, mas, esculturas, quadros, joias... Claudine tinha um colar de pérolas que foi de Brigitte Bardot — arrematado em um leilão na rue de Rivoli. Tinha a obra prima de Picasso “The Blue Room” em um de nossos corredores. Fora obras de Portinari, da Vinci, Degas, Paul Cézanne, Klimt, Modigliani...

Eu nunca quis conselhos para arrematar uma obra. Eu gostava de olhar, avaliar, era cauteloso em imaginar tal obra em uma de minhas casas e arrematar, sem pensar no valor. E foi assim por anos. Eu gastava dez, mas no dia seguinte ganhava trinta. Eu tinha sorte no jogo, sorte no amor, sorte no dinheiro e sorte nos leilões. Puta merda era sorte que não acabava mais!

Aos olhos dos outros nossa vida era perfeita, tínhamos dinheiro então tínhamos tudo. Isso é uma pulha criada por nossa mente suja. Quantos de nossos avós foram felizes com seus dez filhos sem ao menos saber o gosto de caviar e um bom vinho? “Melhor um prato de verduras onde há amor do que um boi gordo onde há ódio”, diz Provérbios 15:17. E ainda dizem que o ser humano é a raça pensante? O que é ética frente a uma mala abarrotada de dólares bem verdinhos? O que é caráter

frente à possibilidade de nunca mais precisar sair de sua piscina aquecida no Mediterrâneo? Nós, seres humanos estamos sempre ensaiando nossa felicidade. Em frente à multidão fazemos tudo no improviso como em uma peça teatral de Moilère. Então para quê servem os ensaios? Apenas viva e improvise, o resto é com Deus!

Sempre ensaiei tudo. E sempre fiz tudo conforme o ensaio; ela não. Quando conheceu Francesco, se jogou no improviso. Eu escrevia roteiros e os decorava em poucas horas. Claudine não os lia e agia no improviso. Esse era meu defeito e essa era sua maior qualidade.

Ele era um cara bonito e sempre muito atencioso. Certa vez, ele dirigia para nós sentido ao Norte da França; Claudine e eu estávamos no banco de trás. Francesco freou o carro abruptamente em uma ladeira íngreme de paralelepípedos molhados de sereno para salvar dois patos selvagens que haviam fugido do mato após um desmatamento de pinheiros franceses, desses que valem uma fortuna no mercado negro. Eu estava tão distraído e compenetrado em uma ligação que não percebi que Claudine havia vomitado no carro todo. Foi aí que descobrimos que ela estava grávida.

Quem o conhecia não imaginaria que ele faria tudo o que fez. É como digo, reescrevendo aquela famosa frase de Abraham Lincoln: “Se quiser por à prova o caráter de um homem, DÊ-LHE ALGUNS MILHÕES.”.

O sol da manhã estava radiante. Invadia a janela encíclica da sala com tanta brutalidade que era bonito de se ver. O reflexo do faiscar da luz do sol em um dos espelhos ovais que tínhamos na sala atrapalhava Claudine, e ela se levantou do sofá onde estávamos deitados para fechar a cortina branca. Antes disso, Claudine espiou pela janela aparentando estar nervosa.

“Tudo bem, amor?” — perguntei.

“Sim... Sim... Era apenas o reflexo nos meus olhos mesmo. Vamos?” — disse ela esticando as mãos suavemente para me ajudar a levantar.

Havíamos combinado um passeio como há muito tempo não fazíamos, e ela escolheu meu Ford Mustang para descer para um pequeno vilarejo francês que poucos conheciam. Meu carro estava pronto lá embaixo, já ligado; e Francesco nosso motorista nos aguardava.

“Não sei... Não vou com a cara desse italiano” — eu disse ao entrar no carro enquanto Francesco dava a volta para pegar no volante.

“Ah, amor. Ele é como os outros, não se desgaste com isso.”.

“Ele te olha de forma impudica.”.

“Bobinho!” — disse Claudine acariciando meu rosto com suas mãos enquanto Francesco entrava no carro. — “Só tenho olhos para você” — sussurrou ela em meu ouvido e me estalou um beijo inventado.

Acenamos com as mãos para nossa filha que havia ficado em casa naquela manhã com as babás. Francesco passou o portão, virou a primeira rua à direita e pediu instruções para Claudine que o direcionou objetivamente:

“Siga pela direita, sentido o pequeno vale ao leste.”.

“Sim senhora” — respondeu Francesco.

“Tenho uma surpresa para você, meu amor” — disse Claudine se recostando com a cabeça sobre meus ombros. — “Depois jantaremos no Le Pré Catelan.”.

“Hmm, adoro surpresas!” — respondi animado.

Uma pausa gostosa de poucos segundos invadiu o carro.

“A vida nos prega cada peça às vezes, não é mesmo, amor?”.

“Do que está falando?”.

“Da paixão. Dessas que vemos nos filmes, que lemos nos livros e achamos que nunca acontecerá conosco.” — Ela sorriu, me beijou e agradeceu. — “Obrigada! Muito obrigada por tudo!”.

Entendi aquilo, naquele momento, como um agradecimento normal por aqueles anos que estávamos juntos e mal sabia eu que aquela cena hipotética era realmente uma despedida.

Francesco, aquele imprestável, seguia as coordenadas de Claudine; mas aparentava já saber para onde estávamos indo. Eu me pegava distraído pensando, não na surpresa que Claudine iria me fazer, mas na empresa. Passávamos por uma crise após um rombo milionário que estava sendo investigado entre os executivos e a polícia especializada. O italiano abandonou Paris sentido às montanhas rochosas do leste. Ele relutava para deixar seus olhos no retrovisor em direção à Claudine e quando percebeu que eu o fitava, desviou o olhar para o caminho sinuoso. Ele desafinou ao dizer minutos depois:

“Chegamos, senhor.” — E tossiu por duas vezes.

“Tudo bem, rapaz?” — perguntei.

“Sim, senhor. Meus ouvidos se taparam na última descida escarpada. Vou abrir bem a boca por algumas vezes e massagear as bochechas como meu pai sempre dizia quando descíamos para a fazenda na Itália.”.

“Vamos, amor” — disse Claudine abrindo a porta do carro para saltar. Ela parecia interromper a conversa de propósito e apressada com algo.

Havia algumas casinhas que se transformaram em pequenos chalés abandonados à esquerda de onde Francesco havia estacionado o carro. Aquele vilarejo pedregoso vicejava um sabor único de resvalamento. Apesar de sombrio, era bonito de se admirar. Respirar aquele ar de casa dos horrores de um parque de diversões era agradável.

Aquele lugar seria sem dúvida nenhuma a mais bela moraina

glacial no venturo amanhã. Anos atrás havia acontecido uma carnificina naquele local e foi fechado pelas autoridades. O motorista disse baixinho que iria procurar um lugar para urinar e se eu precisasse de algo era só assobiar. Claudine correu forçando os olhos a ficarem cerrados e tapando os ouvidos para o outro lado sentido ao riacho com água azul sujo. Parecia que algo ia explodir.

Eu abri a porta do carro vagorosamente e fui ao encontro da minha mulher.

Ela estava de costas para o carro se escondendo atrás de uma rocha que brilhava. Dei três tapinhas em seu ombro levemente e perguntei:

“Tudo bem, Claudine?”.

Ela se virou, olhou assustada e ficou na ponta dos pés para tentar ver se o carro ainda estava por lá. Ela tomou fôlego, secou o cuspe no canto da boca e disse esbaforida:

“Eu... Digo... Abelhas, amor! Abelhas por todas as partes! Sabe que eu sou alérgica a abelhas...”.

“Não sabia que era alérgica a abelhas.”.

Sua atenção se desviou, e por um momento parecia tentar encontrar uma desculpa para sair detrás daquela rocha inteiriça.

“A máquina fotográfica, amor... Esqueci no carro e vou buscá-la.”.

Algumas gotas de chuvisco passeavam no ar em meio aos raios de sol; era chuva e sol. Claudine saiu correndo em direção ao carro e entrou de joelhos no banco de trás onde as portas ainda estavam abertas. Ela parecia realmente procurar por uma máquina fotográfica até que um enorme clarão tomou conta do vilarejo seguido de um estrondoso e ensurdecedor estouro. O carro inopinadamente explodiu com Claudine em seu interior. Os vidros se estilhaçaram arremessando seus cacos pontiagudos

para todos os lados e eu me atrevi a proteger meu rosto com meu blazer Calvin Klein.

“CLAUDINE! CLAUDINEEEEE” — gritei até perder a voz tendo a certeza que ninguém ouviria.

Vi partes do belo corpo de Claudine caírem ao chão como bolas de fogo e em seguida virarem pó; assim como partes do carro. Eu me ajoelhei sobre as rochas milenares e em algumas formigas, e assisti outra explosão no carro já destruído rezando para que tudo aquilo fosse um pesadelo e eu acordasse nos braços de Claudine; o que não aconteceu.

Os policiais chegaram tão rápido que parecia que já estavam por ali. Pediram reforços ao descer das viaturas pelo rádio amador e logo se ouviram as sirenes barulhentas das ambulâncias do corpo de bombeiros francês. Sequei minhas lágrimas e meu suor com as mangas do meu blazer e quando abri os olhos vi quatro policiais apontando suas armas para mim:

“DEITE NO CHÃO! DEITE NO CHÃO!” — eles gritaram com desejo de apertar o gatilho de suas pistolas com armações de polímero.

Procurei em minha memória o que responder para policiais em horas como essa, mas isso nunca havia acontecido antes. Olhei para trás para ter certeza que aqueles gritos eram realmente para mim; mas para minha tristeza, não havia mais ninguém na cena daquele crime.

“Acho que vocês entenderam errado” — disse mostrando-lhes a palma das minhas mãos, pedindo calma, mas eles não ouviram.

Queria abrir um talho no chão de terra molhada daquele vilarejo com uma lâmina afiada quando me deitaram no chão a força e torceram meus braços de forma bruta até as costas. Sem piedade! Algemaram-me e me colocaram na viatura faustosa.

“ELE ESTÁ ALI!” — eu gritei me referindo a Francesco,

o motorista que havia nos levado até aquele lugar ladeado por vales sinuosos e secretos. O cheiro de horror daquela carnificina se encontrou com o cheiro da morte de Claudine, exalando um fedor inesquecível pelo ar. Três policiais procuraram em todos aqueles chalés abandonados e não encontraram nenhuma viva alma.

Fiquei com cara de sem graça.

Senti minha respiração sumir.

Tomei uma coronhada na cabeça.

“ACHA QUE SOU O QUÊ?” — gritou o policial com braço tatuado.

Fecharam a porta da viatura com força. Tanta força que meu ouvido se tampou. Uma exaustão profunda se instalou em meus olhos que mal paravam abertos quando fui levado para a delegacia. Fui julgado culpado pelo assassinato da mulher que eu amava mais que tudo poucos dias depois. A perícia procurou por digitais e só encontrou as minhas. Afinal, Francesco dirigia com luvas nas mãos. Tudo isso e muito mais parecia ter sido muito bem planejado. Explosivos foram instalados pelo carro todo e foram acionados conforme planejado, no local planejado e no dia planejado.

— Mas... — eu disse tentando o interromper. — Espere...

Não adiantou.

Ele continuou a falar.

— Meus primeiros dias naquela cela imunda foram de asseado tormento. Eu havia tentado montar aquele quebra-cabeça por várias vezes, mas nunca conseguia chegar a lugar algum. Fatigava-me e atirava as peças todas pelos ares.

Procurava fôlego para voltar a respirar. Por que Claudine escolheu aquele dia? Por que Claudine escolheu aquele carro? Por que Claudine escolheu aquele vilarejo? Por que Claudine

escolheu Francesco, aquele Italiano? Enfim, por que Claudine fez tudo isso comigo?

Perdi tudo o que tinha. Minha empresa foi vendida e meu nome foi tirado de circulação para evitar a queda das ações. Minhas casas, meus carros, iates, investimentos... Tudo. Tudo isso foi vendido. E o pior e mais doloroso, eu perdi minha filha. Sobrou-me apenas uma amizade, a de dona Marion, minha ex-cozinheira preferida. Ela cuidou de Sophie desde que fui preso até seu último dia de vida na França.

Após a venda de minha mansão aos arredores da torre Eiffel para um grupo de investidores que construíram no local um prédio comercial, dona Marion foi trabalhar em um abrigo de crianças abandonadas. O mesmo para onde Sophie havia sido levada. Minha doce Sophie que não tinha culpa alguma, não valia mais nenhum centavo de prata e nenhum de nossos familiares quis lhe dar abrigo.

Marion cuidou de Sophie como se ela fosse sangue do seu sangue. Um amor puro, sem qualquer tipo de interesse que não fosse proliferar o amor. Em um dia cinzento e sem graça, dona Marion me visitou na cadeia; foi minha primeira visita. Ela aceitou três pedidos meus após longa discussão: Um, era cuidar de Sophie, o que ela já ia fazer de qualquer forma. Segundo, de me manter informado sobre tudo o que acontecesse com Sophie e terceiro e mais doloroso era nunca falar a verdade: que eu havia sido preso, nem que estava vivo. Ela meneou a cabeça me contrariando, desviou o olhar para o chão e ainda me chamou de senhor, mesmo eu estando atrás das grades:

“Mesmo não concordando, farei o que pede, senhor.”.

Sophie foi crescendo linda como a mãe. Cabelos dourados e olhos verdes. Um sorriso branco que iluminava a vida de todos naquele orfanato. Ela se apaixonou pelo balé logo aos dois anos de idade. Paixão que dura até hoje.

Dona Marion discutia com os agentes penitenciários, pois ela sempre queria entrar com seu chapéu de pele de lobo, que inclusive havia sido presente meu. Em troca trazia quentinhas para todos os agentes todas as vezes que vinha me visitar.

Naquele dia, ela levantou a aba do chapéu para me olhar olhos nos olhos e me entregar aquela folha de jornal. Sophie era capa do *Le Monde*. Logo aos três anos de idade ganhou um concurso de balé internacional e fez apresentações pelo mundo por mais três anos.

Cada visita da senhora Marion era uma novidade.

Sophie ganhou concursos de poesia na Áustria. De canto no Reino Unido. De balé na Rússia e assim por diante...

Em todas as suas apresentações ela nunca deixava de agradecer à senhora Marion e ao abrigo de crianças abandonadas. Minha filha era uma artista completa e levava o nome daquele abrigo às alturas.

Em um tom paciente, dona Marion perguntou:

“Por que não conta a verdade a ela? Ela merece saber que o pai dela...”.

“Que o pai dela está preso?” — interrompi dona Marion.

“Ela é uma garota excepcional. Amorosa, carinhosa... Tudo o que ela ganha ela doa para o abrigo e ajuda as outras crianças...”.

Bati a caneca de estanho que tomávamos café na sala de visitas sobre a mesa de madeira cambará.

“Nunca! Ela não merece saber dessa história. Ela merece ser feliz!”.

Marion arriou os óculos grossos engordurados de suor.

“Se o senhor me permitir...”.

“Não, não permito.”.

Ela não assentiu, tampouco deixou a sala de visitas como já havia sido requisitada pelos carcereiros. Ela suspirou profundamente e tomou um longo gole de café fervendo.

“Saber de tudo isso está me deixando doente. Talvez não esteja por aqui por muito tempo...”

“Do que está falando, Marion? Deixe de bobagem. Com toda certeza do mundo eu morro primeiro que você nesta prisão.”

Ela foi requisitada novamente para deixar a sala de visitas por três vezes e assim o fez na última.

“Vou deixar o senhor trabalhar, monsieur” — disse ela ao carcereiro não feliz por ter que deixar aquela conversa pela metade. E assim ficou por anos... Até hoje, inclusive.

O meu delírio mental dentro daquela fábrica de doentes que apelidam de prisão, me fazia parar de ler o texto que eu mesmo escrevia, descontente com o ar sombrio das minhas próprias palavras. Era uma carta, e transmitia tudo o que eu sentia naquele momento. Talvez por isso não agradasse meus olhos lacrimejados.

Eu escrevia para Marion, pois há semanas ela não ia me ver. Ocupava-me por dias pedindo ajuda dos funcionários da cadeia a buscar notícias dela, pois todos gostavam de suas quentinhas. Um dos carcereiros menos agressivos daquele inferno, me despertou do meu costumeiro cochilo após o almoço batendo o cassetete no cadeado da minha cela, apesar de eu já ter sentido sua presença. O cadeado em contato com as barras de ferro da minha cela gritava um som de ferro com ferro que irritava meus tímpanos.

“Ela não sofreu” — disse ele.

“Ela quem?” — perguntei ainda meio sonolento deitado no colchão furado e úmido.

“Dona Marion. Ela faleceu na última segunda-feira em sua casa aqui em Paris. Não sei... Uma forte pneumonia aliada a um câncer que ela não cuidava há anos resultou em uma parada cardíaca fulminante. Por isso ela usava o velho chapéu de couro de lobo. Ela queria esconder a queda de cabelos mesmo faltando

em cinco das seis sessões de quimioterapia que deveria ter feito. Ela passou mal ainda no orfanato onde trabalhava, pediu para ir embora e não mais voltou. Seu corpo foi encontrado por uma garota desse orfanato que a tinha como mãe às duas da manhã após várias ligações no telefone não atendidas. Ela parecia gostar muito de você, afinal, foi a única que veio te ver por esses vinte anos em todas as visitas. Lamento...”. — E ele virou as costas e se perdeu no corredor mofino e escuro.

Ela sempre reclamou de dores no estômago. Sempre que eu a mandava ao médico dizia estar tudo bem. Na verdade, ela fingia que visitava consultórios médicos. Sempre teve muito medo de hospitais e morreu da forma menos dolorosa de todas, dormindo. Ela foi a melhor pessoa que eu conheci nesta vida, sempre desejando o bem das pessoas que ela amava; e de quem ela não amava também. Sentei-me na beirada da cama e rezei por sua alma, ainda que desorientado, com a certeza que ela está hoje ao lado de Deus. Tive uma sorte imensa em conhecê-la em vida.

Em todos meus vinte e quatro anos de prisão em que ela ainda estava viva, Marion nos provou todo seu amor. Levava-me toda informação de Sophie sem nunca ter faltado um dia. Sem nunca ter deixado de me levar um jornal com notícias e a carreira vitoriosa de minha filha. Se Sophie aparecesse em uma revista fora da França ou jornal, que seja, ela dava um jeito de comprar um exemplar com os jornaleiros seus amigos de Paris.

Fiz coleções desses jornais e revistas e quando Marion faleceu, eu subornava novatos na cadeia para pedir a seus familiares aqui fora. Assim como fazia com Christopher, aquele jovem que faleceu no túnel que fugimos da primeira vez da prisão.

Nos meus últimos dois anos na prisão, fui isolado e trancado em cela especial e não conseguia jornal algum, então fiquei sem informações de Sophie até que fui surpreendido em setembro

de dois mil e dez. O capitão da operação que havia me prendido, quase trinta anos anteriores àquele dia, se encarregou de tudo. Ele andava com maços e maços de folhas de papel pelos corredores e falava alto ao telefone. Ele parecia procurar palavras para se expressar naquela ligação e com nenhuma fineza abriu os cadeados da minha cela:

“Vá embora, estrume...”.

“Como é?”.

“Pegue suas coisas imundas e suma. Pagaram sua fiança! Vai, suma...”.

“Mas quem pagou mi...”.

“S-U-M-A!” — ele gritou soletrando a palavra.

Rapidamente juntei meus trapos. Na verdade, apenas peguei a caixa de madeira que eu escondia debaixo da cama e me pus a correr portão afora sem olhar para trás. Minhas pegadas marcaram todo o corredor da cadeia e se perderam pelas ruas molhadas de chuva onde corri até me sentir mais confortável. Olhei para o ocidente, onde o sol ainda brilhava tímido querendo descansar após uma tarde chuvosa e me perguntava: “Quem pagou a fiança?”. Calculei o número de pessoas nos meus dedos que poderiam ter feito isso e não saía do resultado zero.

Era como se eu precisasse montar um castelo de lego em tempo recorde: as peças dormiam no mesmo balde vermelho, porém não se encaixavam sozinhas durante a madrugada.

Após oito noites nas ruas resolvi voltar à cadeia e perguntar quem havia feito aquilo. O capitão que portava uma cinta de couro legítimo com duas pistolas penduradas disse que tinha sido um tal de Pierfrancesco Pavizzo, um milionário italiano, após uma grande negociação com a justiça francesa.

“Ele deve ter muito dinheiro” — disse o capitão alisando seu bigode preto tingido.

“Como ele era?” — perguntei.

“Ele era magro, bem magro, alto e com aparência de doente. Estava com mais três pessoas que o seguravam, pois tinha dificuldade para se locomover. Algumas marcas de picadas em seus braços e algumas feridas no rosto. Ah! Tinha uma tatuagem no braço esquerdo. Parecia ser um trecho de alguma oração em italiano” — disse o capitão.

Ficou evidente na minha mente que aquele era Francesco Pavi, meu ex-funcionário. Aquele que havia dirigido o carro sentido ao vilarejo abandonado onde Claudine foi brutalmente assassinada naquela cena que fiz questão de apagar da memória. Meus olhos procuravam desesperadamente um ponto fixo para descansar para que eu pudesse focar meu raciocínio na resolução daquele enigma. Quando o decifrei já havia se passado algumas semanas dormindo nas ruas e comendo restos de latas de lixo.

Ao entrar em uma clareira desativada em uma grande loja de departamentos na região leste de Paris, me senti mais seguro, e pude ensaiar minha mente resgatando os cacos daquele fatídico dia. Minha mente filtrava a cena daquela manhã sombria no próprio contexto do passado. Francesco e Claudine eram amantes de muito tempo. Tempo esse que não dei atenção alguma para minha mulher. Ela foi seduzida por um verme que só amava a si mesmo e ao dinheiro. Claudine foi apaixonada por ele. Tão apaixonada que a tornou cega. Cega de amores por ele e eu cego de fúria por ambos. Meu sangue parecia ferver ao deslizar nas minhas veias sempre que o via olhando para ela, e Claudine sempre me fez acreditar que era coisa da minha cabeça.

Sentia um gemido lúgubre dentro de mim ao montar de uma vez por todas aquele tabuleiro sujo de xadrez. Francesco e Claudine armaram minha morte naquele dia para sumirem com meu dinheiro e viverem uma ilusória história de amor fajuta sem se importarem com a minha jugular gotejando para onde quer que eu fosse após minha morte. Claudine morreu achando que

o italiano era apaixonado por ela; mas não. Francesco mantinha um relacionamento homoafetivo com um decorador francês falido e sem qualquer talento para tal. Ele foi, na verdade, o grande decorador da cena sangrenta daquele assassinato.

Claudine conhecia tudo: o horário, o trajeto, o local, o carro, a explosão, mas não conhecia o verdadeiro alvo daquilo tudo, ela mesma. Tudo isso para me incriminar e levar com eles todo o meu dinheiro.

Eles foram perfeitos, fizeram tudo conforme ensaiado.

Quando Claudine voltou ao carro para fingir procurar a máquina fotográfica, Francesco assistia tudo escondido em um chalé abandonado poucos metros de onde estávamos e disparou os explosivos por um controle remoto. Claudine então, dentro do carro, explodiu. Mas como eu fui culpado? Havia uma réplica deste controle remoto no bolso do meu blazer, colocado por Claudine, para simular meu suicídio enquanto eu estivesse no carro e ela fora. A réplica foi pega pelo policial logo que eles me jogaram no chão para me algemar. O original, Francesco atirou em um vale no trajeto de volta para Paris e ninguém nunca mais encontrou.

Claudine havia me feito assinar papéis com uma procuração para Francesco gerir todos os meus bens. Se eu li antes? Claro que não! Eu confiava em Claudine assim como Claudine confiava em Francesco.

O casal Francesco e Allan se tornou um dos mais ricos do mundo e fizeram viagens pelo planeta todo. Eles fizeram tudo o que tinham direito com meu dinheiro durante vinte e poucos anos até que uma doença os pegou de surpresa. Francesco havia contraído o vírus HIV e estava com AIDS, em um estágio muito avançado. Francesco decidiu tentar se redimir com Deus e ao invés de contar a verdade para polícia, entrou na justiça para pagar minha fiança.

Bom, isso foi o que ele me disse em sua última noite naquele hospital. Ainda acho que ele contou toda a verdade para polícia francesa que me soltou de forma discreta para não assumir a falha da própria polícia nas investigações daquele crime. Assistia do lado esquerdo da cama a enfermeira perfurar suas veias para aplicar doses e mais doses de morfina para tentar tirar sua dor eminente enquanto o médico já fazia cara de despedida.

Resumo da ópera? Estava eu sem família, sem dinheiro, sem amigos, emprego e sem anelo para continuar a reescrever minha história. Vim parar nas ruas e nelas estou fadado até o fim dos tempos.

Estávamos empanturrados de tanto comer pipoca ao ouvir senhor Gérard, ou melhor, senhor Jean-Paul contar toda aquela história de terror. Nossos corpos estavam ricos em polifenóis. Barbara chorava feito uma criança que se perdera dos pais no Carrefour, e me agarrava forte pelos braços. Dizia ela que suas bochechas estavam ardendo de tanto as lágrimas escorrerem pelo seu rosto. Eu não percebi que todos nós do grupo tínhamos desviado o olhar para Gérard, ou Jean, que seja, enquanto ele falava; e ao dobrar o olhar para o grande palco, notamos que a peça já estava terminando.

Vinte e oito

EDUARDO ALMEIDA

Fileiras e mais fileiras à nossa frente. Crianças, adultos e idosos. O espetáculo foi um sucesso! Todos aplaudiram de pé quando as crianças se deram as mãos para se curvar à plateia e nós fizemos o mesmo. Mesmo que tenhamos assistido apenas os primeiros minutos daquela sessão, aplaudimos muito. As cortinas se fecharam lentamente, e os aplausos continuaram robustos.

Percebi que havia um grande problema com Jean, como ele nos pediu para ser chamado, após eu me virar para parabenizá-lo pela peça escolhida. Vi uma faísca em seus olhos. Uma inquietação. Neles, existiam uma grande chama de fogo e um desejo de ir embora antes das cortinas grandes se abrirem novamente para o agradecimento final da diretora artística do espetáculo. Ele abria as mãos compulsivamente, repetidas vezes e amassava o panfleto com toda a programação do espetáculo com as mãos formigantes.

— Acabou — ele disse.

— Não, ainda tem o agradecimento da diretora do espetáculo — respondi.

Uma hesitação tomou conta dele que tentou pular a fileira de poltronas da frente para deixar o teatro sem qualquer êxito. Parecia que Jean tentava fugir de um ônibus expresso abarrotado de zumbis sedentos de carne flácida. Mas não. Estávamos cercados tanto pela direita como pela esquerda, e aquele lugar nem de perto parecia um ônibus expresso francês, muito menos os espectadores pareciam zumbis. Jean não podia ser tão antiquado a ponto de não estar se sentindo à vontade em meio à multidão. Ele tapava os ouvidos como se um tinido constante machucasse seus tímpanos. As poltronas eram super aconchegantes, vermelhas, de camurça sueca.

No início, Jean parecia tentar manter tudo limpo: sua mente e seu coração. Mas alguma lembrança lhe veio à mente de algo que não tínhamos idéia do que era. Ele que há anos não fazia uma higiene mental e cardíaca, acumulou bugigangas e tralhas em um quarto escuro e fétido no meio do nada onde morava na sua imaginação. Lá havia neve e breu em todas as estações do ano. Com frequência desejava morrer. Ele sonhava em ser diagnosticado com catalepsia patológica para ser enterrado vivo, mas não. No máximo uma pneumonia que não o mataria assim tão fácil havia sido diagnosticada.

Ao tentar pular para a fileira da frente, totalmente sem jeito, Jean se desequilibrou inebriadamente e deixou a caixa misteriosa de madeira que ele tinta tanto cuidado se espatifar no chão. O ferrolho de estanho enferrujado que mantinha a caixa seguramente fechada se rompeu com a batida, e esparramou recortes de revistas e jornais por todo o chão do teatro. Um brinquedo barulhento e sem botões também beijou o carpete vermelho que estava meio úmido devido à neve derretida das inúmeras solas de sapatos.

— Merda! — disse ele com a voz estridulada.

Jean trincou os dentes e correu para pegar toda aquela

papelada velha do chão e colocar de volta na caixa de madeira, ou o que sobrou dela, não em tempo de Barbara tentar ajudá-lo voluntariamente. Ele fazia uma espécie de monólogo ali nas fileiras do teatro e as pessoas começaram a pensar que aquilo era parte do espetáculo. Uma espécie de palhaço francês, um Pierre Etaix, sem bigodes talvez.

— Puxa, Jean! Sua filha é realmente muito linda! — Suspirou Barbara. — Parece uma princesa! — disse ao abaixar-se e pegar alguns recortes de jornal do chão sem qualquer pretensão maldosa.

— Realmente, Jean! Linda! Você deve ter muito orgulho de tudo o que ela fez. Do que ela se tornou... — disse McWeber ao pegar dois recortes de jornais antigos da mão de Barbara.

Jean, plenamente estouvado, disse que não precisava de nossa ajuda e recolheu rapidamente os papéis amassando-os mais ainda e jogando de qualquer jeito nos bolsos da jaqueta e da calça que uma vez esteve bem passada.

— Vamos, pessoal! Deem-me esses papéis... Já está tarde e preciso voltar para as ruas — disse ele com a voz ofegante e com um chiado estridente saindo dos pulmões. Ele tossia. Pigarreava. Fungava o nariz.

“Linda jovem ganha concurso de balé e doa prêmio para orfanato Ludmilla Tchérina.”

“Sophie Anzavour, bailarina de quatorze anos, primeiro lugar em Yakutsk leva o nome do orfanato Ludmilla Tchérina às alturas.”

“Loira, jovem, e talentosa doa cachê ao Ludmilla Tchérina.”

“Órfã Francesa, primeiro lugar em concurso de beleza no Reino Unido ajuda orfanato Ludmilla Tchérina.”

Diziam algumas das manchetes dos recortes de jornal e

revistas que Jean tanto escondia naquela caixa, mas algo estava errado. O nome do orfanato o qual a filha de Jean havia sido levada quando criança por coincidência era o mesmo nome do orfanato que promovia aquele espetáculo que tínhamos acabado de assistir.

Jean era inteiramente indiferente às pessoas que o aplaudiam, e elas logo perceberam que ele era nada mais nada menos que um espectador comum. Essas mesmas pessoas voltariam a aplaudi-lo em breve não mais vendo ele como “uma pessoa qualquer”.

Os aplausos e as lágrimas das centenas de espectadores do teatro Olympia naquela noite fria faziam a diretora do espetáculo devolver cada gesto de carinho com um sorriso solar. Ela subiu ao palco balbuciando algo de gratidão em resposta à salva de palmas que recebia e pedia para que todos se sentassem. Acompanhada e de mãos dadas com dois dos personagens do espetáculo agradecia com os olhos brilhando. Ela era uma moça escancaradamente muito bonita: alta, olhos claros e cabelo louro longo. Estava ela bem elegante de vestido preto básico, com sapatos de salto também pretos e algumas pulseiras de prata no braço esquerdo. Batom vermelho e brincos de pérolas compunham o look.

— Claudine adorava pérolas — ciciou Jean mais calmo.

Eu pensava em como introduzir o assunto que revolteava na minha cabeça. Minha boca se mexia involuntariamente, mas não emitia qualquer som. Agradei mentalmente quando Barbara fez um comentário levando o assunto para onde eu queria, mas não conseguia.

— Nossa! Ela tem um sorriso que se parece muito com o daquela criança dos recortes de jornal de Jean.

São idênticas! — pensei.

Enlacei Barbara com o braço direito, puxando-a para junto

de mim. Ela se empertigou na poltrona e aninhou seu rosto em meu peito por poucos segundos.

Aquele não era mais o lugar para o falecido Gérard Bachelier. Naquele momento ele era um cadáver imaginário na mesa de estudos de uma aula de anatomia. Uma pinça dente-de-rato e um bisturi estavam sobre uma maletinha metálica ao lado da maca tintada a branco. Naquela aula, estariam estudando a úvula. Jean era o melhor aluno, e encarava o cadáver sem se intimidar.

Ele olhava no relógio quebrado que enfeitava seu punho esquerdo e dizia que estava tarde. Ele desejava pegar sua bagagem que nada mais era que uma jaqueta envolta de seu braço direito e voltar para as ruas. Eu o via mentalmente, complementando a cena da aula de anatomia se aproximando da cova e jogando sobre um caixão de promoção, uma rosa para o falecido morador de ruas que havíamos conhecido. Esse que ele apelidou carinhosamente de senhor Gérard Bachelier. Esse que escondia sua real identidade por anos.

— Jean, essa moça... — disse apontando com o indicador sem cutícula para o palco.

— Que moça? — respondeu ele com os olhos eivados. — Não sei... Não conheço...

— Ela se parece muito com sua filha. Ambas têm o mesmo sorriso.

— Ela aparenta gostar de pérolas assim como sua ex-mulher... — complementou McWeber.

Ele suspirou, relaxou as sobrancelhas e os ombros. Uma lágrima deslizou por seu rosto e ele tratou logo de expulsá-la, uma vez que passeava sobre sua pele sem qualquer tipo de permissão. Ele que nos dizia que o legal da vida era esperar pela morte, naquele momento mudou totalmente de ideia. Deixou então, naquele momento, de refutar aquilo que era lógico como dois e dois são quatro.

— O legal da morte é saber que você reencarnará e poderá escrever uma nova história — disse Jean arqueando as sobrancelhas. — Como rezava a tradição de minha família. Se um dia as colunas monolíticas vierem a baixo, espere, sempre haverá um propósito para esta reconstrução.

Deixando entrever seu peito, Jean abriu os botões da camisa branca bem passada e afrouxou o colarinho para tentar buscar mais fôlego enquanto ouvia as palavras da diretora do espetáculo. Sentia um calor agradável percorrer seu corpo como se estivesse à frente de um aquecedor solar e tentava disfarçar a inquietação.

— Gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade de ter vivido no orfanato Ludmilla Tchérina por dezoito anos. Agradeço e faço questão de citar o nome de uma das pessoas mais incríveis que conheci nesta vida em todas as minhas apresentações. Não sei se vocês sabem, mas uma das funções da lua é proteger nosso planeta terra de rochas espaciais. Prova disso, são as enormes crateras em sua superfície. Eu tive o prazer de ter uma lua só para mim, dona Marion Fourriér Grandchamp, que cuidou de mim por anos e hoje está sentada ao lado de Deus no céu...

“Dona Marion Fourriér Grandchamp?”, *“Cuidou de mim...”*, *“Orfanato Ludmilla Tchérina...”* — repetia eu mentalmente olhando com cara de dúvida para Barbara, McWeber e Tony que me devolviam a mesma expressão franzindo as sobrancelhas.

— Eu fico por aqui — discursava ela prevendo seu desfecho. — E nos vemos na próxima, pessoal! Muitíssimo obrigada a cada um de vocês. Eu sou Sophie Anzavour, diretora deste espetáculo.

Quando ela disse seu nome já não tinha mais como negar. Um estalo abrupto ecoou sobre nós. Parecia que tínhamos sido acordados inopinadamente por uma freada brusca de um maquinista vesano enquanto babávamos no vidro do trem no terceiro sono à meia-noite. Os trilhos não faziam barulho.

Tivemos um sobressalto nos acordando de um sono profundo. Como não percebemos antes? Ela era a filha de Jean, aquela que ele não via há anos.

— Vocês ouviram? — perguntou McWeber.

— Ela é a filha dele! — respondeu Barbara.

— Sim, claro! O abrigo, os jornais que dona Marion levava para ele na prisão, sua caixa misteriosa, aquele brutamonte que havia mexido em sua coleção de papéis na prisão... Agora tudo faz sentido! Seu sonho não era vir a um espetáculo de balé, seu sonho era rever sua filha!

Jean que não conseguia responder fez que sim com a cabeça segurando o choro.

— Ele guardou a carreira de sua filha por anos, desde que foi preso injustamente como ele nos disse. Mesmo longe se fez presente e sabia que ela estaria aqui hoje — disse Barbara sorrindo e secando as lágrimas com o cachecol.

— Sem querer realizamos o maior sonho da vida deste morador de ruas, sonho este guardado há anos. Anos regados de sangue e sofrimento.

Taciturnamente Jean disse sim com a cabeça e direcionou o queixo para o chão, o qual tinha posas de lágrimas. Ele se sentou novamente recostando a cabeça confortavelmente no encosto da poltrona vermelha do teatro, mas não se preocupou em endireitar seu corpo. Parecia ter tirado um peso imenso das costas. Ele respirava forte, suspirava e deu um sorriso secreto.

— Esse caminho turbulento onde fui buscar minha embuçada história agora está iluminado — disse ele ao reaprender a respirar.

Ele enroscava nossas mãos nas dele nos agradecendo e evidentemente como fã número um de sua própria filha, rasgou seda para elogiá-la.

— Ela está linda! Como cresceu! — disse ele sorrindo.

— Tornou-se uma das mulheres mais importantes do balé francês e mundial!

— Ela ficará muito feliz em saber que você está vivo — disse McWeber.

— Sim, orgulhosa em saber também que você colecionou a carreira dela toda por todos esses anos! E que mesmo longe, se fez presente. Esta é a maior prova de amor que você poderia dar para alguém — complementou Barbara.

— Não! Ela não merece saber a verdade! Eu fiquei mais de vinte e seis anos preso... E outra, eu como pai, não fiz qualquer falta para ela. Vejam quem ela é hoje, uma estrela!

— Qualquer pai faz falta para qualquer filho.

— Inverdade!

— Verdade!

— Boato!

Ele parecia irredutível.

— Você é o maior fã de Sophie Anzavour...

— Isso eu devo concordar! — disse Jean ao abrir a caixa com a tampa quebrada e chacoalhar alguns recortes de jornal com os olhos fechados. — Louis Lloris era o nome do seu primeiro namoradinho, eles terminaram porque ele não entendia a vontade dela em seguir a dança. Sua matéria preferida na escola era História, não tinha afinidade alguma com Matemática e Física. Sua primeira viagem internacional como bailarina foi para Suécia, ela tinha apenas dois aninhos de idade e Marion a acompanhou. Suas frutas preferidas são as de caroço, pêssegos e nectarinas, sendo a segunda originária de uma mutação natural do pêssogo e tendo como principal diferença a ausência de pilosidade na casca. Seu prato preferido?

— Coq-Au-Vin.

— Exato! E sua sobremesa preferida?

— Soufflé au Roquefort — disse uma voz melodiosamente

feminina que não percebemos se aproximar em meio à fila desorganizada para deixar a fileira 7 do teatro.

— Vejo que o senhor sabe bastante sobre mim — disse Sophie sorrindo.

Um longo silêncio invadiu o diálogo e pensei em agradecer novamente Barbara por ter o expulsado.

— Meu Deus! É ela! — disse Barbara levando as mãos à cabeça sem qualquer discricção. — Vou desmaiar!

Sophie era realmente uma mulher belíssima. A maquiagem um pouco borrada abaixo dos olhos e o batom falhado e borrado na altura do filtro labial a embelezavam ainda mais. Ela havia chorado o espetáculo todo e agradecido mais da metade dos espectadores com sinceros beijos no rosto. Divertíamos-nos com sua espontaneidade.

— Olá, pessoal! Sou Sophie, diretora artística deste espetáculo! Costumo descer do palco e agradecer pessoalmente a plateia. Vocês gostaram?

— Você não tem noção o quanto! — disse McWeber com cara de apaixonado pateta.

— Fico feliz! De onde vocês são?

— País de Gales.

— Islândia.

— Sou de Montreal, no Canadá.

— Brasil.

Sophie exalava um perfume delicioso. Estendeu sua mão delicada com dedos compridos e finos enquanto Jean limpava sua mão suada na roupa e a tocou. Cumprimentando-a, parou. Ficou estático olhando para o charme de Sophie, que mais parecia uma gigante perto dele. Ela era alta, e com salto alto, estava quase da minha altura. Media os ombros mentalmente. Com uma elegância de mulher francesa — acho que mulheres francesas deveriam patentear a palavra elegância. Tanto que penso que a palavra elegância deveria ser francesa.

— E o senhor? — perguntou Sophie sem suspeitar que estava falando com seu próprio pai. Ela pousou as mãos sobre seu ombro e perguntou: — Pelo sotaque vejo que o senhor não é de Marselha, certo? Nada contra, mas como o senhor sabe, nós parisienses temos orgulho de nossas nuvens escuras. — Sorriu.

Ele não respondeu e o mesmo silêncio voltou à cena.

Sophie tinha cabelo liso, tão liso que dificilmente conseguia prendê-lo sem ajuda de um forte laquê. Seu cabelo era uma afronta para qualquer gaforinha desgrenhada. Estava levemente preso a uma trança atrás da nuca que se desmancharia logo que o efeito de poucas horas do laquê acabasse. Ela parecia aquele tipo de mulher que passa os melhores cremes pelo corpo antes de dormir e rímel nos olhos, e no dia seguinte acorda cheirosa e com os olhos intactos. O difícil era conseguir dormir ao lado de uma mulher dessas. Sophie abriu uma bolsinha trançada na altura do quadril e tirou algo muito particular para ela.

— Assim como os escritores, roteiristas, pintores colocam muito de si em suas obras, nós bailarinas também. Veja. — Ela mostrou um pingente de ouro bem pequeno. — Este é o pingente de ouro que ganhei em meu primeiro concurso de balé, na Suécia, como o senhor falou. Tome, é seu.

Jean estendeu as mãos como se fosse receber a hóstia do padre Clint Nanfrew tentando não ser tocado por Sophie novamente. Ele percebeu que ela usava esmaltes de uma cor cremosa assim como Claudine, sua ex-mulher, adorava. Tentou elogiá-la, mas não conseguia emitir o som de uma só palavra.

JEAN-PAUL

Não sabia se devia aceitar aquele presente tão egrégio para Sophie. Na verdade nem sabia o que fazer naquele momento. Eu mais queria estar em uma cama king size cheia de almofadas

de veludo quente sem qualquer organização e com pijamas de manga longa. Tudo havia acontecido tão intensamente por aqueles dias que eu não tinha mais energia para aguentar mais nenhuma emoção forte naquela noite. *Ah! O que há Jean! Esperou por isso a vida toda! Talvez por isso você nunca conseguiu se matar. O homem que se apresentava como “Gérard Bachelier” deveria realmente morrer. Uma morte leve, um infarto agudo do miocárdio, sem dor, afinal, Gérard sofreu a vida toda,* pensava eu.

Reparei em uma tatuagem no ombro direito. Era uma borboleta com a letra “M”. Ela tinha um sorriso idêntico ao de Claudine. Era mais alta, mais loura, mais perfeita. Criamos uma afinidade criativa. Sim, eu inventava as maiores desculpas para tentar ressuscitar o velho senhor Gérard.

Uma jovem baixinha se aproximou com uma Zeiss Ikon de bolso.

— Uma foto? — ela disse.

— Claro! — Sophie respondeu.

Abraçamo-nos para foto. Will McWeber à esquerda, Eduardo, Sophie, Barbara e eu à direita. Não tive coragem de abraçar Sophie para o retrato que saiu na hora em preto e branco da Zeiss. Puta merda! Estava ficando velho. Há quantos anos não via uma Zeiss.

Ela era amável. Parecia imune aos aspectos tristes da vida. Sorria a todo o tempo e era totalmente paciente com minha hesitação desenfreada. Naquele momento eu era apenas um fã nervoso. Fiquei fascinado com sua energia em me acalmar sorrindo e contando fatos de assuntos corriqueiros da vida. Gesticulava sua mão fina e bem cuidada e acariciava meus braços que não respondiam ao meu comando mental.

EDUARDO ALMEIDA

Jornalistas do mundo todo queriam uma palavrinha de Sophie. Ela dizia que falaria com todos em seguida na entrevista coletiva em uma das salas preparadas do teatro.

— Estou dando atenção a um fã especial, agora não posso — ela disse.

— De quem é o roteiro? — perguntou Barbara.

— De Pierre-Chateaux. Um grande amigo — respondeu e Barbara assentiu.

Não tínhamos assunto. Na verdade, tínhamos muito o que falar, mas não sabíamos o que fazer. Sophie começou a achar aquilo engraçado. Víamos pela sua linguagem corporal. Ela pressionou um número de discagem rápida no telefone celular e pediu licença. Baixinho, disse que retornava às inúmeras ligações para dizer que aquela noite estaria ocupada.

— Homens... — disse ela brincando com Barbara.

— Você é casada?

— Solteiríssima! Nunca tive muito tempo para o amor. Os homens se assustam com mulheres que trabalham muito como eu, eu acho.

O silêncio que se fazia sentir a cada resposta de Sophie dava a entender que estávamos procurando perguntas para não deixá-la sair de perto de nós. E Sophie, não sairia dali enquanto não visse Jean mais calmo.

— Senhor Gérard, está mais calmo?

Ah claro. Ele havia mentido seu nome novamente em um murmúrio.

A curiosidade fazia cócegas nas mãos finas de Sophie. Ela reparou em uma marca familiar no rosto de Jean. Uma pinta minúscula e esquelada na região dos olhos onde a pele é mais sensível que outras partes do corpo, mas ela disfarçou. Muitas

pessoas têm manchinhas de sol no rosto — pensou provavelmente. Para mim era uma marca indefinível de cansaço e após horas tomando soro. Nada de mais.

— Senhorita Sophie, nosso amigo é seu fã número um. Ele guarda sua carreira toda dentro desta caixa quebrada. Ele é um amante da arte francesa e mundial.

— E ele sabe mais de você que qualquer outro no mundo. Inclusive você mesma.

— Que máximo, senhor Gérard, aceita um convite especial? Ganhei dois convites para jantar no Le Pré Catelan, agora, após a entrevista coletiva, e o senhor será o meu convidado especial!

— Esperei por este jantar por quase trinta anos; aceito!
— Foram as únicas palavras que Jean conseguiu dizer, além de ter mentido seu nome. Seguidos por algumas frases gentis de despedida de Sophie, eles se perderam abraçados em meio à multidão.

Le Pré Catelan, por ironia do destino, era o mesmo restaurante que naquele sórdido dia em 22 de setembro Jean e sua mulher haviam combinado de jantar.

Um ótimo lugar para reencontrar uma história perdida — pensei.

Vinte e nove

EDUARDO ALMEIDA

Quatro dias se passaram e eu voltaria para o Brasil em algumas horas. Meu táxi já estava estacionando e minhas malas já estavam na porta do albergue. Sempre tive problemas com despedidas, então sempre tento evitá-las dizendo um “até logo”, mesmo quando sei que não vou ver mais a pessoa. Isso não é falsidade, eu odeio despedidas e sempre vou odiar.

Meus olhos se encontraram com os de Barbara e ela sorriu. Ela não tinha noção como aquele sorriso me fazia bem. O que eu mais queria é que ela aceitasse meu pedido para vir para o Brasil comigo. Que largasse tudo: a bolsa de estudos na França, a faculdade na Islândia... “Mas e minha carreira? Minha arte? Minha família?”, gananciosamente eu pensava: “Foda-se tudo.”. Eu também tinha meus sonhos e assumiria um grande desafio como vice-presidente da Ore-North. Embora eu tentasse disfarçar aquilo que estava evidente na minha voz, não podia chorar!

Jean contou toda a verdade para sua filha enquanto a abraçava. Contou que ficou preso injustamente por quase trinta

anos, que foi para as ruas após ser solto de forma tímida pela polícia francesa, que era seu fã número um e que a amava desde seu primeiro suspiro. Ela demorou um pouco para acreditar ao ouvir tudo aquilo, mas seu coração falou mais alto. Sophie não estava entendendo nada. Barbara chorava junto. Por algum motivo técnico, assim como pensaria qualquer ateu como eu, as luzes do teatro se apagaram e apenas um feixe de luz amarelo iluminava Jean e Sophie. Por algum outro motivo, os espectadores daquele espetáculo acharam que aquela cena fazia parte do show e começaram a aplaudir sem ao menos ouvir o que Jean falava em seu ouvido. Foi lindo!

Pela janela grande do hall do albergue vi um carro preto dar seta e estacionar atrás do táxi que me esperava. A porta do passageiro se abriu e vi um senhor que mais se parecia um ator de Hollywood. *Quem é esse cara? Nunca vi por aqui... Alguma autoridade? George Cloney?* Enfim... Virei-me e...

— Achado não é roubado — disse Barbara ao levantar um de meus cachecóis verdes. Ela o colocou na frente das narinas e perguntou se poderia ficar com ele.

— Depende, se quiser me devolver semana que vem quando for para o Brasil...

— Tem seu cheiro aqui — ela disse.

— Mas e se eu morrer de hipotermia?

— Tome. — Ela jogou um cachecol vermelho com seu perfume direto no meu rosto. — Leve um meu também. Abri a boca para argumentar, mas ela levantou o dedo indicador. Tudo bem, eu gostei da troca.

— Eu tenho um grande problema com despedidas, pessoal — disse olhando para todos os integrantes da nossa seita que estavam no hall do albergue. — Eu as odeio. Hey, voz! Não vai falhar agora, porra! Eu me sinto como se estivesse em uma casa antiga no final da rua. Aquela que ficou fechada por

anos e acumulou poeira, destroços, solidão e animais mortos. Subitamente dentro dela, meu único desejo é sair correndo e abrir todas as portas e janelas para deixar o ar entrar em todos os cômodos, e fazê-los viver novamente. Pois é, é assim que me sinto. Quero abrir as janelas e pular no precipício achando que tenho asas para voar. Bem, obrigado por terem participado deste sonho maluco, de terem ouvido minhas histórias...

— Estarão sempre guardadas aqui — interrompeu Barbara, inclinando a cabeça e sorrindo secando as lágrimas com meu cachecol.

A vida nos prega peças às vezes. Quem diria que eu viajaria o mundo todo e na minha última cidade antes de voltar para o Brasil, Paris, encontraria uma seita? A seita que se reunia para realizar sonhos das pessoas.

— Vocês continuarão? — eu perguntei.

— Ainda nem começamos — respondeu McWeber.

Dispostos em círculo, era como se estivéssemos em uma aula de Educação Física em um colégio qualquer ou jogando “verdade ou desafio”. Vi entrar pela porta à direita atrás dos integrantes da seita aquele homem que descia do carro que vi pela janela. Ele estava acompanhado de uma bela jovem loura e alta que se parecia muito com a Taylor Swift.

— A seita não pode acabar aqui! — disse ele. — Cada integrante voltará para seu país de origem em breve. Barbara para Islândia. Tony para o País de Gales. McWeber para o Canadá. Eu ficarei por aqui, e darei continuidade nos trabalhos, realizando sonhos mágicos de pessoas mágicas da França. Esta será minha forma de agradecê-los por terem realizado o mais impalpável dos sonhos que dormiu dentro de mim por quase trinta anos.

— Jean? Sophie? São vocês? — perguntou Barbara com cara de espanto.

— Achou mesmo que não ia vir me despedir de você, Eduardo Almeida?

Jean-Paul Anzavour estava totalmente irreconhecível. Aquele semblante escurecido como nuvens de outono, franzino, triste, amargo, toldado havia dado o lugar a um senhor de meia idade, elegantíssimo e confiante. Eles voltaram juntos após o término do espetáculo no Olympia e após o recomeço de sua fragmentada e descontínua história. Jean chegou a pensar em parar em um hospital no caminho de volta com Sophie, quando ela o levava para sua casa, mas o coração havia aguentado e ela continuou a dirigir. Aquela sensação de “de volta para casa” que Jean não sentia há quase trinta anos o fez respirar novamente e sentir os aromas que estavam adormecidos dentro dele, dentre eles, o aroma do amor. Instintivamente Jean tocava seu peito para ver se o coração ainda batia e certificou-se que de infarto ele não morreria. Sim, o coração realmente aguentou.

Ela parou na portaria do prédio onde morava em um bairro nobre de Paris e orgulhava-se em mostrar seu pai para o porteiro que, conseqüentemente, não entendia nada, mas acenava. Jean não precisava mais esconder sua caixa misteriosa de ninguém e ela assim sendo, perdeu seu valor. As figuras, recortes de jornal e revistas, foram emoldurados e colocados em um dos corredores do grande apartamento de trezentos e muitos metros quadrados de Sophie. Nem mesmo ela tinha uma coleção tão completa de sua carreira.

— Nem sei como agradecê-los — disse Sophie ao pressionar os lábios segurando o choro.

— Não nos agradeça. — Barbara fez um gesto com as mãos.

Os minutos se passavam e eu tinha que deixar o albergue. Tudo era irrefutável e tão óbvio quando cheguei naquele local para passar alguns dias e só fui perceber muito depois. O nome do albergue, o nome da seita e o que acabou acontecendo por

lá. Tudo já estava escrito. E olha que eu não acredito nessas coisas de “era para acontecer”.

Entreí no táxi após abraçar todos os integrantes da seita e de dar um beijo de despedida em Barbara. Ah! Como doeu deixá-la lá, sozinha e sem proteção. Convenhamos! Ele tinha vinte e cinco anos e morava ali por dois anos, não era nenhuma criança, mas meu coração não pensava assim. Vai entender...

Liguei meu celular novamente após dias desligado e deixei as mensagens de texto caírem uma atrás da outra. O som me incomodava e deixei em modo avião. Muitos convites para coquetéis, entrevistas, reuniões do mundo todo, e a mais recente, que fez meu coração bater mais forte ao ler o nome na tela do aparelho, um coração enviado por Barbara logo que fechei a porta do carro. Ela sabia como me fazer sorrir sozinho. Mas bem, focaria nos negócios, ou pelo menos ia tentar.

Senti naquele momento que minha alma estava me devolvendo para o meu habitat natural. Vi o letreiro colorido do saguão do aeroporto indicar meu voo à direita do terceiro portão e a primeira classe, para onde eu segui, à esquerda. Era hora de Eduardo Almeida voltar a ser Eduardo Maddon e isso não ia mudar. No dia seguinte, acordaria na minha cama king size na minha mansão e seguiria o mesmo ritual de sempre — o qual eu não senti falta alguma nesses sessenta e poucos dias —, acordar, abrir os olhos, tirar a remela, escovar os dentes assistindo ao noticiário, tomar o café matinal feito pelos meus empregados, puxar alguns ferros na academia do meu condomínio enquanto leio as mensagens de textos no telefone celular, tomar uma ducha, me arrumar para o trabalho, aguentar bajuladores indolentes, transar mais uma vez com minha secretária — Srta. Elisa — enquanto ela dispersa o marido obeso que compra tudo o que ela quer, mas não a elogia pela manhã...

Meus dias começariam a ficar sem graça. Minha comida

começaria a ficar sem gosto. As pessoas começariam a falar ao meu lado e eu não entenderia uma palavra. E olha que eu adoro almoçar nos melhores restaurantes e sempre ao lado de belas mulheres. Assumiria a vice-presidência da maior mineradora das Américas e me pareceria faltar algo. Algo que eu tinha deixado para trás. Algo que eu tinha esquecido de buscar em um lugar que eu sabia exatamente onde estava.

Trinta

EDUARDO ALMEIDA

Um aroma efervescente e fecundo de café vindo da cafeteira da recepção me fez me lembrar de Barbara; que assim como um bico dosador em uma garrafa de vinho tinto, se tornou necessária na minha vida. Sexta-feira às 18h30. Um ano e meio se passou até que recebi aquele e-mail. Puta merda! *Um ano e meio já se passou?*

Srta. Thaís, uma nova estagiária que contratei estava debaixo de minha mesa, com minhas calças arriadas para baixo e com a boca no meu sexo. Ordenei que ela parasse; mas não. Não que não estivesse bom, muito pelo contrário, sentia arrepios deliciosos enquanto fazia um laço de seus cabelos na minha mão esquerda. Seu único propósito naquele momento era me fazer gozar. Meu único propósito naquele momento era ler aquele e-mail.

Eu disse pare novamente, ela pensou que estava brincando e continuou. Nua, Srta. Thaís sentou-se em meu colo e começou a rebolar toda molhada.

— O que disse ao seu namorado?

— Que ia foder com o presidente hoje depois do horário.

— Jura?

— Claro que não! Disse que ia direto do trabalho para faculdade.

Ela era linda, e safada. Com apenas dezenove anos transava como gente grande. Não sei, mas toda vez que eu gozava não queria mais olhar na sua cara. Ela sempre gozava primeiro que eu, então, não me importava em pedir para que ela se retirasse após eu gozar. Não foi eu que a escolhi no processo seletivo. Só disse que não queria garota feia. Escolheram bem. Ela malhava, tinha uma bunda enorme e durinha. Ela sabia disso e adorava quando eu cheirava seu traseiro e tirava sua calcinha por trás.

Ela tinha marquinhas de sol e dizia que seu namorado não aguentava fodê-la nem quinze minutos.

Ela continuava rebolando ávida após ter gozado pela segunda vez. A primeira enquanto eu a chupava em cima da minha mesa. Thaís trocou de posição e se sentou de costas para mim, com os pés descalços sobre a quina da minha mesa. Ela usava os pés e a quina da mesa para pegar impulso e bater a bunda nas minhas coxas cada vez mais forte. Via minha caixa de e-mails aberta e via o nome “Barbara Kempsson” em um e-mail que tinha acabado de cair. Um arrepio involuntário percorreu minha espinha e disse que ia gozar. Gozei.

— Pronto, agora vai que senão perderá sua aula.

Ela colocou a camisa, o blazer, os sapatos e sem calcinha pediu que eu desse um beijo de despedida no seu sexo. Não neguei.

De: Kempsson, Barbara.

Assunto: Exposição em Paris.

Data: 14 maio de 2013 18:31.

Para: Maddon, Eduardo.

*Olá Eduardo,
Como vai?*

Não sei se lembra de mim. Sou Barbara Kempsson. Ex-estudante de Artes em Paris, onde nos conhecemos cerca de um ano e pouco atrás. Vi você na tevê, aqui na França... Na verdade, você tem estado todo esse tempo na mídia internacional. Eu nunca pensei em te escrever, sei lá, não queria confundir ainda mais as coisas... Tem sido difícil, sabe? Acordar no albergue e não ter com quem falar. Na verdade tem muita gente por aqui, mas nenhuma dessas pessoas é você. Então acho que não tem “você” para falar. O quarto que você alugou na época já foi alugado milhares de vezes e sempre que passo pelo corredor, para levar minhas roupas para lavar, tenho vontade de bater na porta para ver se você tem roupas sujas para eu levar ao andar de baixo. Acordar tem sido chato. Minha cama anda vazia. O sótão nunca mais foi o mesmo. O cheiro do nosso sexo já não está mais lá e o fedor de mofo voltou após o termos expulsado sem comunicação prévia. Os lençóis de seda que tinha comprado para dormirmos estão na gaveta, voltei a usar os lençóis de algodão barato com a mesma fronha babada de sempre.

Vi que realmente realizou mais um de seus sonhos, a presidência da Ore-North. Sendo o mais novo da história da mineradora e o mais elogiado do mundo também! Você realmente trabalhou muito por isso, e mereceu! Parabéns!

Decidi escrever não por isso, até porque você já deve estar cansado de tantos elogios, mas para te contar uma novidade. No próximo dia dezoito, sábado, haverá uma exposição no Grand Palais aqui em Paris, na Avenue du Général Eisenhower. É a minha primeira. E última, antes de voltar para Islândia, e estou muito nervosa. Vou dividir a atenção com outros artistas contemporâneos do mundo todo, e tenho recebido muitos elogios da imprensa. Acho que o tema... Bom... Decidi criar pensando em você... Talvez goste.

Eu guardei na memória as histórias que nos contou. Os lugares que

viajou, na verdade, ainda me lembro de você nos contando! Com toda emoção e orgulho que teve... Você é realmente um homem muito corajoso!

Decidi retratar em minhas telas, a alegria de pessoas com nada e com tudo. Pintei moradores de ruas em paraísos ao redor do mundo... Do jeitinho que nos contava... Sei que deve estar trabalhando muito e muito ocupado. Não sei nem se um dia verá esse e-mail. Mas, de qualquer forma, você será muito bem-vindo por aqui! Apareça! ...

Sem antes terminar de ler o e-mail, apertei o interfone para minha secretária que ainda estava na recepção.

— Srta. Elisa. Por favor, compre uma passagem com urgência para Paris, devo embarcar ainda pela madrugada de amanhã.

— Claro, Sr. Eduardo. Mas e a reunião com os chineses e o encontro com o desembargador Vargas?

— Mande cancelar. Reserve aquela suíte que gosto no Shangri-la, um Audi A6 e duas passagens de volta para o Brasil depois do dia vinte. Uma em meu nome, e outra no nome de Barbara Kempsson.

— Sim, senhor.

Torça por mim! Pois estou torcendo por você a cada milésimo de segundo!

Ah, antes que eu me esqueça, o nome da exposição, claro!

Foi difícil escolher, pensei em muitos nomes. Pensei por dias e muitas pessoas tentaram me ajudar. Não sabia que era tão difícil, mas me lembrei de uma frase tua, quando almoçávamos e você tentava nos convencer de seus sonhos.

“Apostei com um morador de ruas no Brasil, certa vez, e perdi a aposta. Ele estava certo. Sim, a verdadeira felicidade está dentro de nós, e não em...”

Um lugar para morar”.

Nota do autor

DIEGO VEDOVATO FORTUNA

Eduardo é meu primeiro filho, na ficção. Ainda não tenho filhos e nem sou casado. Criar Eduardo foi algo fácil, embora trabalhoso. Quis criar um personagem enigmático, que não mostrasse sua personalidade já nos primeiros capítulos.

Quando Eduardo apostou com aquele morador de ruas em Maresias não foi apenas uma aposta, mas sim, o empurrão que ele precisava para realizar seu sonho de infância — viajar o mundo à procura de moradores de ruas. Esse era meu sonho e assim o realizei. Viajei por mais de trezentas cidades a procura desses seres tão reais e tão invisíveis ao mesmo tempo. Cada morador de rua, cada cidade, cada país; uma história incrível.

Eduardo não é herói, longe disso, é um ex-morador de ruas que deu a volta por cima e chegou ao topo, após a morte de seus pais que eram pobres. Ele é na verdade um personagem dentro de outro e ninguém sabe sua real identidade no mundo dos negócios. Isso o permite tramar e chegar aonde queria, no auge, antes dos trinta anos.

O livro “Um lugar para morar” é narrado por vários

personagens de pontos de vista diferentes, países diferentes, ideias diferentes que se juntaram em um ponto em comum, a realização de seus sonhos.

Quando eu estava em Paris, em meados de 2011, e disse para um grupo de jovens que eu havia acabado de conhecer em um albergue da juventude, que meu sonho “parisiense” era conhecer um morador de ruas e resgatar sua história, me acharam maluco. Perguntaram se eu era um fugitivo do hospício, inclusive. Quando conhecemos Jean (nome fictício) e soubemos de toda sua história, eles me agradeceram.

A felicidade não está realmente em “um lugar para morar”, a felicidade está dentro de nós e fico extremamente feliz por ter compartilhado essas histórias com outras pessoas. Alguns deles, meus professores de duas universidades que cursei, PUC Campinas e Universidade Anhembi Morumbi, ao apresentar em um trabalho de conclusão de curso um plano econômico para moradores de ruas do mundo todo. Os tirando da miséria e os devolvendo a dignidade. Até que um professor de Economia me pergunta de onde eu havia tirado aqueles relatos, bem como as fotos. Disse que eu era um viajante e que os relatos eram reais. Ele me disse:

— Por que não escreve um livro? Sempre quis saber o que houve com essas pessoas para irem para as ruas de cidades históricas ou não, mas nunca tive coragem de perguntar.

Confesso que na hora não dei muita importância e viajei poucos dias depois. Estava em Veneza, na Itália, e recebi uma mensagem de texto pelo telefone celular. “Já arrumei uma editora, a Multifoco, perfeita para o que você precisa!” — era o meu professor.

Não queria que o livro tivesse padrão. Afinal, a vida destes moradores de ruas é totalmente fora de qualquer padrão. As estrofes não têm padrão, bem como os capítulos não seguem

uma ordem lógica, o que dá mais vontade de ler achando que conseguirá desvendar os “porquês” da trama a cada capítulo. No decorrer do romance, você deve ir montando o quebra-cabeça até que os personagens se encontram, em Paris e realizam o sonho parisiense de Jean.

Portanto, aqui está minha primeira obra “Um lugar para morar.”.

Agradecimentos

DIEGO VEDOVATO FORTUNA

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus, primeiro por ter me dado a oportunidade de viver, segundo por ter aguentado meu fervoroso ateísmo até poucos anos atrás.

Adoção no Brasil é algo muito burocrático e difícil de ver todos os dias. Os adotantes geralmente buscam por crianças recém-nascidas, com olhos claros, pele branca e rostinho angelical. Então, tenho uma enorme dívida com meus pais adotivos. Oh, sim! Antes que eu me esqueça, eu sou adotado com muito orgulho pelo casal mais maravilhoso que conheci em vida, Dona Ana Lopes e Senhor José Nicolau, após ter completado a maioridade. Palavras nunca serão suficientes para expressar minha gratidão e carinho! Muito obrigado!

Aos meus irmãos adotivos que nunca briguei, por incrível que pareça, Giovanni, George e principalmente, Jefferson Nicolau. Aos meus irmãos de sangue, Danilo e Daniela, estes, que briguei a vida toda.

Grato ao Senhor Nelson Nadruz, publicitário, jornalista, advogado, escritor, o qual me deu a oportunidade de ser seu

aprendiz dando-me a chave de seu escritório para dormir enquanto não tinha onde e me deixou fazer parte de sua equipe em 2009.

Agradeço aos meus ídolos — meus professores — tanto da PUC em Campinas como da Universidade Anhembi Morumbi por onde estudei e estudo. Estes mesmos me deram a ideia maluca de transformar meu trabalho de conclusão de curso em um livro. Lembro-me que estava em Veneza, na Itália, e recebi uma mensagem no celular, “Já falei com a editora e querem te conhecer.”. Pensei comigo, “Legal, mas para quê?”. E a partir daí tudo aconteceu.

Um muito obrigado a Marina Avila que fez a capa de “Um lugar para morar.” Quando me mandou por e-mail alguns modelos, não tive dúvidas em escolher esta.

Agradeço Marcia Villas Boas, minha agente.

Agradeço Barbara Kempsson, Tony Mithfield, William McWeber... Que acreditaram no meu sonho naquela tarde fria em Paris. E claro, em especial a Jean-Paul Anzavour e Sophie Anzavour que me proporcionaram a oportunidade de assistir e fazer parte do filme mais emocionante que a cidade de Paris já presenciou.

Sou grato às pessoas pelos países que passei. Em especial aos que me ajudaram a encontrar as melhores histórias dos moradores de ruas nos lugares mais impossíveis. Como ao senhor de cabelos brancos e olhos azuis naquela rua linda da Dinamarca. Ao apelidado “Cafú” em um hotel que me hospedei em Milão, na Itália. A bela croata de cabelos longos e tão loiros que pareciam raios de sol na mais bela tarde de verão. Ao artista de rua em Amsterdam — nunca vi alguém sorrir tanto como aquele moço. Grato também àquele grupo de senhores na Polônia que além de uma aula de história, me ajudaram a encontrar uma das histórias mais fantásticas que já ouvi.

Agradeço especial a Editora Multifoco que desde o começo me auxiliou e ajudou muito no meu crescimento neste meu primeiro romance.

E a você, que de certa forma me fez acreditar ainda mais nos meus sonhos lendo este livro e espero do fundo do coração que você não se esqueça de realizar seus sonhos nesta vida.





Este livro foi composto em Bergamo STD pela
Editora Multifoco e impresso em papel offset 75 g/m².
